

UNICAMP

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**

ESDRAS MATHEUS SILVA MATIAS

**MICRORREALIDADES TRANSFORMADAS PELO TURISMO
EM SÃO MIGUEL DO GOSTOSO – RN**

Campinas

2017

ESDRAS MATHEUS SILVA MATIAS

**MICRORREALIDADES TRANSFORMADAS PELO TURISMO EM
SÃO MIGUEL DO GOSTOSO - RN**

Tese apresentada ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas como parte dos requisitos exigidos para obtenção do título de Doutor em Ambiente e Sociedade, na área Aspectos Sociais de Sustentabilidade e Conservação.

Supervisor/Orientador: Profa. Dra. ALINE VIEIRA DE CARVALHO

Este exemplar corresponde a versão final da tese defendida pelo aluno Esdras Matheus Silva Matias orientada pela professora Dra. Aline Vieira de Carvalho.



Campinas

2017

Agência (s) de fomento e nº (s) de processo (s): Não se aplica.

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Cecília Maria Jorge Nicolau - CRB 8/3387

M427m Matias, E.M.S., 1975-
Microrrealidades transformadas pelo turismo em São Miguel do Gostoso - RN / Esdras Matheus Silva Matias. – Campinas, SP: [s.n.], 2017.

Orientador: Aline Vieira de Carvalho
Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

1. Turismo - São Miguel do Gostoso (RN). 2. Historiografia. 3. Teoria dos sistemas. 4. Rio Grande do Norte - História. I. Carvalho, Aline Vieira de, 1981-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: Micro realities transformed by tourism in São Miguel do Gostoso,

Rio Grande do Norte/ Brasil

Palavras-chave em inglês:

Tourism - Sao Miguel do Gostoso (RN)

Historiography

Systems theory

Rio Grande do Norte - History

Área de concentração: Aspectos Sociais de Sustentabilidade e Conservação

Titulação: Doutor em Ambiente e Sociedade

Banca examinadora:

Aline Vieira de Carvalho [Orientador]

Aleix Altimiras-Martin

Flávia Luciane Consoni de Mello

Iara Lúcia Gomes Brasileiro

Bernadete Aparecida Caprioglio de Castro

Data de defesa: 01-02-2017

Programa de Pós-Graduação: Ambiente e Sociedade



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

A Comissão Julgadora dos trabalhos de Defesa de Tese de Doutorado, composta pelos Professores Doutores a seguir descritos, em sessão pública realiza em 01 de fevereiro de 2017, considerou o candidato Esdras Matheus Silva Matias, aprovado.

Aline Vieira de Carvalho, Dra.

Universidade Estadual de Campinas – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – Núcleo de Estudos e Pesquisas Ambientais (NEPAM)

Aleix Altimiras-Martin, Dr.

Universidade Estadual de Campinas – Instituto de Geociências – Departamento de Política Científica e Tecnológica (DPCT)

Flávia Luciane Consoni de Mello, Dra.

Universidade Estadual de Campinas – Instituto de Geociências – Departamento de Política Científica e Tecnológica (DPCT)

Iara Lúcia Gomes Brasileiro, Dra.

Universidade de Brasília – Centro de Excelência em Turismo – Núcleo de Sustentabilidade

Bernadete Aparecida Caprioglio de Castro, Dra.

Universidade Estadual Paulista (UNESP/Rio Claro) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas

A ata de defesa com as respectivas assinaturas dos membros encontra-se no processo de vida acadêmica do aluno

Campinas, 2017

Dedico essa pesquisa a todos os professores que fizeram parte da minha vida. A começar na minha infância, no bairro de Manaíra, com minha mãe ensinando as primeiras letras e ao meu pai nas aulas de natação no Clube Astrea. Depois disso, vieram muitos outros professores, que marcaram minha trajetória, deixaram seus ensinamentos, exemplos e influenciaram minhas escolhas. Sempre estive cercado por eles.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, pelo apoio, suporte e torcida. À minha mãe, pelo suporte administrativo, financeiro e emocional; ao meu pai, pelas boas conversas e por cuidar de Frida e Almodóvar na minha ausência.

Aos amigos torcedores que participaram ativamente nas longas conversas por telefone: Zalma Diniz, Ilana Barreto Kiyotani, Rachel Araújo, Anthony Andrey Ramalho Diniz, Renata Paes de Barros Camara, Luciano Dantas de Medeiros, Guilherme Vieira Ferreira, Túlio Barros, Plínio Guimarães de Sousa e Flávia Emília Leite de Lima.

Aos amigos que fiz nessa jornada aqui em Campinas: Érika Moura, Camila Dourado, Cristina Fachini, Samuel Zanesco, Thomas Miliou, Arelys Sotillo, João Carlos Carneiro, Patrícia Mariuzzo, Michele Renk e Mic Portela.

Aos companheiros de casa, Carlos Vitor Toledo e Rafael Augusto Gomes, pelos momentos de diversão e lazer da República Caféina.

A minha orientadora, Aline Vieira de Carvalho, por ter abraçado a causa e meu projeto, sempre respeitando e estimulando, com muito bom humor e gentileza, o árduo trabalho da tese.

À Unicamp, por oferecer serviços, infraestrutura, discussões e oportunidades que nenhuma outra universidade poderia oferecer.

Aos meus colegas da turma 2013, pelos encontros, conversas acadêmicas, reuniões e imersões.

Aos professores Lúcia da Costa Ferreira, Leila da Costa Ferreira, Jansle Vieira da Rocha, Ademar Romeiro, Simone Vieira, Cristiana Seixas, Sônia Seixas, Célia Futemma, Aline Vieira de Carvalho, Flávia Consoni e Maria Tereza Duarte Paes, pelo aprendizado nas dez disciplinas que tive o prazer de fazer.

Às valiosas contribuições do professor co-orientador da Universidade de Puebla, Benjamín Órtiz Espejel, que colaborou significativamente no redesenho da tese.

Quero agradecer a todos os funcionários do Nepam, sempre prestativos e resolvendo nossos problemas técnicos, entraves burocráticos e documentais: Waldinei Salvador, Maria de Fátima Rodrigues, Neusa Trevisan, Débora Campos e Fabrício Angel Nardi.

Aos funcionários das bibliotecas da Unicamp e UFRN, especialmente Maria Helena, da Biblioteca Central César Lattes (Campinas/Unicamp), Angelike Katherine Pereira da Silva, da Biblioteca Zilá Mamede (Natal/UFRN) e Adreilde Silva (Nepam/Unicamp).

A Valdirene Pinotti, da secretaria da Pós do Instituto de Geociências (IG) e aos funcionários do IFCH, especialmente à Márcia Goulart.

A professora Julienne Osias pela correção cuidadosa do português da tese

Aos professores de natação da Faculdade de Educação Física (FEF), Bruno Pignata, Marina Alfarano, Jade Akina, Maressa Vieira, Márcio, Ulisses Guima e Clarice, que me ajudaram nas águas da piscina a ter bons momentos de treinamento, descanso e relaxamento.

À Dona Olga Bender, que me recebeu como um filho na sua casa em Barão Geraldo, no meu primeiro ano do doutorado.

À UFPB, CCTA, DTH, PRPG e PROGEP, que me concederam afastamento das minhas atividades para realização do Doutorado. Especialmente aos professores Zulmira Nóbrega, Dinarte Varela, João de Lima Gomes, Márcia Félix e Élbio Trócolli.

Ao professor Severino Alves de Lucena Filho, pelo incentivo, força e torcida nessa trajetória acadêmica.

A todos os entrevistados em São Miguel do Gostoso (RN), que corroboraram para que este trabalho pudesse ser desenvolvido.

A Tânia Teixeira, Isabel Neri e Leonardo Godoy, por proporcionarem momentos de aprendizagem, prazer em escutar e emoção, ao falarem de São Miguel do Gostoso.

À hospitalidade e gentileza de Maria de Fátima Tertulino Neri e Emanuel Neri.

Aos amigos queridos João Roberto Scomparim e Claribel Alessi Rosa Scomparim, que me receberam como hóspede e me deram suporte no Chalé da Ponta do Santo Cristo.

Aos alemães Giselda Reimann e Berth Reimann, pelas conversas e agradável vizinhança no Chalé da Ponta do Santo Cristo.

A Maria Auxiliadora de Castro Silva (Dorinha), Cintia Silva de Sousa e Flavio da Silva Felix, pela hospitalidade e apoio operacional em São Miguel do Gostoso.

A Lucienne Lanaz, pela gentileza, pelo envio do vídeo Dona Anna – Des soins de sante primaires au nord-est du Bresil.

Ao fotógrafo Canindé Soares, por ter cedido gentilmente algumas imagens de São Miguel do Gostoso para a pesquisa.

Ao professor Aleix Altimiras Martin (Unicamp-IG- DPCT) pelas boas dicas de como construir um texto científico e pela oportunidade e experiência do PED.

A professora Iara Brasileiro, que avaliou juntamente com o professor Aleix, meu trabalho na pré-banca.

A todas as senhoras do sopão das quartas-feiras da Igreja Nossa Senhora Desatadora do Nós; à Equipe do Nosso Lar Campinas e ao T.E.U. Vó Benedita, que preencheram de aprendizado espiritual meu período em Campinas.

Ao companheirismo do Rui Gaino Junior.

Aos bons, muitas das melhores recordações nesses quatro anos...

GRÁVIDA

Marina Lima e Arnaldo Antunes

Eu tô grávida
Grávida de um beija-flor
Grávida de terra
De um liquidificador
E vou parir
Um terremoto, uma bomba, uma cor
Uma locomotiva a vapor
Um corredor

Eu tô grávida
Esperando um avião
Cada vez mais grávida
Estou grávida de chão
E vou parir
Sobre a cidade
Quando a noite contrair
E quando o sol dilatar
Dar à luz

Eu tô grávida
De uma nota musical
De um automóvel
De uma árvore de Natal
E vou parir
Uma montanha, um cordão umbilical, um anticoncepcional
Um cartão postal

Eu tô grávida
Esperando um furacão, um fio de cabelo, uma bolha de sabão
E vou parir
Sobre a cidade
Quando a noite contrair
E quando o sol dilatar
Vou dar a luz

MICRORREALIDADES TRANSFORMADAS PELO TURISMO EM SÃO MIGUEL DO GOSTOSO - RN

RESUMO

O Turismo é uma área essencialmente interdisciplinar, que busca suporte em outras ciências para consolidação dos seus estudos. Nesta pesquisa, alinhamos a Micro-História e a Teoria de Sistemas Complexos para entender as transformações das microrrealidades do município de São Miguel do Gostoso (Rio Grande do Norte). Microrrealidades são histórias de pessoas comuns que traduzem e elucidam aspectos microscópicos de uma realidade. Objetivou-se analisar como o contexto sociocultural, ambiental e econômico de uma localidade, pode ser transformado pelo fenômeno turístico. Como pilar metodológico optou-se pela pesquisa qualitativa. Realizou-se 52 entrevistas semiestruturadas com quatro grupos de atores (Donos de escolas e/ou guarderias de esporte à vela; constituintes do poder público municipal; integrantes de associações, ONG's e/ou comitês; representação religiosa e grupo de moradores com representatividade na história local). As imersões de campo ocorreram entre 2014 e 2016. Além disso, utilizou-se de observação direta participante, análise documental e material audiovisual. Os resultados da pesquisa ressaltam que houve transformações relevantes nas microrrealidades dos entrevistados. Dois fatos foram importantes para entender essas mudanças: a emancipação do município em 1993 e a chegada da primeira escola de *kite surf* nos anos 2000, que fomentou o turismo náutico. Os impactos mais proeminentes foram: esvaziamento das tradições culturais, aumento da especulação imobiliária e do custo de vida, poluição sonora, problemas de coleta de lixo e gestão dos recursos hídricos. Por outro lado, contribuições positivas foram enumeradas quanto à pluralidade de culturas, sensibilização e educação ambiental, visibilidade da cidade, conscientização política e engajamento socioambiental. Concluiu-se que as questões de ordem macro, como as políticas públicas de turismo no Nordeste, foram determinantes na reconfiguração das microrrealidades dos moradores locais. As microrrealidades socioculturais, econômicas e ambientais foram transformadas pelo fluxo turístico, definindo o turismo como a principal atividade econômica da região, relocando as forças de trabalho e projetando o município para o mundo.

Palavras-chave: Turismo; microrrealidades; Micro-História; Teoria dos Sistemas Complexos; São Miguel do Gostoso

MICRO REALITIES TRANSFORMED BY TOURISM IN SÃO MIGUEL DO GOSTOSO, RIO GRANDE DO NORTE

ABSTRACT

Tourism is essentially an interdisciplinary area that looks for support in other sciences for consolidation of its studies. In this study, we align Micro-History and the Theory of Complex Systems to understand the transformations of micro realities in the municipality of São Miguel do Gostoso, Rio Grande do Norte, Brazil. Micro realities are stories of common people that translate and bring to light microscopic aspects of reality. The study's objective was to analyse how the sociocultural, environmental and economic context of a locality can be transformed by the phenomenon of tourism. As a methodological pillar, we opted to use qualitative research. Fifty-two semi-structured interviews were carried out with four groups of actors (owners of schools and water sports' clubs; constituents of the municipal public body; participants from associations, non-government organizations and/or committees; religious representation and local residents that are representative of local history). The fieldwork occurred between 2014 and 2016. In addition to this, direct observation of the participants, documental analysis and audio-visual material was also used. The study's results highlighted that relevant transformations occurred in the micro realities of those interviewed. The following two facts were important for the understanding of these changes; the emancipation of the municipality in 1993 and the arrival of the first kite surf school in 2000, which motivated nautical tourism. The most prominent impacts were the following: the stripping away of cultural traditions, an increase in real estate speculation and the cost of living, noise pollution, and problems with rubbish collection and the management of water resources. On the other hand, positive contributions were reported in relation to the plurality of cultures, environmental sensitization and education, the visibility of the city, political awareness, and socio-environmental engagement. It can be concluded that the macro-level related questions, like the public policies for tourism in the Northeast, were determinants in the reconfiguration of residents' micro realities. The socio-cultural, economic and environmental micro realities were transformed by the flow of tourism, thus defining tourism as the region's main economic activity; relocating the forces of work and promoting the municipality to the world.

Keywords: Tourism, Micro Realities, Micro-History, Complex Systems Theory, São Miguel do Gostoso

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Representação de numa concepção de sistemas complexos.....	47
Figura 2: - Mapa do Nordeste com destaque para o Estado do Rio Grande do Norte.	64
Figura 3: - Evolução do IDHM do município em estudo num período de duas décadas	75
Figura 4: - IDHM comparativo entre municípios fronteiriços de São Miguel do Gostoso e a capital do Rio Grande do Norte	76
Figura 5: Pé de Cardeiro na Praia do Reduto em São Miguel do Gostoso.....	77
Figura 6: Mapa do Estado do Rio Grande do Norte com destaque para o Município de São Miguel do Gostoso.	80
Figura 7: Vista aérea do distrito Sede de São Miguel do Gostoso, com destaque para a Avenida dos Arrecifes	82
Figura 8: Prática do kite surf na Praia do Santo Cristo em São Miguel do Gostoso .	84
Figura 9: Pano bordado com artesanato de Labirinto	88
Figura 10: Barco artesanal em São Miguel do Gostoso	91
Figura 11: Placas de rua indicando pousada, restaurante e comércio local destinado ao turista internacional	94
Figura 12: Influência estrangeira no distrito do Reduto em São Miguel do Gostoso	95
Figura 13 - São Miguel do Gostoso em três fases.....	102
Figura 14: Nome das ruas relacionados ao mar	103
Figura 15: Propaganda da Praia da Pipa na revista Viagem e Turismo.....	108
Figura 16: Terreno à venda em São Miguel do Gostoso	117
Figura 17: Casa à venda na Avenida dos Arrecifes em São Miguel do Gostoso.....	118
Figura 18: Propaganda de São Miguel do Gostoso na revista Viagem e Turismo ..	119

Figura 19: Propaganda de São Miguel do Gostoso na revista Tam nas Nuvens.....	120
Figura 20: Placa anunciando futuras instalações de um Resort em São Miguel do Gostoso.....	123
Figura 21: Parque eólico São João (Voltália) na área rural de São Miguel do Gostoso	124
Figura 22: Parque eólico Carnaúba (Voltália) na área rural de São Miguel do Gostoso	125
Figura 23: Vista da Praia de Tourinhos no Distrito do Reduto com Parque Eólico ao fundo	126
Figura 24: Mapa de São Miguel do Gostoso com destaque para faixa de praia.....	127
Figura 25: Campanha de educação ambiental em Gostoso.....	131
Figura 26: O lixão de São Miguel do Gostoso	133
Figura 27: Trecho de orla de São Miguel do Gostoso	135
Figura 28: Nascimento das tartarugas marinhas dos ninhos protegidos.....	136
Figura 29: Vista aérea da Praia do Santo Cristo.....	140
Figura 30: Avenida dos arrecifes - Entrada da cidade.....	143
Figura 31: Igreja de São Miguel Arcanjo na Avenida dos Arrecifes, no Distrito Sede	147
Figura 32: Trecho da BR 101 que liga Natal à São Miguel do Gostoso.....	148

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Atores da pesquisa	51
Quadro 2: Roteiro das questões de entrevista para moradores nascidos na cidade	55
Quadro 3: Roteiro das questões de entrevista para moradores não nascidos na cidade	55
Quadro 4: Distritos de São Miguel do Gostoso.....	81
Quadro 5: Secretarias municipais de São Miguel do Gostoso - 2016.....	102
Quadro 6: Resumo dos dados de nidificação das tartarugas marinhas na orla de São Miguel do Gostoso	137

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Faixas de desenvolvimento humano segundo o PNUD (2014).....	74
Tabela 2: Evolução populacional (Gênero, rural e urbana) do município de São Miguel do Gostoso	79

SUMÁRIO

I - INTRODUÇÃO	15
1.1 EIXOS NORTEADORES DO ESTUDO	16
1.2 PROBLEMA E HIPÓTESE	20
1.3 OBJETIVOS	21
1.3.1 Objetivo Geral	21
1.3.2 Objetivos Específicos.....	21
1.4 ESTRUTURA DA TESE	22
II – DAS TEORIAS	24
2.1 TEORIA GERAL DE SISTEMAS E SISTEMAS COMPLEXOS	25
2.2 MICRO-HISTÓRIA: A TEORIA DO AUTORRETRATO	35
III – DOS MÉTODOS	44
3.1 Percurso metodológico	45
3.2 Tipo de abordagem, atores e instrumentos da pesquisa	50
3.3 Entrevistas semiestruturadas	53
3.4 Observação direta participante	56
3.5 Materiais audiovisuais e documentação	58
IV – MACRORRELAÇÕES E MICRORRELAÇÕES: ENTRE O OCEANO (RIO GRANDE DO NORTE) E A GOTA D’ÁGUA (SÃO MIGUEL DO GOSTOSO)	60
4.1 HISTÓRIA, TURISMO E POLÍTICAS PÚBLICAS	61
4.2 OS “VENTOS PROMISSORES” DE INDICADORES E DESENVOLVIMENTO ..	71
V- SÃO MIGUEL DO GOSTOSO: CAMINHOS DO VENTO	77
5.1 A HISTÓRIA DE UMA CIDADE MOLDADA PELOS VENTOS	78
5.2 TRANSFORMAÇÕES SOCIOCULTURAIS: A VILA, O DISTRITO E O MUNICÍPIO	86
5.3 PALAVRAS AO VENTO : TRANSFORMAÇÕES CULTURAIS NAS MICRORREALIDADES	92
5.4 O DISTRITO QUE VIROU CIDADE: EMANCIPAÇÃO, POLÍTICA E DESENVOLVIMENTO	100
5.5 NÃO À PIPARIZAÇÃO? UMA CIDADE QUE CORRE CONTRA O VENTO	106
5.6 TURISMOS: QUEM SEMEIA VENTO COLHE TEMPESTADE?	112
5.7 O SOPRO DO VENTO: ESPECULAÇÃO IMOBILIÁRIA E TRANSFORMAÇÕES ECONÔMICAS	116
5.8 TRANSFORMAÇÕES SOCIOECONÔMICAS: A ENERGIA DOS VENTOS	124
5.9 TRANSFORMAÇÕES AMBIENTAIS: O LIXO, A ÁGUA E O MAR	129
5.10 LUGARES DE MEMÓRIA: RECORDAÇÕES QUE O VENTO NÃO LEVOU	139
5.11 O FUTURO DOS VENTOS: SOBRE OS PRÓXIMOS DEZ ANOS, PARTIR OU FICAR?	141
CONSIDERAÇÕES FINAIS	148
REFERÊNCIAS	156

O cheiro do mar me invadia e me embriagava. As algas boiavam. Oh, bem sei que não estou transmitindo o que significavam como vida pura esses banhos em jejum, com o sol levantando pálido ainda no horizonte. Bem sei que estou tão emocionada que não consigo escrever (...) E eu fazia o que no futuro sempre iria fazer: com as mãos em concha, eu as mergulhava nas águas, e trazia um pouco do mar até minha boca: eu bebia diariamente o mar, de tal modo queria me unir a ele (LISPECTOR, 2010, p. 19).

I - INTRODUÇÃO

1.1 Eixos norteadores do estudo

Quem nasceu próximo do mar carrega em si uma aura de lembranças e significados, sonoridades e uma certa brisa que acalenta as histórias de infância. Clarice Lispector¹ traduz essa inspiração, que também me entusiasma ao contar essa história desenhada pelos movimentos das marés e dos ventos.

Quantas histórias podem ser contadas sobre um lugar, um acontecimento ou uma tragédia? Que histórias chegam até nós, por quais meios e narrativas? Como e por quem essas histórias são escritas? Para o historiador Peter Burke “os registros oficiais em geral expressam o ponto de vista oficial” (BURKE, 1992, p.13) e muitas histórias se perdem nas entrelinhas do cotidiano. Embora não descartemos os registros oficiais, procuraremos narrar uma história contada por vários personagens. Os protagonistas da nossa história são os atores que vivenciaram as transformações de uma cidade pelo turismo.

Cada cidade tem sua própria história, ou histórias. A história contada pelos órgãos oficiais e estruturas de poder, e outras, muitas, contadas pelas diversas realidades do lugar ao longo do tempo. A história do lugar é a história do seu povo, suas relações com o meio e entre si e as reconstruções cotidianas de pertencimento. Assim como o movimento das ondas e das areias, a cidade também muda, ganha outros sentidos e paisagens, sons e costumes, redesenhados por meio das interações e da dinâmica socioambiental. Aquilo que comumente chamamos de natureza e cultura forma um complexo e emaranhado jogo, mutante e imprevisível.

Antes de ser um destino turístico, um lugar é um recanto único, onde repousam enredos do cotidiano, repletas de falas e vivências. Essas realidades escondidas atrás das cortinas de cada olhar, cada evento, cada paisagem, revelam pequenas descobertas de micro-histórias a serem contadas. A Micro-História de um povo está conectada com a de outros povos e, para o historiador, educador e folclorista colombiano Javier Ocampo López (2009, p. 224), “são as histórias

¹ Escritora falecida em 1977, autora da crônica “Banhos de mar”, da coletânea de crônicas presentes no livro Clarice na Cabeceira.

conectadas que mundializam os problemas e aprofundam os horizontes interpretativos”.

Embora cada lugar, cada canto, tenha sua construção histórica peculiar, desenhada ao longo dos tempos, esse contexto é fruto de uma série de elementos de um ambiente macro. A menor partícula de um lugarejo não está desconectada dos fatos históricos em nível nacional e mundial, como um ambiente sistêmico. Ao contar-nos sobre os banhos de mar, as pisadas na areia da praia e os cabelos salgados colados à cabeça, Clarice Lispector reproduz uma fração de uma Olinda do século passado, que não existe mais. Porque a História de um município é um fragmento de história de escalas maiores, resultantes de um contexto mais amplo. Assim, “Es necesario comprender históricamente la conexión de lo individual, local y nacional, con lo continental y mundial, lo cual señala que todos los hechos se articulan y rearticulan constantemente” (OCAMPO LÓPEZ, 2009, p. 225).

O nosso recorte dessa realidade micro visa a compreender os aspectos inerentes de uma localidade que se torna cidade, após ter sido vila e, posteriormente, distrito por muitos anos. Não é apenas um recorte político geográfico, mas uma tentativa de enxergar uma realidade que foge ao olhar convencional. Para o historiador francês Jacques Revel, uma convicção da Micro-História é o entendimento de uma escala menor de compreensão social, uma escala peculiar: “ a inclusão de uma trajetória individual (a de um homem ou de um grupo de homens) numa multiplicidade de espaços e de tempos sociais, pelo novelo de relações que se criam em volta dessa trajetória e dão-lhe sua significação” (REVEL, 2010, p. 439).

Revel (2010) acentua que a escala menor não significa um estudo de objetos em tamanhos menores, mas esclarece as dimensões das contribuições de outras narrativas e os conhecimentos gerados por essa nova perspectiva. Corroborando essa assertiva sobre escala, o historiador José D’Assunção Barros, expõe que:

Embora não seja possível enxergar a sociedade inteira a partir de um fragmento social, por mais que ele seja cuidadosamente bem escolhido, será possível – dependendo do problema abordado – enxergar *algo* da realidade social que envolve o fragmento humano examinado (BARROS, 2007, p.171, grifo do autor).

As microrrealidades não podem ser protegidas das vibrações externas, das ressonâncias cíclicas, dos processos sísmicos globalizantes. O efeito das grandes

marés pode não ser imediato, mas ocorre. É sistêmico. Por outra perspectiva, os macrofenômenos chamam mais atenção do que histórias em escalas menores. As grandes realizações, as pesquisas avolumadas, os censos e as estatísticas impressionam pela quantidade, mas perdem em profundidade.

Nossa intenção também se estabelece na interpretação do espaço vivido por meio de uma análise da Teoria dos Sistemas Complexos, proposta por García (2006). Mas por que Sistemas Complexos? Ao pensarmos uma cidade e suas intermináveis subdivisões e interações contínuas, a teoria desenvolvida pelo professor e físico argentino Rolando García também se mostra adequada para interpretar os processos, níveis e elementos (esmiuçados mais à frente na tese). A complexidade da heterogeneidade e a mútua dependência dos elementos de um sistema (GARCÍA, 2006) aplicam-se à cidade em estudo e seus subsistemas interativos. Além de que, a prática de investigação dos sistemas complexos repousa na interdisciplinaridade para sua compreensão de totalidade. O esforço dessa articulação e a prática permitem-nos descobrir e estabelecer as relações entre as partes constituintes do sistema. A cidade é um recorte e “A esos recortes hoy los denominamos sistemas y los definimos más precisamente como la representación de un conjunto de situaciones, fenómenos, procesos, que pueden ser modelizados como una totalidad organizada (...)”² (GARCÍA, 2006, p.79).

O que nos instiga nessa investigação é o cruzamento das abordagens macroanalítica e microanalítica nesse tabuleiro de processos que se confluem e desaguam, ambos, no indivíduo. De um lado, as mudanças decorrentes de fatores globais, que reverberam em escalas menores e ultrapassam fronteiras. Por outro lado, microrrealidades, que geram seus próprios fluxos, suas regras e movem-se mais lentamente nesse tabuleiro. Esse mosaico de micro-histórias guia-nos, na tentativa de traduzir efeitos de um turismo no dia a dia de um povo, que não por vocação, mas por adaptação, precisou lidar com metamorfoses de uma cidade jovem, ainda em processo de consolidação.

Uma cidade escolhida como estudo de caso, mesmo que pequena, é um grande desafio devido as suas proporções e intermináveis correlações, dispersões e

² Para manter a originalidade das transposições dos textos dos autores pesquisados, optou-se por não traduzir as citações dos artigos e livros em língua estrangeira transcritos na íntegra, a fim de manter os sentidos peculiares de cada língua. Salvo caso de Bertalanffy (2006), que a obra consultada era em espanhol.

ramificações. A cidade é um bom símbolo de um sistema complexo, onde partes integrantes se somam para seu pleno funcionamento. Em São Miguel do Gostoso, optou-se por adotar o Distrito Sede como uma fração de investigação. Essa quota retrata a área do município que mais foi afetada pelas mudanças de caráter macro. Embora nosso estudo não tenha como objeto o estabelecimento da energia eólica, cabe ressaltar que a instalação dos aerogeradores e o turismo foram duas forças que alteraram definitivamente a paisagem, o modo de vida, a economia da região, as microrrealidades do povo. Os fios medulares da nossa pesquisa estão conectados à discussão da Micro-História e da Teoria dos Sistemas Complexos, na tentativa de entender como as microrrealidades dos cidadãos litorâneos foram modificadas pela atividade turística.

Municípios de praia têm características similares, mas carregam em si composições identitárias muito distintas. Impossível comparar comunidades costeiras, impregnadas de saberes, construções e patrimônios tão diferentes, mesmo pertencentes ao mesmo Estado. No decorrer da pesquisa, foi possível sentir a relação dos “gostosenses” com sua terra, seu espaço, sua história contada de geração em geração, suas lutas, tudo moldado pelos fortes ventos.

A pesquisa sobre São Miguel do Gostoso nasceu de uma afinidade com essas transformações em regiões de praia, que, camufladamente, modificam nossos cotidianos, ocupam nossos espaços e nos tornam reféns de uma especulação imobiliária. A relação dos nativos³ com sua terra, somada às belezas naturais, e uma inquietação sobre o entendimento desse microssistema frente ao turismo eclodiram nesta tese. Como os nativos sentiram, em suas microrrealidades, essas modificações advindas desse fenômeno turístico?

Outra razão para a realização dessa investigação fundamenta-se no aporte teórico para o fortalecimento dos estudos em Turismo no Brasil. O Turismo é fruto desses novos tempos, acelerados, consumistas, pulverizados de informações e de envolvimento epidérmicos. Nessa conjuntura, é um dilúvio interdisciplinar, sem âncoras firmadas, que necessita de um diálogo com outras ciências devido a suas inúmeras interfaces. O Turismo é muito mais do que simplesmente viagem,

³ O termo nativo é usado normalmente em São Miguel do Gostoso para designar os nascidos na cidade. Não há, no uso dessa palavra, nenhuma conotação de segregação ou ênfase pejorativa.

entretenimento e lazer, é um campo de estudo rico, que, de modo híbrido, permeia diversas áreas de conhecimento.

O próprio termo hibridação faz-nos repensar sobre preconceitos, rejeições e críticas a outras formas de pensar, crer e fazer. O entroncamento das religiões, das expressões artísticas e midiáticas, dos estilos e das formas de consumo torna as sociedades cada vez mais como ondas interconectadas, sistêmicas. O Turismo é uma atividade que propicia esse tipo de miscigenação cultural, de fronteiras mais tênues e trocas mais constantes. “A cidade não se constitui apenas pelo que acontece em seu território, mas também pelo modo como migrantes e turistas, mensagens e bens procedentes de outros países a atravessam” (GARCÍA CANCLINI, 2008, p.90). Esse é o cenário da hibridação turística, sem enxertos, mas como uma composição heterogênea mutante.

Essas novas formações serão observadas no nosso trabalho, nos vestígios das palavras, nas novas composições de uma sociedade em processo de autoconhecimento e afirmação.

1.2 Problema e hipótese

Tanto a Micro-História como os Sistemas Complexos veem a realidade configurada dentro de relações que não podem ser avaliadas isoladamente ou desconectadas de variáveis políticas, econômicas, ambientais e/ou sociais. Enquanto os Sistemas Complexos se atentam aos fluxos intensos e seus impactos entre os níveis, elementos e estrutura, a Micro-História reconhece a vida comum pautada nas relações do cotidiano, do homem comum, da família e da sua terra, “un puñado de hombres que se conocen entre sí, cuyas relaciones son concretas y únicas” (ARIAS, 2006, p. 181).

Partindo desses dois sustentáculos, formula-se a seguinte pergunta: como e em que momento da história da cidade, os elementos constituintes do primeiro nível do sistema complexo (moradores) foram atingidos nas suas microrrealidades pelos fluxos dos outros níveis (macrorrealidades) quanto às mudanças provindas da atividade turística?

A chave mestra da inter-relação das duas abordagens é entender como o micro é influenciado pelo macro e como o macro atinge essas interações. Como hipótese se estabeleceu: os moradores de São Miguel do Gostoso sofreram as transformações das suas microrrealidades a partir da chegada do turismo náutico.

1.3 Objetivos

1.3.1 Objetivo Geral

- Analisar como as microrrealidades dos indivíduos foram modificadas pela atividade turística no município.

1.3.2 Objetivos Específicos

- Averiguar as influências mais relevantes de segundo nível (regional e nacional) e do terceiro nível (internacional e global) na dinâmica de São Miguel do Gostoso;
- Identificar e analisar as transformações socioculturais, econômicas e ambientais mais relevantes depois das intervenções do Turismo no município;
- Relacionar Micro-História e Sistemas Complexos para entendimento dos estudos em Turismo.

1.4 Estrutura da tese

O primeiro capítulo do nosso trabalho apresenta os eixos norteadores do estudo, nossas âncoras e velas, que nos direcionarão para o entendimento desse complexo contexto que envolve as microrrealidades de uma cidade transformadas pelo turismo. Como subseções capítulo, definiram-se os objetivos, a problemática e a hipótese.

O segundo capítulo apresenta os eixos teóricos que basearam nossa discussão. Trabalhamos com a abordagem da Micro-História, cujos pilares foram fundamentados pelos precursores autores italianos, além de um levantamento que deu prioridade aos pesquisadores latino-americanos os quais vêm trabalhando a Micro-História nas suas publicações. Na Teoria dos Sistemas Complexos, o nome que emerge é do argentino Rolando García. Tomou-se um ponto de partida esclarecer a Teoria Geral de Sistemas do austríaco Bertalanffy, para, posteriormente, adentrar na abordagem argentina dos estudos.

O terceiro capítulo abrange o aporte metodológico, descrevendo o tipo de pesquisa, a explicação das teorias para suporte metodológico, os atores, tipo de pesquisa, instrumentos, procedimentos e materiais de suporte.

O quarto capítulo, procurou-se, já tendo as duas abordagens como suporte, apresentar o Turismo no contexto do Estado do Rio Grande do Norte. No universo macro, nosso recorte do Estado foi evidenciar um breve histórico da sua formação e fundação, alguns indicadores e as políticas públicas de turismo, já que incidem diretamente sob nosso objeto, frisando que outras dimensões, também importantes, mas não essenciais⁴, foram descartadas do nosso levantamento.

O quinto capítulo apresenta a cidade de São Miguel do Gostoso e os resultados das imersões da pesquisa, com as entrevistas e um acervo fotográfico da localidade. Aqui, esmerou-se em, além de transcrever os resultados, fazer os devidos alinhamentos e cruzamentos com teorias que nos dão esclarecimentos sobre os comportamentos dos atores. Tomou-se a liberdade de, além de abordar as bases teóricas centrais que regem nossa pesquisa, apresentar dois temas que foram recorrentes nas entrevistas: a relação do Turismo com o desenvolvimento e com a

⁴ Aspectos quantitativos do turismo, questões demográficas e urbanistas do Estado do Rio Grande do Norte.

cultura. Aqui, essas discussões são como escotilhas de acesso às considerações finais do nosso texto.

As considerações finais, a última seção da pesquisa, traz o fechamento do nosso trabalho, a costura e as discussões finais, as limitações, as recomendações, as sugestões e perspectivas para novas pesquisas, com o referencial escolhido para o sustentáculo das nossas ideias e derivações.

II - DAS TEORIAS

2.1 Teoria Geral de Sistemas e Sistemas Complexos

Para o biólogo austríaco Ludwig von Bertalanffy, sistema é um conjunto de elementos em interação dinâmica (2006). Essa movimentação reflete os fluxos de entrada e saída, que incentivam as relações dentro do sistema. A dinâmica de uma cidade transformada pela atividade turística é uma concepção sistêmica. O caráter complexo de uma cisão da realidade está dado pelas inter-relações entre os elementos, cujas funções dentro do sistema não são independentes (GARCÍA, 2011).

Para García (2000b), o sistema atua baseado em três níveis. O primeiro nível envolve as relações mais diretas com as pessoas; o segundo nível, ou metaprocessos, as questões associadas ao seu entorno mais direto, e o terceiro e último nível abrange as políticas de caráter nacional, flutuações de mercado, internacionalização e situações de maior magnitude, que, embora não incidam imediatamente sobre a realidade local, atingirão sua dinâmica com o tempo.

Partindo de uma concepção da Teoria de Sistemas Complexos, de que o funcionamento de uma cidade é resultante da coordenação das funções que desempenham suas partes constitutivas, optou-se analisar o caso por meio de dois pilares: uma perspectiva de Sistemas Complexos e outra pela abordagem da Micro-História.

A palavra sistema é um coringa, um termo camaleônico, de diversos usos, abusos⁵ e interpretações. A usabilidade do termo sistema é diversa e amplamente adequada aos mais inúmeros contextos das ciências e sua práxis. O vocábulo emana uma torrente de readequações a mundos múltiplos, onde sistema responde tanto ao senso comum, como à academia, resumindo e agrupando entendimentos díspares, lineares, não lineares, simples, complexos, disciplinares e interdisciplinares. Para o físico mexicano Pedro Eduardo Miramontes, da Faculdade de Ciências da *Universidad Nacional Autónoma* do México:

La palabra sistema parece ocupar un lugar privilegiado en el léxico de las ciencias, tanto naturales como sociales. Este hecho, en lugar de ser un agente aglutinador de disciplinas ajenas, es un ingrediente de confusión y

⁵ Quando nos referimos a abusos, queremos explicar que o termo sistema tem sido usado indiscriminadamente para tudo, sem critérios ou explicações devidas

dispersión, pues el significado del término es distinto en diferentes áreas del conocimiento (MIRAMONTES, 2014, p.84).

O nome do biólogo austríaco Ludwig von Bertalanffy é atribuído com certa concordância quando se trata cientificamente da terminologia da Teoria Geral dos Sistemas (TGS) e sua difusão (PANOSSO NETO, 2011). Embora os postulados da Teoria Geral de Sistemas tenham surgido em meados dos anos 1920 e apresentados preliminarmente em 1937, para Mario Iván Tarride (1995) “ Fue Bertalanffy, quien en la década de 1940 lanzó el desafío de la construcción de una especie de metadisciplina que denominó Teoría General de Sistemas” (TARRIDE, 1995, p. 50).

No pós-guerra a disseminação da Teoria Geral de Sistemas influenciou a construção de outras teorias, como a teoria da computação, teoria dos compartimentos, teoria dos conjuntos, teoria dos gráficos, teoria das redes, teoria da informação, teoria dos jogos, teoria da decisão, teoria cibernética, teoria das catástrofes, dentre outras (BERTALANFFY, 2006). A matriz dessas teorias parte de um desdobramento e uma raiz comum: a ideia de sistema.

Essa concepção vinda da Biologia migrou para outras áreas, sendo aplicada também na Matemática, Física, Química, Sociologia, como também na Psicologia, na Economia, Administração e no Turismo (VELASQUEZ e OLIVEIRA, 2016; PANOSSO NETO, 2011). Para Pierre Delattre (1981), a propalação da teoria de sistemas deu-se primeiramente pela Biologia, mas alçou outros terrenos férteis nas ciências mais fechadas (exatas) e nas ciências humanas. “ De um ponto de vista histórico e epistemológico é interessante observar que a nova corrente de ideias surgiu principalmente a partir dos problemas da biologia” (DELATTRE, 1981, p. 13). Termos próprios da biologia, como entropia negativa, morfogênese, adaptabilidade e resiliência, foram readaptados e reconfigurados a outros modelos teóricos de outras áreas.

Os estudos de Bertalanffy influenciaram teóricos e pesquisadores das mais diversas áreas, como Daniel Katz & Robert Kahn, Edgar Schein, Charles West Churchman na Teoria da Administração, Jean Piaget, Herbert Alexander Simon e Burrhus Frederick Skinner na Psicologia, Walter Frederick Buckley na Sociologia, William Ross Ashby e Norbert Wiener (ambos na Cibernética), Niklas Luhmann nas Ciências Sociais, dentre outros. De acordo com Delattre (1981) o caráter interdisciplinar da Teoria de Sistemas é uma tentativa de absorver métodos e

conceitos de outras disciplinas e “constituir a ossatura de uma linguagem mais ou menos unificada” (DELATTRE, 1981, p.23). Como afirma o próprio Bertalanffy, “Estas construcciones teóricas ampliadas y generalizadas, estos modelos, son interdisciplinarios: trascienden los compartimentos ordinarios de la ciencia, y son aplicables a fenómenos en diferentes campos” (BERTALANFFY, 2006, p. 97).

Cabe ressaltar que nem todo sistema é complexo. Na opinião de Nazuno (2008), os sistemas complexos diferem dos sistemas convencionais, dito simples, pelas seguintes características: primeiro devido à quantidade de variáveis, que naturalmente o torna abstrato; segundo porque as interações não são lineares e não se resolvem com procedimentos matemáticos; terceiro porque o entendimento das partes não é necessariamente assaz para compreensão do todo (NAZUNO, 2008). Para Fenzl e Machado (2009, p. 61) “ a ideia de sistema complexo nasceu da percepção que a realidade do mundo que observamos é composta por sistemas cujas características são definidas pelas relações entre os seus espaços internos e externos”.

Nos estudos sobre sistemas complexos é importante frisar que não existem sistemas iguais, ou que reagem igualmente às intempéries do ambiente ou tampouco que tenham elementos idênticos. Cada sistema tem seu grau de singularidade, originalidade, imprevisibilidade e reatividade, que é proveniente de variáveis não controláveis ou dimensionáveis, como tempo e espaço. Para o sociólogo alemão Niklas Luhmann (2010) “ Um sistema pode ser mais complexo do que outro em uma dimensão, enquanto este último pode tê-lo em outra: um pode ter mais relações, o outro, mais elementos, ou mais possibilidades de mudanças entre os elementos” (LUHMANN, 2010, p.187).

Além disso, os sistemas não atuam nem podem ser considerados isolados, porque trocam energia com o ambiente, transformam-se, esgotam-se, regeneram-se, têm sua própria dinâmica e hierarquia (BERTALANFFY, 2006). As premissas promulgadas pela TGS fundamentam que sistemas existem dentro de sistemas, sistemas são abertos, e as funções deles dependem de sua estrutura (BERTALANFFY, 2006).

De acordo com Sichman (2015), as principais características dos sistemas sociais complexos são:

a) Não linearidade: padrões de interação entre indivíduos diferentes raramente seguem regras lineares; b) Múltiplos níveis de abstração: podem-se visualizar e analisar tais sistemas adotando a perspectiva de diferentes níveis de abstração, que vão desde indivíduos a entidades coletivas; c) Emergência: o comportamento de todo o sistema dificilmente pode ser predito *a priori*, dado que interações locais podem resultar em alguns fenômenos emergentes dinâmicos; d) Sistemas abertos: em sistemas complexos reais, é frequente o caso em que indivíduos possam entrar e sair dinamicamente do sistema, em uma governança global (SICHMAN, 2015, p. 98).

A não linearidade para Rand (2015) significa que “sistemas complexos, muitas vezes, têm de ser considerados como sistemas holísticos, nos quais não é possível simplesmente avaliar o impacto de cada um dos componentes individuais separadamente” (RAND, 2015, p. 49). A ideia do todo e das partes levantada por Bertalanffy (2006) emerge outra vez nessa definição. Quanto aos níveis de abstração descritos por Sichman (2015) podemos analisar efeitos reativos e comportamentais presentes numa cidade, diferentes para cada elemento ou conjunto de elementos que compõem o sistema. As propriedades emergentes revelam que as ações, tanto do coletivo quanto do individual, não podem ser dimensionadas minuciosamente dentro do sistema. Livre arbítrio, súbitos comportamentos ou imprevisibilidades, não podem ser antecipadas ou previstas. Por último, o fluxo de entrada e saída de elementos dentro dos subsistemas e dos sistemas, não pode ser impedida ou delimitada. Além de que, um indivíduo pode participar do sistema, sair dele e retornar, sem nenhum tipo de restrição.

Outro aspecto relevante é que não existem sistemas inabaláveis e/ou protegidos, porque eles são abertos. Para Luhmann (2010) a perfeição é um preceito improvável do sistema, visto ele não tem a capacidade de resposta sincronizada às perturbações do ambiente. “ O meio é sempre mais complexo do que o próprio sistema” (LUHMANN, 2010, p.184). O biônimo estabilidade/perturbação (Luhmann, 2010; Ortíz Espejel et al, 2011; García 2000a) tende a ocorrer para o funcionamento de um sistema aberto, já que “ os estímulos provenientes do meio pode modificar a estrutura do sistema” (LUHMANN, 2010, p.63). Se pensarmos numa cidade, as mutações, transformações e hibridações de um contexto socioambiental, mexem com as bases estruturais do sistema, levando-os a uma regeneração e readequação.

Um terceiro aspecto apresentado por Niklas Luhmann (2010) é a seletividade. A complexidade do sistema gera automaticamente um processo

seletivo, que está presente nas hierarquias, na comunicação, nas relações. Ao imaginarmos uma cidade, a tendência visível é o distanciamento dos vínculos, porque naturalmente o sistema vai impondo limites de interações possíveis. “Como as relações possíveis entre os elementos aumentam quando o sistema cresce, apresentam-se limites drásticos na capacidade de relação dos elementos” (LUHMANN, 2010, p. 184).

Compreender a complexidade dos sistemas é perceber que todas as totalidades, processos e possíveis acontecimentos (LUHMANN, 2010), não podem ser de fato mensurados devido a própria limitação de decompor todas as possibilidades. O sistema de uma cidade envolve os aspectos de política, de planejamento, de livre arbítrio e capacidades de entendimento, que ultrapassam qualquer concretude de um postulado teórico.

A maneira mais acessível de entender a complexidade é pensar, primeiramente, no número das possíveis relações, dos possíveis acontecimentos e dos possíveis processos. Imediatamente, compreender-se-á que cada organismo, máquina e formação social, tem sempre um meio que é mais complexo, e oferece mais possibilidades do que aquelas que o sistema pode aceitar, processar ou legitimar” (LUHMANN, 2010, p. 184)

A própria heterogeneidade da compreensão dos sistemas complexos requer um estudo interdisciplinar (DUVAL, 2014; GARCÍA, 2006, ORTÍZ ESPEJEL, 2011). Apesar das diferentes fronteiras e abordagens, os estudos em sistemas complexos compactuam com terminologias e definições.

El enfoque de sistema complejo implica que los problemas abordados están determinados por la interacción de múltiples factores, es decir, que su visión será incorrecta si ésta se basa en informaciones parciales elaboradas separadamente en campos disciplinarios distintos (DUVAL, 2014, p. 80).

Para o físico argentino Rolando Victor García Boutique (2006), os componentes dos sistemas complexos abrangem os elementos, as estruturas e os limites (GARCÍA, 2006). Ao mesmo tempo em que não é possível entender todo o funcionamento do sistema complexo, também não é possível a interação entre todos os elementos desse sistema.

De acordo com Buckley (1971), os elementos do sistema se relacionam direta ou indiretamente numa rede causal, e “As interrelações entre eles podem ser

mútuas ou unidirecionais, lineares ou intermitentes, e variar em graus de eficácia ou prioridade casual” (BUCKLEY, 1971, p.68). Vale salientar que as mudanças dos elementos possuem duas partes:

Una local, que modifica el estado de los elementos como resultado de su interacción con los elementos vecinos y una dinámica global que obedece a las restricciones que pesan sobre el sistema y que proviene de la interacción de este con el resto del universo (MIRAMONTES, 2014, p.87).

Para o cientista político e psicólogo americano Herbert Alexander Simon⁶ (1981), as interações desses elementos podem ocorrer entre subsistemas (interssistêmicas) e dentro de subsistemas (intrassistêmicas), entre as diferentes frações desses subsistemas (SIMON, 1981). Interssistêmicas quando os elementos pertencem a subsistemas diferentes e mantêm interações devido a contextos comuns. Podemos definir o Turismo como algo em comum que os comunica de alguma forma. Intrassistêmicas quando elementos do mesmo subsistema estabelecem relações. Se usarmos uma associação de moradores como exemplo, as possíveis relações dos membros internos consideramos como intrassistêmica. Se imaginarmos a associação interagindo com o governo local, será interssistêmica. Isso corrobora o termo “graus de sistematicidade”, de Buckley (1971). Os membros de um mesmo subsistema tendem a ser, inevitavelmente, mais interconectados e funcionam como subtotalidades (GARCÍA, 2000b). Ao mesmo tempo em que “A ideia é de que os vários componentes de qualquer sistema complexo desempenham subfunções particulares que contribuem para a função total” (SIMON, 1981, p.221).

Numa dinâmica social cada membro mantém comunicação com um número limitado de associados, subordinados e/ou superiores. Essas demarcações de influência é um exemplo de quase decomponibilidade observado por Simon (1981). É quase improvável a relação com todos os subconjuntos do subsistema. Para Simon (1981, p.320), “As ligações intracomponentes são geralmente mais fortes do que as ligações intercomponentes”. Os intracomponentes funcionam mais azeitados, pois partilham dos mesmos interesses e se relacionam com mais constância.

⁶ Economista norte-americano ganhador do Prêmio Nobel de Economia em 1978

Simon (1981) também apresenta o termo “Hipótese do mundo vazio”, segundo o qual a maioria das coisas está apenas fracamente conectada com a maioria das outras (SIMON, 1981, p.326). É pouco provável haver relações fortes entre todos os membros do sistema, embora esses elementos estejam de alguma forma conectados, estabelecem entre si fracos vínculos. Não há como todos os elementos dos subsistemas manterem algum tipo de elo, contato ou relação, restringido pelas afinidades, interesses e própria característica estrutural do sistema. Moradores, visitantes, investidores, empreendedores, agentes locais e outros grupos que circulem nos subsistemas, não terão a mesma dinamicidade e encadeamentos. Apesar de a quase decomponibilidade ser comum nos sistemas sociais, a interação entre os subsistemas ser fraca, não podemos considerá-la desprezível. “Na dinâmica dos sistemas sociais, em que os membros de um sistema comunicam com e influenciam outros membros, a quase-decomponibilidade é geralmente muito proeminente” (SIMON, 1981, p.315).

Entende-se por semi ou quase decomponibilidade, sistemas cujas encadeamentos por fatores diversos, são interativos e não explicativos separadamente. A parcialidade dos enfoques dos subsistemas que o compõem, não explicam o todo (GARCÍA, 2000a). Ao imaginarmos nosso caso de estudo e suas partes constituintes, não podemos explicar a cidade apenas pela visão de um grupo selecionado, mas pela interação dos elementos dentro do conjunto constituído.

Outro componente do sistema complexo é a estrutura. Para Simon (1981) assimilar o entendimento de sistemas parte da compreensão do significado de hierarquia. De acordo com o autor (*op.cit*), as organizações formais e sociais são compostas de hierarquias, como unidades elementares que interagem entre si. Como famílias, empresas e/ou grupos organizados. Essa ideia também é defendida por García (2006), ao afirmar que “Las estructuras no son consideradas como “formas rígidas” en condiciones de equilibrio estático, sino como el conjunto de relaciones dentro de un sistema organizado” (GARCÍA, 2006, p. 52) Essa configuração hierárquica evoca o sentido de interações prováveis, além de que essas relações entre os elementos moldam e definem a estrutura do sistema (GARCÍA, 2000b).

A hierarquia dentro dos sistemas sociais é “Um mapa das interações sociais, de quem fala a quem” (SIMON, 1981, p.315), que vai além de uma relação

funcional de cargo e poder. Numa concepção mais geral, a palavra hierarquia para um sistema evidencia “não quem vive próximo de quem, mas quem interage com quem” (*ibidem*, p.294). Vendo por esse aspecto, a proximidade também não é autorreveladora. O que o autor valoriza e reforça quanto às hierarquias é a definição em termos de intensidade e interação.

Para Duval (2014) os sistemas complexos abarcam níveis hierárquicos não evidentes, cujo funcionamentos são semiautônomos, com dinamismo próprio. “Sus interacciones determinan las condiciones de contorno de cada uno” (DUVAL, 2014, p. 80). Para o pesquisador supracitado, os sistemas exercem graus de influência denominados de primeiro nível, segundo nível e terceiro nível. Se pensarmos numa cidade, por exemplo, o primeiro nível seria composto de subsistemas locais (econômico, político, social, ambiental); o segundo nível, por influências de caráter mais geral (como políticas estaduais e regionais); o contexto do terceiro nível seriam as questões mais amplas, nacionais e internacionais, políticas, relações externas e de mercado (GARCÍA, 2006).

Podemos considerar como questões de primeiro nível, todas as interações entre os subsistemas locais que influenciam e são influenciados pela dinâmica local na sociedade, “que afectan el entorno físico, las relaciones socio-económicas de la población en el área y sus condiciones de vida” (GARCÍA, 2006, p.151). As questões de segundo nível (ou metaprocessos) constituem as políticas estaduais e regionais que exercem algum domínio no município, escapando das funções inerentes de primeiro nível, como industrialização e políticas de desenvolvimento. No terceiro nível de processos, podemos destacar as políticas públicas de contexto macro, as flutuações econômicas e de mercado, as relações de amplitude internacional, mudanças ambientais globais e outros fatores que, apesar de longínquos, afetam de alguma forma o recorte em questão.

Quanto mais amplo o nível, menor a capacidade de controle e previsão. Para García (2000a, p.76), “cada nível tem sua dinâmica própria, fruto das características dos elementos que os integram”. Segundo o pesquisador (*ibidem*, p.50) “Ningún estudio puede abarcar la totalidad de las relaciones o de las condiciones de contorno dentro de un sistema complejo”. Quando falamos de totalidade, compreende-se a totalidade dentro de um recorte de cada nível.

Evidentemente, há troca entre os níveis. As interações entre esses níveis podem ser representadas pelo conceito de fluxos (de entrada e de saída) (GARCÍA 2006; ORTÍZ ESPEJEL et al,2011). O conjunto de fluxos é denominado condições de contorno ou condições de limite. O que denominamos condições de contorno, são as fronteiras ocultas entre os níveis. De acordo com Benjamín Ortíz Espejel, “es necesario recordar que los sistemas complejos son sistemas abiertos que mantienen constante relación con factores externos, con los que interactúan y se crean las condiciones de contorno” (ORTÍZ ESPEJEL, et al, 2011, p.139). García (2006) acentua que as condições de contorno levam os sistemas a processos de ruptura, readequação, desestabilização e geram modificações na estrutura do próprio sistema. Esses fluxos podem ser de “energía, materia, créditos, gente e políticas” (GARCÍA, 2006, p.153).

Os pesquisadores Fenzl e Machado (2009) enfatizam que uma característica significativa entre os níveis do sistema é a interpenetração. Todos os níveis estabelecem troca entre si, mas com “estados de organização e modos de relação diferentes” (FENZL e MACHADO, 2009, p. 69). As hierarquias dentro da cidade, fora dos organogramas institucionais, funcionam através da interação entre seus partícipes. Dentro do próprio subsistema, as relações entre cargos também ocorrem diferenciadamente. E, numa projeção macro, as relações entre as políticas de Estado e o município, também são diferentes, porque dependem de uma estrutura maior de processos e políticas e dos ocupantes dos cargos.

Partindo para um contexto mais interno, cada nível tem um conjunto de elementos que se agrupam em subsistemas e que funcionam como subtotalidades (GARCÍA, 2000b). Ao pensarmos a cidade em questão, os subsistemas podem ser identificados como subconjuntos com seus limites próprios. Associação de empreendedores locais, grupo de labirinteadoras⁷, Organizações Não Governamentais (ONGs), pescadores, esfera governamental, dentre outros, representam elementos próprios do subsistema local, com suas respectivas subtotalidades e hierarquias.

O problema de achar descrições relativamente simples para processos complexos é de interesse não só para uma compreensão do conhecimento humano do mundo, mas também para uma explicação de como um sistema complexo pode reproduzir-se a si próprio (SIMON, 1981, p. 330).

⁷ Mulheres artesãs que realizam trabalhos de bordados em panos, bordados esses chamados de labirintos.

As cidades são sistemas abertos, porque respondem ao meio e se transformam mediante o fluxo de energia que vem de fora de suas fronteiras. “ Os sistemas abertos respondem a essa referência teórica (entropia), na medida que estímulos provenientes do meio podem modificar a estrutura do sistema” (LUHMANN, 2010, p. 63). A entropia proporciona essa troca entre sistema e meio, num incessante intercâmbio, mutabilidade e transformação irreversível. Uma vez a estrutura modificada, ela tende a se recompor, mas nunca no estágio anterior. Uma última característica dos sistemas complexos é a sua capacidade de equilíbrio dinâmico entre suas partes, que denominamos homeostase. “Los sistemas tienen a tendencia a adaptar-se com el fin de alcanzar el equilibrio interno frente a los cambios externos del medio ambiente” (VÁZQUEZ RAMIREZ, et al, 2013, p. 5).

A tentativa de explicar uma realidade por meio dos sistemas complexos é um trabalho de sucessivas aproximações, mediante a escolha de uma realidade como objeto de estudo (GARCÍA, 2000a). O estudo da cidade de São Miguel do Gostoso (RN), a partir da Teoria dos Sistemas Complexos, nos esclarece como a dinâmica socioambiental é influenciada por um número incontável de agentes, sendo estes internos e externos, diretos e indiretos, micro e macro. Nossa proposta é uma conciliação entre os aspectos apresentados pelos sistemas complexos e como essas ondas influenciam as microrrealidades dos membros da comunidade.

2.2 Micro-História: a teoria do autorretrato

“A mim, como dramaturgo, o que interessa é que Branca existiu, foi perseguida e virou lenda. A verdade histórica, em si, no caso, é secundária; o que importa é a verdade humana e as ilações que dela possamos tirar. Se isto não aconteceu exatamente como aqui vai contado, podia ter acontecido, pois sucedeu com outras pessoas, nas mesmas circunstâncias, na mesma época e em outras épocas. E continua a acontecer” (Dias Gomes, em ‘O Santo Inquérito’, 2002, p.13).

Escrever uma história vista de baixo, considerar a opinião de pessoas comuns e retomar experiências passadas da massa da população (SHARPE, 1992). Esses três critérios de abordagem nos inspiram a fugir dos “relatos dos feitos grandes” (SHARPE, 1992, p. 40), para evidenciarmos a história vista de baixo, onde a Micro- História se encaixa.

A história tradicional oferece uma visão de cima, no sentido de que sempre se concentrado nos grandes feitos ou grandes homens, estadistas, generais e ocasionalmente eclesiásticos, ao resto da humanidade foi designado um papel secundário no drama na história (BURKE, 1992, p.12).

Esse campo de estudo prevê uma ênfase nos indivíduos que passam despercebidos pelos grandes relatos. “Não já apenas os reis, os chefes, os magistrados, mas a gente do povo, as mulheres, as crianças fazem sua aparição” (GINZBURG, CASTELNUEVO, PONI, 1989, p.181). A Micro-História como parte da abrangência da história vista de baixo, pretende dar voz e auxiliar no fortalecimento de identidades, das memórias, dos diários, dos registros de pessoas comuns.

Como abordagem, a história vista e baixo preenche comprovadamente duas funções importantes. A primeira é servir como um corretivo à história da elite(...) a segunda é que oferecendo essa abordagem alternativa, a história vista de baixo abre a possibilidade de uma síntese mais rica de compreensão histórica, de uma fusão da história de experiência do cotidiano das pessoas com a temática dos tipos mais tradicionais de história (SHARPE, 1992, p. 54).

A história vista de baixo explanada pelo historiador Jim Sharpe (1992) é uma proposta de investigação onde a fala dos “menores” tem força de narrativa histórica e análise. Esses indivíduos sem cargos, sem insígnias, sem títulos nobres, por vezes negligenciados, podem agora ser representados e ouvidos. A tentativa

dessa microanálise é verificar essas informações retidas nos pequenos universos (nas microrrealidades), a preocupação com os excluídos, as minorias, os não privilegiados e os marginalizados.

Essa perspectiva atraiu de imediato aqueles historiadores ansiosos por ampliar os limites de sua disciplina, abrir novas áreas de pesquisa e, acima de tudo, explorar as experiências históricas daqueles homens e mulheres, cuja existência é tão frequentemente ignorada (SHARPE, 1992, p. 41).

Para Barros (2013a, 2013b,) a Micro-História trata esses indivíduos como “pequenos fragmentos privilegiados”, “rejeitando grandes generalizações” dois quais é possível perceber realidades mais substanciais mediante os discursos desses atores. Ao mesmo tempo em que o Ginzburg (2006) defende essa análise mais centrada no micro, evidencia a questão: que relevância podem ter, num plano geral, as ideias e as crenças de um indivíduo em relação aos do seu nível social? Essa menor partícula examinada (o indivíduo e sua microrrealidade) consiste em fatias finas e ricas de conteúdo, embebidas de conhecimentos singulares, muitas vezes não revelados. Essa gota de d’água está repleta de informações, de realismos, como um baú de conteúdos que transpassa a casa, invade a rua e traduz momentos das histórias de um povo.

Portanto, a micro-história não é, necessariamente, a história dos excluídos, dos pequenos, dos distantes. Pretende ser a reconstrução de momentos, de situações, de pessoas que, investigadas com olho analítico, em âmbito circunscrito, recuperam um peso e uma cor; não como exemplos, na falta de explicações melhores, mas como referências dos fatos à complexidade dos contextos nos quais os homens se movem (LEVI, 2009, p. 14).

O que são microrrealidades? São histórias de pessoas comuns que traduzem e elucidam aspectos microscópicos de uma realidade. A pequenez dessa realidade não a desqualifica, pelo contrário, é tecida diariamente ao longo dos anos com ricos conteúdos que não são contemplados pelas lentes macroscópicas que evidenciam os fenômenos. Deste modo, como esclarece o historiador Giovanni Levi “O normal e o cotidiano tornam-se assim protagonistas da história, e situações singulares assumem a intensidade dos pontos de vista pelos quais se podem explicar os funcionamentos sociais complexos” (LEVI, 2009, p. 15)

Retomando a citação de abertura, da obra “O Santo Inquirido” do dramaturgo Dias Gomes, a história da perseguição de Branca Dias pelo Padre

Bernardo na Paraíba do Século XVIII, revela os bastidores da Santa Inquisição. A fogueira impetrada à personagem Branca, enquadrada nos autos eclesiásticos e culpada de heresia, é um microcosmo de uma realidade. Uma mulher comum, à frente do seu tempo, impondo convicções com ingenuidade de comportamento e dominada pela intransigência representada pela figura do padre católico. “Há um mínimo de dignidade que o homem não pode negociar, nem mesmo em troca da liberdade, nem mesmo em troca de sol (...). Eu sei também que não sou a primeira e nem serei a última” (GOMES, 2002, p. 100/102).

A fogueira que ceifou Branca Dias é uma micro-história, um fragmento de tantas outras contadas ou não contadas. Esta micro-história somada a outras, esclarecem as microrrealidades empoeiradas pelo tempo, guardadas na gaveta, mas que evidenciam realidades como a da era da Inquisição. Se Branca Dias de fato existiu ou não, não é a questão de investigação. O fato é que a narrativa do texto desnuda a luta da hierarquia constituída impondo um dogma e das pessoas comuns, afligidas pela defesa da liberdade. Mais à frente, a história de Menocchio reforçará a discussão sobre Micro-História e microrrealidades iniciada com Branca Dias.

Segundo o historiador argentino Darío Gabriel Barrera, a Micro-História é fundamentada em três pontas: redução de escala de análise, exploração intensiva das fontes e adoção de um modelo de exposição explicativa (1999). Já Giovanni Levi (1992, p.136) “A Micro-História como uma prática é essencialmente baseada na escala da observação, em uma análise microscópica e em um estudo intensivo do material documental”. A partir desse tripé, esmiuçaremos a Micro-História.

Na perspectiva do historiador Francisco Uriel Zuluaga Ramírez (2006b), a publicação em 1959 do livro “*Pickett’s Charge: A microhistory of the final attack at Gettysburg, July 3, 1863*” por George Stewart, é um marco temporal para a Micro-História. O termo Micro-História aparece pela primeira vez nas investigações de Stewart (1959) mas, possivelmente, a obra de maior impacto tenha sido a do historiador Luiz Gonzalez y Gonzalez, em 1968 com a obra: “*Pueblo in vito: Microhistoria de San Jose de Garcia*”. Com Gonzalez y Gonzalez, já se configurava, então, uma contribuição latino-americana para os estudos de Micro-História (ZULUAGA RAMIREZ, 2006b).

Segundo Lima Filho (2006), os anos 1960 foram profícuos quanto ao avanço do debate contemporâneo da História na Itália pós-guerra. Nomes de

historiadores atuantes na Itália da década de 1960 possibilitaram o surgimento da revista *Quaderni Storici delle Marche* (entre 1965 e 1966). Em 1976, o pesquisador italiano Carlo Ginzburg publica “O queijo e os vermes”. Na literatura internacional, é quase unânime a citação de sua obra como um texto marcante como pilar na discussão sobre Micro-História. Tanto Carlo Ginzburg, quanto Giovanni Levi e Edoardo Grendi, todos eles pesquisadores e historiadores italianos, fecundaram o termo Micro-História a partir da segunda metade dos anos 1970 e cumpriram papéis como protagonistas fundamentais nesse campo de estudo (LIMA FILHO, 2006).

O historiador italiano Carlo Ginzburg é um dos pioneiros e um dos principais nomes no estudo da Micro-História. Na sua obra “O queijo e os vermes”, (1976) Ginzburg nos apresenta o questionamento sobre a história quantitativa das ideias, sobre o silêncio das classes menos abastadas e seu descarte informacional no processo de documentação da história. “Inúmeros são os fios que ligam um indivíduo a um ambiente” (GINZBURG, 2006, p. 25). O historiador italiano caminha na contramão da investigação quantitativa de ideias e propõe um retorno ao “tear mecânico” em tempos de tecnologia e massificação. É através da história de Menocchio, um simples moleiro⁸, que o autor explica o contexto religioso, cultural e social de uma época. Nesse cenário, Menocchio é a gota d’água. “Mas o discurso de Menocchio, embora partisse do seu caso pessoal, acaba por abarcar um âmbito mais vasto” (GINZBURG, 2006, p. 41).

Outro ponto relevante na exposição da pesquisa de Ginzburg (2006), além do tom indiciário (esmiuçado mais à frente), é a concepção dessa realidade explícita fora do âmbito da classe dominante. No sentido de que quem conta a história é um moleiro herege, e não um sacerdote, presbítero ou pontífice. Uma pessoa comum, desprovida de relevância no microcosmo do estrato social (GINZBURG, 2006). Esse posicionamento de resgate de pessoas comuns é notabilizado na segunda metade do século XX, na opinião do historiador José Costa D’Assunção Barros:

Agora os mais variados sujeitos históricos merecem ser biografados: não apenas os heróis e as grandes individualidades políticas, mas também os

⁸ Indivíduo que é dono ou trabalha num moinho

indivíduos anônimos que jamais sairiam dos arquivos empoeirados se de lá não tivessem arrancado os historiadores” (BARROS, 2013b, p.188).

Retomaremos o pensamento basilar da Micro-História proposto por Barriera (1999) e Levi (1992): fugindo de grandes fluxos para mundos pormenorizados, análise minuciosa de fatos cotidianos, investigação aprofundada da realidade escolhida e uma proposta diferenciada de narrativa.

Para Barriera (1999), enquanto os estudos macro se organizam por meio de um marco de referências consciente ou inconscientemente pré-determinados, os estudos micro sublinham o contrário, a dimensão de incerteza e de possibilidades. Barriera (1999) destaca que tanto a análise micro, quanto a macro são carregadas de significados e graus de importância: “Pero así como micro no es desdeñable por pequeño, lo macro tampoco lo es por sus dimensiones” (*ibidem*, p. 184).

A opinião do pesquisador argentino assente, com a exposição de Ramírez (2006), que a análise macro nos presta de informações gerais (estatísticas, médias, índices, níveis de produção, dentre outras) baseada na grande quantidade de elementos e generalizações, enquanto a análise micro se aporta nas interrelações entre os atores.

A adoção de uma escala microanalítica é a tentativa de entender os fenômenos que se apresentam além do discurso oficial, numa pluralidade de mundos sociais e que outra história é possível a partir de um ponto de vista particular (REVEL, 2011). Segundo o historiador Jacques Revel, “a focalização de um objeto não é unicamente aumentar ou diminuir seu tamanho no visor, e sim modificar sua forma e sua trama” (REVEL, 2010, p. 438). Embora se possa pensar que a Micro-História é fragmentada por tratar partículas menores de um caso, ela pode se tornar muito mais profunda do que levantamentos, censos e grandes amostras, que se revelam boas em quantidade mas rasteiras em profundidade.

La premisa de la microhistoria es que limitando el campo de observación es que emergen datos más numerosos y refinados; que constituyen configuraciones inéditas haciendo aparecer una cartografía de lo social mucho más novedosa (MAN, 2013, p. 169).

De acordo com o historiador Matti Tapani Peltonen (1999) os micro-historiadores investigam coisas de grande amplitude em seus microscópios e com

suas lentes excepcionais. O foco dessa vertente da história é a focalização em áreas pequenas, em fragmentos da história (PELTONEN, 1999). Segundo Peltonen (1999), as Ciências Sociais, incluindo a História, estão formulando princípios e conceitos para analisar a conexão entre micro e macro ao mesmo tempo. Embora o presente estudo se focalize no “grão de areia”, não desmereceremos as questões mais amplas, que interagem e são mútuas, como um sistema complexo.

A análise micro-histórica é, portanto, bifronte. Por um lado, movendo-se numa escala reduzida, permite em muitos casos uma reconstituição do vivido, impensável noutros tipos de historiografia. Por outro lado, propõe-se indagar as estruturas visíveis dentro das quais aquele vivido se articula (GINZBURG, CASTELNUEVO, PONI, 1989, p. 178).

Zuluaga Ramírez (2006) salienta que a Micro-História é utilizada como instrumento para compreender as mentalidades e a “pretensão de construir universos a partir de fragmentos da realidade, de indivíduos ou unidades únicas” (*ibidem*, p. 9). Enquanto que para a historiadora Eva Pasek de Pinto (2006, p. 97), “La microhistoria se caracteriza, principalmente, por ser un tiempo largo en un espacio corto, estudiados en profundidad”. Há uma preocupação dos historiadores citados em escutar em profundidade os indivíduos que escapam dos registros oficiais e se escondem nas coxias.

A metáfora que Justo Serna e Anaclet Pons (2002) fazem sobre o oceano explicita coerentemente nossa intencionalidade nesse caso. Mesmo que todos estudem o mesmo oceano, ora partes maiores, ora partes menores, todos se debruçam sobre a mesma realidade. A diferença se dá, pois, no aparato teórico, na escala de investigação, na definição de parâmetros, na temporalidade e “ninguna de ellas agota la complejidad de lo real” (SERNA e PONS, 2002, p. 119). Embora optemos por aprofundar em frações, limalhas, centelhas da realidade local, “reducir las medidas de la red no significa investigar con menor número de informaciones, significa que todas ellas hagan referencia a un mismo objeto” (SERNA e PONS, 2002, p.118). A Micro-História no nosso arcabouço é como gotas escolhidas para interpretar o oceano. Para os pesquisadores valencianos:

Todos los historiadores no adoptamos la misma dimensión de océano, puesto que mientras unos intentan abordar una gran superficie, otros en cambio analizan una parte más pequeña de su extensión. En ese sentido, en el proceso de construcción de la investigación y de elección de la

información pertinente, optamos por una determinada escala porque creemos que esta ofrecerá resultados más significativos, que su validez explicativa será mayor (SERNA e PONS, 2002, p.118).

O grau de importância da análise micro é assim exposto pela historiadora Adriana Mercedes Kindgard (2011):

Cuando, enfocando la lente a un nivel micro, la historia local nos abre las puertas hacia la comprensión de la singularidad de las sociedades humanas se está, de hecho, haciendo una elección sobre la forma de acceder al conocimiento de la realidad social, permitiendo penetrar en el mundo de los sentimientos, las emociones, las valoraciones, las realidades psicológicas profundas y demás motivaciones de los actores que analizamos (KINDGARD, 2011, p.126).

As microrrealidades de um povo constroem sua Micro-História. Personagens e roteiros fora dos holofotes, que cotidianamente respiram e dão a vida à gota d'água. Além do aquário, do pequeno mundo onde esses atores transitam e se relacionam, existem outras gotas d'água nesse oceano de realidades transformadas. “A partir de la comprensión de la singularidad de una comunidad se puede descubrir su parecido con otras comunidades y con la sociedad que la engloba” (ARIAS, 2006, p. 182).

O paradigma indiciário da Micro-História pode ser percebido no filme argentino *“El secreto de sus ojos”* (2009)⁹, dirigido por Juan José Campanella. A personagem Benjamin Espósito (interpretado pelo ator Ricardo Darín) é um servidor aposentado da justiça penal argentina. Após um homicídio de uma moça, abusada sexualmente, Espósito consegue identificar, folheando um álbum de fotografias, um olhar estranho de um homem que admirava constantemente a vítima. Através desse indício (visto por outros e não identificado), inicia-se a investigação. “Os olhos falam demais, melhor que se calem” (*El secreto de sus ojos*, 2009). É esse mesmo caráter indiciário que a Micro-História revela gradativamente. E, assim, um fato despercebido pela grande maioria delata o que se esconde atrás do biombo. “Quando você as coisas de outro ângulo, isto faz olhar sua própria vida” (*El secreto de sus ojos*, 2009).

O último aspecto relevante para tratarmos de Micro-História, é sua forma inovadora de relatar uma investigação. Como afirma Barros (2013b, p. 140):

⁹ Filme argentino, coproduzido com a Espanha em 2009. Inspirado na obra “La pregunta de sus ojos” de Eduardo Alfredo Sacheri. Ganhou o Oscar de melhor filme estrangeiro em 2010, dentre outros prêmios.

O conteúdo de um texto, cedo aprende o historiador, não pode se resumir à superfície de sua mensagem. Há os entreditos, os interditos, o vocábulo revelador(...) o texto costuma falar através dos seus detalhes mais insignificantes, como um criminoso que fala através das pistas que deixam escapar descuidadamente.

A narrativa na Micro-História foge do padrão de um convencionalismo científico. Perseguições religiosas, falsas identidades, crimes, situações que escapariam de um estudo científico, ganham na Micro-História um status de análise e interpretação. Personagens que a princípio parecem insignificantes, longe dos holofotes, trazem à tona um rico contexto sociocultural, capaz de sintetizar um período histórico, um comportamento social, uma crença arraigada. Segundo Barros (2013b, p.167) “ Estas experiências ao nível de construção final do texto historiográfico, não constituem uma regra(...), mas apenas uma tendência”.

A narrativa na Micro-História é diferente, aproxima-se de uma ficção, da poesia, da crônica, da literatura policial, das biografias, leva em consideração registros de inquéritos, das minúcias, incoerências de depoimentos, “o detalhe e o acidental” (BARROS, 2013b, p. 142). Os indícios encontram-se em todo lugar: Um olhar, palavras soltas aparentemente sem sentido, pormenores negligenciados. Esse “paradigma indiciário” levando por Ginzburg (2006) e rerepresentado por Barros (2007), explicita a possibilidade de trabalhar os indícios e fugir da obviedade.

A tarefa do historiador, certamente, não será a de julgar um crime, mas avaliar as representações, expectativas, motivações produtoras de versões diferenciadas, condições de produção dessas versões, além de captar a partir da documentação detalhes que serão reveladores do cotidiano, do imaginário, das peculiaridades de um grupo social, das suas resistências, das suas práticas e modos de vida (BARROS, 2007, p. 182).

A Micro-História também respeita o estilo do autor, sua forma de contar a História que escolheu. Para Levi (1992) duas características são importantes na narrativa da Micro-História. A primeira é fugir da “generalização e formalização quantitativa” (*id, ibid*) que segundo o historiador, falseiam e distorcem a realidade da sociedade. Outra característica é “fugir de uma forma autoritária de discurso” (*id, ibid*) e fazer o leitor participar da construção. “Na Micro-História, ao contrário, o ponto de vista do pesquisador torna-se uma parte intrínseca do relato” (LEVI, 1992, p. 153). Assim expõe Zuluaga Ramírez sobre a narrativa microhistórica:

En esta corriente de la microhistoria donde es más notorio el papel de la narrativa en su función argumentativa y en la capacitación de los elementos propios del mundo estudiado para construir el relato histórico. Cada autor permite apreciar formas claras de construcción del relato con intencionalidad de dejar en claro la rigurosidad en el análisis de los textos y los hechos para que su relato no pierda la condición de histórico y que, simultáneamente la argumentación, la interpretación valorativa y la preocupación por el lector, den como resultado textos atractivos (ZULUAGA RAÍMIREZ, 2006b, p. 124).

A Micro-História abre um portal de possibilidades de análise, uma vez que foge da rigidez de alguns métodos de investigação. Barros (2007) chama atenção às similaridades de um investigador policial ou de um psicanalista, para adentrar em questões, que segundo ele, abundam na literatura. A arte de decifrar pormenores, ater-se à detalhes e enxergar acima dos ombros do inquisidor (GINZBURG, 2006) retratados em livros de mistério e policiais de Arthur Conan Doyle¹⁰, Eduardo Sacheri ou Ágatha Christie¹¹, por exemplo, podem ajudar o investigador científico nos esquadrinhamentos de um objeto de estudo. Essa percepção apurada aparece com maestria em “O queijo e os vermes” de Ginzburg (2006).

Muitas vezes, o historiador que trabalha com esse nível humano mais imediato, mais sublunar, precisará de uma argúcia especial. Pode ser que encontre as respostas nos detalhes aparentemente secundários, nos elementos que habitualmente são pouco percebidos (e que por isto mesmo são menos sujeitos a falseamentos) (BARROS, 2007, p. 179).

¹⁰ Escritor e médico escocês nascido em 1859 e falecido em 1930. Notoriamente conhecido como grande inovador da literatura criminal e criador do famoso detetive inglês Sherlock Holmes.

¹¹ Escritora inglesa nascida em 1890 e falecida em 1976. Em sua carreira como escritora publicou mais de cem obras, entre romances policiais, contos e peças de teatro, tendo a temática de mistério e suspense sempre como mote principal.

III - DOS MÉTODOS

3.1 Percurso metodológico

Não é possível decifrar o Turismo que não seja através de uma abordagem interdisciplinar. Esse trabalho já nasceu com uma proposta interdisciplinar, tanto nas teorias escolhidas como no agente transformador. Apesar do Turismo ser tratado quase que exclusivamente sob o ângulo econômico, a própria atividade se constitui como múltipla em sua gênese. As conexões são inúmeras, uma infinidade de tentáculos que torna a atividade intrinsecamente complexa. O Turismo foi nossa força externa protagonista, mudando os enredos e criando personagens da nossa história, sabendo que, como uma impressão digital, não existem lugares iguais, mas o que acontece com um deles pode ocorrer em qualquer outro lugar do mundo.

Adotamos nesse estudo a junção de duas perspectivas. Enveredamos por uma análise do município sob dois ângulos. Um macro, fundo das questões amplamente difundidas e presentes nas representações mais gerais que envolvem a dinâmica da cidade. Outro, mais discreto, longe dos aplausos e escondido nos depoimentos dos habitantes de uma localidade. Nessa abordagem confrontamos a gota e o oceano, como partes integrantes de um mesmo sistema.

Os macrossistemas são outras esferas, que, embora não estejam tão diretamente próximas do núcleo, afetam e são afetadas por ele. A microrregião, o Estado, a região Nordeste e o próprio país são os macrossistemas do nosso caso. Entender o município partindo de duas perspectivas: como as questões amplas interferem no cotidiano e como essas microrrealidades reagem a isso. A variável macro que escolhemos foi o Turismo, ele como agente de transformações do local, como modificador do microssistema. Em escala menor, o indivíduo e sua microrrealidade, como fio condutor de todo processo.

A intenção partindo de uma abordagem macro é afunilar nosso estudo na microrrealidade da cidade, por meio da escolha dos elementos componentes do nosso estudo (os atores). O recorte é fruto das macrorrelações possíveis de um sistema complexo. Como afirma García (2006, p.50), “Ningún estudio puede abarcar la totalidad de las relaciones o de las condiciones de contorno dentro de un sistema complejo (...) una vez más, se presenta, entonces, la necesidad de criterios de selección”. Devido a essa impossibilidade de lidar com todas as intersecções

possíveis, elegeu-se o estabelecimento de nosso recorte através da abordagem micro-histórica. Uma vez setorizado, nosso objeto foi subdividido em subsistemas menores, até a menor parte de análise (microanálise), como um critério condutor de esquadramento.

Nosso interesse com essa pesquisa foi, de fato, um envolvimento com a comunidade por meio dos relatos dos seus habitantes. Atores esses que presenciaram as transformações nas últimas décadas e que enriquecem o conteúdo da nossa investigação com suas confissões, recordações e experiências

Retornando ao que Revel (2010) evidencia, nossa escala de observação é o homem, o ator social, sua representatividade no grupo, marcadores individuais para entender a realidade mais ampla. No caso da nossa pesquisa, as novas configurações e constituições provindas de uma atividade turística nesse cotidiano local.

Entre 1993, quando o município se tornou independente, e os dias atuais, muitos ventos sopraram em Gostoso, um redemoinho de mudanças estruturais, econômicas, socioculturais e ambientais, resultantes de uma dinâmica sistêmica. Os moradores foram, paulatinamente, lidando com uma nova cidade que se desenhava, esboços de um município que abandonava características de refúgio e resguardo, para adaptar-se a um novo ciclo, impregnado de novos contextos e outros ventos.

A Figura 1 esboça a cidade de São Miguel do Gostoso frente às variáveis que interagem com os elementos dinâmicos do sistema complexo. Tanto os aspectos de maior magnitude, como variações econômicas, mudanças de caráter político, transformações ambientais, como de caráter mais micro, como alterações no comportamento dos cidadãos, novas atividades e fontes de renda, expansão de empreendimentos relacionados a serviços turísticos, políticas públicas locais, que vão se relacionando em ciclo contínuo.

Jiménez Martínez (2005) consegue aliar e condensar em seu modelo teórico sobre sistemas e turismo, numa perspectiva mais próxima do que nos propusemos. O autor (*idem/ibidem*) afirma que:

O turismo é um sistema aberto, porque está continuamente trocando energia com o entorno, uma vez que é resultado das condições econômicas, políticas, sociais e tecnológicas da sociedade em determinado momento, e, portanto, depende delas para seu estado e evolução (JIMÉNEZ MARTÍNEZ, 2005, p. 126).

Figura 1: Representação de numa concepção de sistemas complexos



Fonte: Concepção do autor (2016), inspirado livremente em Jiménez Martínez (2005) e design de Carlos de Toledo (2016)

A elaboração da Figura 1 é uma concepção do processo sistêmico em Turismo e suas fronteiras. Tomamos a cidade de São Miguel do Gostoso como centro do sistema e os limites delimitados pelas reverberações da amplitude de fatores que incidem sobre ela. A ideia da forma circular é evidenciar o fluxo de atividades que impulsionam umas às outras, com sua dinamicidade.

Jiménez Martínez (2005) considera as políticas de Estado como estância relevante no entendimento do sistema turístico. No nosso caso, discutimos estritamente as políticas de turismo, que exerceram maior representatividade nos fluxos migratórios para o Estado e para o município. Elencamos também na Figura

1 o trade turístico e as questões econômicas, ambientais e socioculturais, que atendem o nosso objetivo de estudo. Essas variáveis, com suas conexões e alinhamentos de interesses (JIMÉNEZ MARTÍNEZ, 2005) destacadas na Figura 1, podem ser identificadas no último capítulo dessa pesquisa, onde os elementos serão apresentados. Hall (2001) compactua com a interpretação de Jiménez Martínez (2005) ao expressar que:

Percebe-se que tanto os destinos como sua análise estão inseridos em uma complexa rede de relacionamentos socioculturais, econômicos, políticos e ambientais dentro do qual o cientista social também trabalha a compreensão desses relacionamentos” (HALL, 2001, p.137).

Na proposição de García (2000a,2000b;2006) cada camada circundante do núcleo é uma fronteira do sistema, portanto, com maior abrangência e cobertura. Se imaginarmos pessoas, grupos, famílias, população local, esferas de governo, turistas, todas são linhas imaginárias que compõem e interagem mutuamente nessas fronteiras não físicas. Há limites invisíveis dessas margens e claro, conflitos. Nessa zona comum de interrelações possíveis, formam o sistema complexo de São Miguel do Gostoso.

Inspirado tanto por Menocchio (Ginzburg, 2006) como por Espósito (*El secreto de sus ojos*, 2009) onde pessoas comuns e visões minuciosas do mundo, trazem indícios do ambiente que passam despercebidos pela maioria dos envolvidos, designaremos a Micro-História com um dos pilares de investigação. Trataremos também com pessoas comuns, com suas pequenas realidades por vezes pormenorizadas pela história, mas que reproduzem um mundo peculiar repleto de memórias, vivências e experiências.

Uma pessoa, uma organização, um evento, uma cidade, podem ser classificados como um caso. O estudo de um caso favorece explicar, descrever e explorar as intervenções na vida real dentro de contextos complexos (YIN, 2010). Para Gil (2009, p.14), “Os estudos de caso são adequados para formulação de hipóteses (...) contribuem para descrição de grupos, organizações e comunidades, para identificar padrões de comportamento (...)”. Além do que, permite evidências qualitativas e quantitativas, mesclando instrumentos e atores, sendo uma

investigação empírica que procura entender um fenômeno da vida real em profundidade (YIN, 2010).

A escolha do estudo de caso foi a chance de contribuir para o aprofundamento da discussão da temática, sob aspectos inerentes de uma localidade litorânea ainda não pesquisada nos aspectos da influência e interferência do turismo no seu cotidiano sob a perspectiva da Micro-História e da Teoria dos Sistemas Complexos.

YIN (2010) ressalta que os estudos de caso são considerados únicos e baseados em conjuntos múltiplos de experimentos sob condições diferentes. Não são amostras e também utilizam o olhar de quem investiga, num espaço e tempo definidos. Para YIN (2010, p. 41), o estudo de caso tem quatro aplicações: “Explicar as causas, descrever a intervenção, ilustrar tópicos de avaliação e explorar as situações” enquanto Marconi e Lakatos (2011, p. 276) defendem que “O Estudo de caso refere-se ao levantamento com mais profundidade de determinado caso ou grupo humano sob todos os seus aspectos”. A nossa redução da escala de observação visa a compreender aspectos convencionais que escapam de uma metodologia mais formal de observação, centrada em amostras e estatísticas.

A intenção da investigação não é a comunidade em si, mas as possibilidades de microrrealidades e “o olhar micro-historiográfico necessita desta análise intensiva, incisiva, atenta aos pequenos pormenores como às grandes conexões” (BARROS, 2007, p. 184). Essa comunidade (caso escolhido) está repleta de eventos, ocorrências e dilemas que incidem sobre suas realidades, por isso a Micro-História fundamenta um dos pilares metodológicos, visto sua adequação aos nossos objetivos.

Nossa proposta metodológica é estabelecer um diálogo entre a abordagem micro-histórica e a Teoria dos Sistemas Complexos. Enquanto a primeira tem uma lente focada na realidade micro, atenta a capturar motivos (KINDGARD, 2011), a outra se fundamenta em elementos heterogêneos em constante interação, abertos, submetidos a uma totalidade e intercâmbios com o meio (GARCÍA, 2006). A escolha pelos sistemas complexos se justifica também pela sua própria concepção interdisciplinar, visto que os sistemas e os subsistemas que compõem uma realidade pertencem aos mais diversos domínios disciplinares.

A opção de usar os componentes dos sistemas complexos – limites, elementos, estruturas, dinâmica, processos e níveis de análise – se adequa à pesquisa microscópica do nosso campo de estudo. De que modo o Turismo interferiu nas questões de grande abrangência e quais as interações entre os componentes do sistema (como evento) adentrou nas pequenas realidades cotidianas, “enxergando algo do oceano inteiro através de uma simples gota d’água” (BARROS, 2007, p. 171). Embora pequena, uma gota de água pode esclarecer muitos problemas de um organismo inteiro.

Ressaltamos que nosso estudo não definiu os turistas como atores da pesquisa. Não tínhamos pretensão de identificar, radiografar ou tipificar os turistas de São Miguel do Gostoso, tampouco inventariar atrativos e/ou equipamentos. Nosso objetivo estava centrado nos nativos.

Explanamos também que embora tenhamos fundamentado a Teoria Geral de Sistemas, nossa ênfase não se deteve nas teorias de sistema turístico definidas por Beni (2001), Boullón (2002), Leiper (1995), explanadas por Panosso Neto (2011) que evidenciam os visitantes, os fluxos turísticos, os produtos e espaços turísticos e a indústria turística. Nossa abordagem debruçou-se como o cotidiano dos atores locais e como suas microrrealidades foram transformadas nas três fases que identificamos no município, sob a ótica dos sistemas complexos.

3.2 Tipo de abordagem, atores e instrumentos da pesquisa

O presente estudo orientou-se por parâmetros qualitativos, inserindo o pesquisador na comunidade (em ambiente natural), por meio de interações face a face, observação de comportamentos, realização de entrevistas, exames de documentos, complementadas por múltiplas fontes de dados (CRESWELL, 2010; SILVERMAN, 2009). Quanto aos procedimentos de coleta de dados, utilizou-se a observação participante, entrevistas semiestruturadas, documentos e materiais audiovisuais (fotografias e vídeos).

Como o município tem cerca de nove mil habitantes e 26 distritos, o recorte foi realizado no Distrito Sede, por três motivos: primeiro porque é onde a atividade turística se faz presente, através dos atrativos naturais e dos equipamentos voltados para os visitantes. Segundo porque é no Distrito Sede que

estão concentradas todas as secretarias municipais e a prefeitura. Por último, por ser o distrito com maior número de habitantes e que aglutina as associações, os comitês e as ONGs.

Entre o fim do segundo semestre de 2014 e o primeiro semestre de 2016, foram pesquisados 52 atores em seis imersões de campo, mediante um planejamento de visitas, conforme cronograma preestabelecido. Os atores da pesquisa foram divididos em quatro grupos (Quadro 1).

- a) Donos das empresas de atividades relacionadas aos esportes de vela (*kite surf e wind surf*¹²)
- b) Representantes do setor público municipal
- c) Representantes de ONGs, comitês e associações mais atuantes no município
- d) Moradores da cidade escolhidos baseados pela sua representatividade na história da cidade, mediante a indicação de outros atores

Quadro 1: Atores da pesquisa

Grupos de atores pesquisados	Total
Donos de escolas e/ou guarderias de esporte à vela	03
Constituintes do poder público municipal	12
Moradores integrantes de associações, ONGs e/ou comitês	10
Representação religiosa	02
Grupo de moradores com representatividade na história local	25

Fonte: Pesquisa direta, 2016

O primeiro grupo representa os donos das três escolas e/ou guarderias¹³ para a prática de *kite surf*, *wind surf* e *stand up paddle*¹⁴. Essas escolas surgiram na segunda metade dos anos 2000 para atender a demanda de visitantes estrangeiros interessados no esporte náutico. A escolha de entrevistar os donos desses empreendimentos se sustenta pelo fato de que o *kite surf* tornou-se uma prática comum no município, empregando os nativos, criando um mix de serviços e

¹² Atividade esportiva que alia a prancha de surf com a vela, onde o praticante “surfa” com a força dos ventos incidindo sob a vela.

¹³ As guarderias são mais do que escolas. Tem serviços de aluguel/estada de equipamentos esportivos, lojas e serviços de apoio e socorro aos praticantes.

¹⁴ Também conhecido como remo em pé, é uma atividade esportiva onde o praticante rema em pé em cima de uma prancha.

estimulado a vinda de turistas adeptos do esporte. Tal atividade deu outro sentido à relação com o vento e o mar, empregou moradores, criou um fluxo turístico frequente e proporcionou eventos relacionados ao esporte. Esse grupo constitui um conjunto de três atores, sendo dois deles estrangeiros.

O segundo grupo, composto por sete secretários, a prefeita do município e o vice-prefeito, totalizando doze entrevistados, abrange todos os representantes do poder público que possuem cargos oficiais no município. No caso da Secretaria de Turismo e Comunicação, especificamente, foram entrevistadas as três secretárias que assumiram o cargo entre os anos de 2013 e 2016.

O terceiro grupo é composto por membros de associações, comitês, representações e ONGs. Foram selecionados: Coordenador da ONG Amjus, coordenador do Comitê Orla, representantes do Conselho da cidade para a discussão do Plano Diretor, sendo um representante do poder legislativo, um representante do movimento social, um representante de ONG e dois representantes do segmento empresarial) e o Presidente da AEGOSTOSO¹⁵ (Associação que representa os quatro setores que constituem a formação da associação: Meios de hospedagem, alimentação e bebidas, esportes náuticos e varejo). Esse conjunto de atores totalizou nove entrevistados. Ressalte-se que três atores foram entrevistados mais de uma vez (em imersões diferentes) por assumir mais de uma representação. No caso das ONGs e associações, escolheram-se as mais citadas e/ou lembradas pelos entrevistados no contexto local. Esse grupo totalizou dez entrevistas.

O quarto grupo de entrevistados foi escolhido através de uma amostragem não probabilística tipo bola de neve. Para Malhotra (2012), na abordagem bola de neve, “escolhe-se um grupo inicial de entrevistados geralmente de forma aleatória. Após serem entrevistados, solicita-se que indiquem outros que pertençam à população-alvo de interesse” (MALHOTRA, 2012, p. 278). Os atores selecionados através da amostragem bola de neve somam vinte e sete entrevistados cuja história individual confunde-se com a própria história do município. Esse grupo abrangeu cidadãos locais que acompanharam o processo de emancipação

¹⁵ Associação de empreendedores locais criada no terceiro trimestre de 2010. Atua como instituição que estabelece a ponte entre os empresários locais, governo e comunidade e onde são discutidas questões de interesse comum.

e/ou vivenciaram a transformação da cidade pelo turismo nos últimos anos. Pescadores, artesãs, donas de casa, pequenos comerciantes, empresários locais, professores, aposentados, dentre outros, formaram esse grupo. Além disso, dois entrevistados correspondem ao poder religioso local associados à Igreja Católica de São Miguel do Gostoso.

A proposta da divisão em quatro grupos foi entender, por segmentos (poder público, representações, nativos e/ou moradores e empreendedores do esporte náutico), como o Turismo modificou a realidade da cidade e do cotidiano desses grupos. Cabe ressaltar também que as indicações dos atores se sobrepunham e reforçavam o nome dos escolhidos.

A idade dos respondentes variou entre 21 e 87 anos, sendo 22 mulheres e 30 homens. Dos respondentes, 38,46% tinham mais de 50 anos de idade. Dentre os entrevistados, 25 são considerados nativos (nascidos na região) e 27 como não nascidos na região. Por questões éticas e de sigilo das informações, nenhum entrevistado foi identificado pelo nome, idade ou cargo que exercia. Como as questões de gênero não eram essenciais para o entendimento da análise, os depoimentos no corpo do trabalho não foram identificados como sendo de homens ou mulheres.

3.3 Entrevistas semiestruturadas

Trabalhou-se com entrevistas semiestruturadas. A entrevista semiestruturada, assistemática, antropológica ou livre (MARCONI e LAKATOS, 2011), foi escolhida pelo fato de explorar com mais intensidade a questão central dessa tese, além de favorecer certo grau de liberdade ao entrevistador. A decisão por esse instrumento se deu pelas expectativas de assegurar a flexibilidade nas abordagens dos temas, sem ter que sacrificar o desenvolvimento da entrevista com processos mais fechados. De fato, este tipo de entrevista dá ao sujeito espaço para que aflorem com mais liberdade as impressões, avaliações, concepções, imagens que cada um dos temas propostos evoca, que um instrumento mais “rígido”, não permitiria. “O objetivo da entrevista é compreender as perspectivas e experiências dos entrevistados” (MARCONI e LAKATOS, 2011, p. 281).

Todas as entrevistas foram gravadas em áudio, com duração em média de 50 minutos cada, e todas com uso de formulário de consentimento informal (CRESWELL, 2010). O local e o horário das entrevistas eram geralmente escolhidos pelo pesquisador ou de comum acordo. Inspirado no que propõe Uwe Flick (2009), as questões elaboradas contemplavam três aspectos: perguntas mais abertas, livres, sobre a vivência do entrevistado na localidade, perguntas direcionadas para os objetivos e hipóteses do trabalho e, por fim, questões mais confrontativas sobre a relação turismo e microrrealidades na comunidade. Dentro do roteiro pré-estabelecido, limitou-se ao número de quinze questões (ou tópicos) para cada entrevistado, reforçando o modelo de entrevista despadronizada modalidade focal.

As primeiras imersões optamos em realizar registros fotográficos, conhecer os projetos das ONG's, estrutura pública municipal e estabelecer conversas informais com os moradores. Nas últimas três imersões realizamos as entrevistas. As primeiras entrevistas foram categorizadas por letras (da letra A até a letra M), obedecendo uma sequência das entrevistas. Posteriormente decidimos padronizar por números, visto que geraria maior amplitude de sujeitos. Em três momentos da coleta de dados dois sujeitos foram entrevistados simultaneamente. Nesse caso elegemos usar o mesmo número seguidos das letras A e B (29A e 29B, por exemplo). Importante esclarecer que o número de cada entrevistado seguiu a sequência das entrevistas agendadas, portanto os números não categorizam os grupos.

A elaboração das questões foi inspirada pelos objetivos propostos da tese (tendo como pilares as temáticas socioculturais, econômicas e ambientais) bem como tentou-se agrupar as perguntas para interpretar três momentos da história local: antes da emancipação do município e o processo de emancipação, a cidade após o desligamento de Touros (RN) até os dias atuais e sobre o futuro da localidade.

Os quadros 2 e 3 especificam as questões das entrevistas realizadas com os atores nascidos na cidade e os não nascidos na cidade. Nos depoimentos fruto dos resultados da pesquisa, os depoentes considerados nativos foram identificados pela letra N e os não nativos (moradores, mas não nascidos) foram identificados pela letra Ñ. Essa classificação de identificação visa apenas o contraponto das respostas e não tem nenhum caráter de diferenciação e/ou prejulgamento.

Quadro 2: Roteiro das questões de entrevista para moradores nascidos na cidade

1	Como era São Miguel do Gostoso antes da chegada do Turismo?
2	O que mudou na sua vida com a chegada do Turismo na cidade?
3	Quais são as modificações mais visíveis do Turismo no dia-a-dia da cidade e na sua rotina?
4	Como era São Miguel do Gostoso como distrito, antes de se tornar cidade?
5	Você apoiou a emancipação? Por quê? Como se deu esse processo?
6	Em sua opinião, a cidade conseguiria se redefinir sem o Turismo?
7	Para você, qual o grau de importância do Turismo na economia da cidade?
8	Elenque três pontos favoráveis e três desfavoráveis do Turismo para São Miguel do Gostoso
9	Como você vê o papel das ONG's quanto à proteção e preservação do meio ambiente na cidade?
10	Em sua opinião, o que mudou no contexto ambiental (questões relacionadas a água, ao lixo, a poluição e ocupação territorial) na cidade nos últimos anos?
11	Se você fosse definir São Miguel do Gostoso em uma frase, uma palavra ou desenho, como definiria?
12	Qual imagem retrata melhor São Miguel do Gostoso hoje?
13	Que cenário futuro você imagina para São Miguel do Gostoso para os próximos 10 anos?
14	O que você mais sente falta em São Miguel do Gostoso? (Algo que existia e se perdeu com o tempo). Que recordação?
15	Você já pensou em ir embora daqui? Por quê?

Quadro 3: Roteiro das questões de entrevista para moradores não nascidos na cidade

1	Onde você nasceu e por que veio para São Miguel do Gostoso? Há quanto tempo você está aqui?
2	Como surgiu seu negócio/atividade/ empreendimento com turismo? (Somente para aqueles que se tornaram empreendedores no turismo)
3	Em sua opinião, o que mudou em SMG depois da chegada do Turismo?
4	Quais são as modificações mais visíveis do Turismo no dia-a-dia da cidade e na sua rotina?
5	Em sua opinião, a cidade conseguiria se redefinir sem o Turismo?
6	Para você, qual o grau de importância do Turismo na economia da cidade?
7	Elenque três pontos favoráveis e três desfavoráveis do Turismo para São Miguel do Gostoso
8	Como você vê o papel das ONG's quanto à proteção e preservação do meio ambiente na cidade?
9	Em sua opinião, o que mudou no contexto ambiental (questões relacionadas a água, ao lixo, a poluição e ocupação territorial) na cidade nos últimos anos?
10	Se você fosse definir São Miguel do Gostoso em uma frase, uma palavra ou desenho, como definiria?
11	Qual imagem retrata melhor São Miguel do Gostoso hoje?
12	Que cenário futuro você imagina para São Miguel do Gostoso para os próximos 10 anos?
13	Para você, qual o papel das estâncias de governo na atividade turística da cidade?
14	Como você enxerga dinâmica entre a AEGOSTOSO, prefeitura, empreendedores turísticos locais e moradores
15	Você já pensou em ir embora daqui? Por quê?

Convém ressaltar que a entrevista semiestruturada tem liberdade e flexibilidade na elaboração de desdobramentos de questões que se fizeram pertinentes no decorrer das imersões. Quanto à questão da emancipação municipal por exemplo, alguns jovens da cidade que responderam às entrevistas, não eram nascidos ou ainda eram crianças no período do desmembramento. Quanto aos não nativos (chamados de forasteiros), uma pequena parcela vivenciou São Miguel do Gostoso como distrito e posteriormente como cidade. Os primeiros forasteiros chegaram nos anos 1980, mas a grande maioria após os anos 2000. Todos entrevistados não nascidos na cidade têm residência fixa e moram no município. Ainda cabe reforçar que consideramos nativos, todos aqueles que nasceram na região (mesmo ainda como distrito de Touros). Se tomarmos a nomenclatura nativos os nascidos depois da composição do município, nosso entrevistado mais velho teria apenas 23 anos.

3.4 Observação direta participante

Conjuntamente às entrevistas, fez-se pertinente a observação direta *in loco* do participante (MARCONI e LAKATOS, 2010). Importante ressaltar que as observações diretas *in loco* aconteceram em períodos de imersão na localidade, definidos pelo pesquisador. Uma das razões da escolha da abordagem micro-histórica na análise do discurso dos entrevistados foi a tentativa de fazer emergir os “silêncios reveladores”. Silêncios esses expressos além da fala, nas percepções cotidianas, nas reuniões informais, na feira-livre, nas sátiras, identificáveis somente pela imersão no campo, como acentua Barros (2013):

Uma vez que a micro-história trabalha muito com as contradições dos atores sociais a serem investigados, com os discursos subjetivos, falseados, dialógicos – trazer estas subjetividades, estes falseamentos, este dialogismo para a superfície do texto final (BARROS, 2013b, p. 167).

Esses momentos de observação participante têm o potencial de fornecer elementos relevantes de reflexão e se configuram como uma rica fonte subsidiária de informação, uma vez que esses momentos ficarão registrados em um diário de campo para uma posterior análise. “A observação envolve o registro sistemático de

padrões de comportamento de pessoas, objetos e eventos a fim de obter informações sobre o fenômeno de interesse” (MALHOTRA, 2012, p. 156).

O maior desafio da observação participante foi, sem dúvida, inteirar-se sem interferir, participar do cotidiano da cidade sem emitir opiniões sobre o que se observava, através de comprometimento e ética com a pesquisa científica, sem assumir posicionamentos políticos ou partidários, entender o funcionamento do microsistema sob diversas perspectivas e averiguar o que não dito verbalmente, mas projeta-se além das palavras. Somado a isso, complementa Barros (2013b, p. 177): “O olhar micro-históricográfico necessita desta análise intensiva, incisiva, atenta aos pequenos pormenores como às grandes conexões”.

Assim como preconizado por Flick (2009), o pesquisador, na observação participante, lidou com valores diversos, polarizações, contratempos contornáveis e imprevisibilidades. No entanto, não houve perda de material e nenhum problema na condução do método. Flick (2009) reforça o uso da observação participante ao afirmar que “(...) esse método aproxima-se, ainda de uma concepção da pesquisa qualitativa como processo, pois pressupõe em período mais longo no campo e em contato com pessoas e contextos a serem estudados” (FLICK, 2009, p. 212).

Na observação participante, o pesquisador insere-se na vida da comunidade, vivenciando seu dia-a-dia e participando das atividades rotineiras da cidade (GIL, 2014). Dentre essas vivências, podemos destacar: Reuniões do Comitê Orla, reuniões da AEGOSTOSO, discussão e estabelecimento do Conselho da cidade quanto ao Plano Diretor do município e reunião do Conselho de Turismo. Paralelamente, participou-se de atividades como feiras livres, nascimento de tartarugas marinhas (frutos de um projeto de preservação e conservação da vida marinha de uma ONG local), atividades religiosas da Páscoa, XXIII Feira dos municípios do Rio Grande do Norte, bem como festividades de carnaval.

De acordo com Flick (2009, p. 201), “ Na observação participante, até mais do que em outros métodos qualitativos, torna-se essencial obter, na medida do possível, uma perspectiva interna sobre o campo estudado”. Por isso, as imersões no município por longos períodos foram tão significativas para entender as inter-relações como partícipe do sistema, seguindo o critério de observação de Gil (2014), de amostragem de comportamentos em formato temporal, quando as amostragens

de observação ocorrem periodicamente e quando o pesquisador define os períodos para registro e análise.

3.5 Materiais audiovisuais e documentação

Foram utilizadas informações de dados visuais provenientes de dois filmes, para entender alguns componentes do mosaico das microrrealidades do município. O primeiro documentário, produzido pelos estúdios Jura Films na Suíça, por Lucienne Lanaz é intitulado: “*Dona Anna: Des soins de sante primaires au nord est du Bresil*”, de 2003. O outro documentário consultado foi o do cineasta Eugenio Puppo, chamado “São Miguel do Gostoso”, de 2013. A primeira película trata da trajetória da enfermeira suíça Anne Louise Raboud, no então distrito de São Miguel e seu legado deixado na cidade durante décadas de atividades relacionadas à educação ambiental, cidadania e resgate das raízes culturais. O outro filme, de pouco mais de uma hora, evidencia as transformações mais recentes do município, como o turismo, a especulação imobiliária, a memória, a cultura e seus marcos simbólicos. Os dois filmes trazem entrevistas, imagens do município em uma perspectiva temporal de dez anos entre um e outro.

As mídias somam a observação participante no processo de análise da práxis. Como afirma Flick (2009):

As situações observadas são efêmeras, ao passo que a gravação dos eventos com a utilização de mídias permite o acesso repetido a esses eventos, podendo-se transpor as limitações da percepção e da documentação, característicos da observação (FLICK, 2009, p. 225).

A análise documental também foi importante fonte de informações para a construção desse trabalho. Entre os documentos analisados, constam: Atas das reuniões do Comitê Orla, atas das reuniões da AEGOSTOSO, jornal “Alô Galera” publicado pela ONG Amjus, Plano Diretor da cidade, leis municipais, revistas “Guajiru (produzida pelo ponto de cultura Tear) e os *blogs* “O contador de causos” e “No balacobaco”.

Ressalta-se que todos os documentos analisados se caracterizam como não solicitados (FLICK, 2009), ou seja, não foram produzidos para a pesquisa, já estavam disponíveis, de caráter público para consulta e nos formatos impresso e digital. Todos os documentos analisados são arquivos abertos acessíveis e/ou publicados e se caracterizam como primários (FLICK, 2009). Devido ao tempo, disponibilidade e acesso, o pesquisador selecionou os documentos mais pertinentes ao objeto de estudo.

Por fim, pretendeu-se, por meio da abordagem da Micro-História fazer um recorte temporal, um corte histórico (LÓPEZ, 2009) e também inspirado por Arias (2006, p. 183) ao expressar que: “La gente común y la vida cotidiana siempre han dejado escasas huellas, de tal manera que la microhistoria tenía que descubrir, recurrir, discriminar, trabajar con fuentes escurridizas, variadas, dispersas”.

Em São Miguel do Gostoso (RN), nosso propósito foi através da amostragem bola de neve, com os nativos, explorar as informações sobre a cidade dividida em três momentos: Enquanto distrito de Touros (RN), o evento da emancipação e após emancipação (a cidade constituída). A intencionalidade dessa divisão histórica nos ajudou a entrevistar pessoas que tenham participado, vivido e/ou acompanhado desses três momentos na cidade e como a história desses indivíduos se confundiu com a própria história do município.

Somado a isso, as últimas três pesquisas de campo geraram um acervo fotográfico com cerca de 900 imagens e mais de 54 horas de gravação, sendo 39 horas resultados da última imersão (2016).

**IV – MACRORRELAÇÕES E MICRORRELAÇÕES: ENTRE O
OCEANO (RIO GRANDE DO NORTE) E A GOTA D'ÁGUA
(SÃO MIGUEL DO GOSTOSO)**

4.1 História, turismo e políticas públicas

Falar do Rio Grande do Norte é falar do surgimento da cidade de Natal, capital do Estado, nascida tímida sob a influência do Forte dos Reis Magos, na intenção de proteção do território português. Naquele momento, embora denominada cidade, o que se percebe é uma vila provinciana, com pouquíssimos habitantes, que sobrevive como entreposto comercial. A cidade nasce em 25 de dezembro de 1599, “encravada entre a Barra do Rio Grande (Potengi), o mar e as dunas” (CLEMENTINO, 1990, p.153).

Segundo Clementino (1990), até às vésperas da Segunda Guerra Mundial, a economia da cidade de Natal estava baseada no intercâmbio comercial da atividade portuária, e outras cidades da província contribuía com a produção significativa de algodão e cana-de-açúcar. Conforme expressa Araújo (2009, p. 21) “Durante os dois primeiros séculos de colonização, a capitania foi de pouca significância econômica para o conjunto da colônia”.

Para o folclorista, antropólogo, jornalista, professor e historiador Luís da Câmara Cascudo, “A história oficial se inicia com a tentativa de colonização” (CASCUDO, 1980, p.13). A região do Rio Grande (Rio Potengi¹⁶) foi capitania de conflitos entre índios potiguares, franceses, portugueses e holandeses. Para o historiador, “A presença francesa nos arredores do sítio onde nascera a cidade do Natal¹⁷ tornou-se regular” (CASCUDO, 1980, p.23). Segundo Cascudo (1980), para os franceses, não interessava a posse da terra, mas a negociação, a troca, o comércio, a permuta com os indígenas e, evidentemente, os recursos naturais da região, principalmente os estoques de pau brasil. Durante todo o século XVI, o tráfico francês na capitania é de conhecimento dos portugueses. A interação dos franceses com os índios foi intensa, na aprendizagem da língua, nos costumes e nas trocas comerciais (CASCUDO, 1980). Esse aprofundamento de relações não agradava ao fisco português, nem os aspectos de domínio das terras, visto que o império

¹⁶ Potengi origina-se da língua tupi "potenji" e significa "água de camarão", através da junção dos termos *potim* ("camarão") e *y* ("água")

¹⁷ Para Cascudo (1980) a referência do Natal é associada à cidade que recebeu o nome devido à festa religiosa. Por isso, do Natal.

português temia a consolidação francesa na região do Rio Grande, inclusive com a construção de uma fortaleza.

Com a avançada francesa na região, viu-se a necessidade de povoar a capitania e construir o forte nos arrecifes da desembocadura do Rio Potengi no mar, que, depois de concluído, foi denominado Forte dos Reis, Reis Magos ou Santos Reis. Mesmo assim, quinze anos depois de fundada a cidade, ainda se encontrava praticamente deserta, com poucas casas e moradores (CASCUDO, 1980).

Entre 1634 e 1654, porém, o Rio Grande e Natal (agora denominada Nova Amsterdã) foram de domínio holandês. Durante a égide do governo holandês, o Forte dos Reis Magos foi rebatizado como *Casteel Kevlewn* e “Quando terminou a guerra de expulsão dos holandeses a capitania era uma ruína” (CASCUDO, 1980, p.53).

Meio século depois, nos idos de 1700, as fazendas de gado invadiram a capitania, e a sociedade era provinciana e rural, com roças de feijão, mandioca, milho, inhame, cará, além da pesca (CASCUDO, 1980). Outras produções econômicas marcaram o Estado do Rio Grande¹⁸ de forma mais intensiva ao longo dos séculos, como sal, cana-de-açúcar e exploração do pau brasil (ARAÚJO, 2009). O que parece claro na exposição de Araújo (2009) e Clementino (1990) é a proeminência da atividade mercantil do então Estado do Rio Grande¹⁹, para o gado bovino, produção de carne charqueada²⁰, algodão e carnaúba²¹ além dos já citados. No caso do povoamento do interior, ele só acontece no século XVIII feito pela pecuária extensiva (CLEMENTINO, 1990). Houve, então, uma estrutura produtiva de “engenho de açúcar” no litoral e “fazenda de criar” no sertão (CLEMENTINO, 1990, p.35). Importante ressaltar que, segundo Clementino (1990), Cascudo (1965) e Araújo (2009), o Rio Grande tinha um contingente escravo muito pequeno e pouca representatividade na produção de cana-de-açúcar no contexto colonial.

Na primeira metade do século XX, o que marcou mais fortemente o Rio Grande do Norte foi a utilização de Natal e região metropolitana como ponto de apoio da Segunda Guerra Mundial, por meio da base americana *Parnamirim Field*

¹⁸ O Estado do Rio Grande do Norte em séculos passados era chamado apenas de Rio Grande.

¹⁹ A partir de 1840.

²⁰ Produção da carne conservada através do sal e do sol

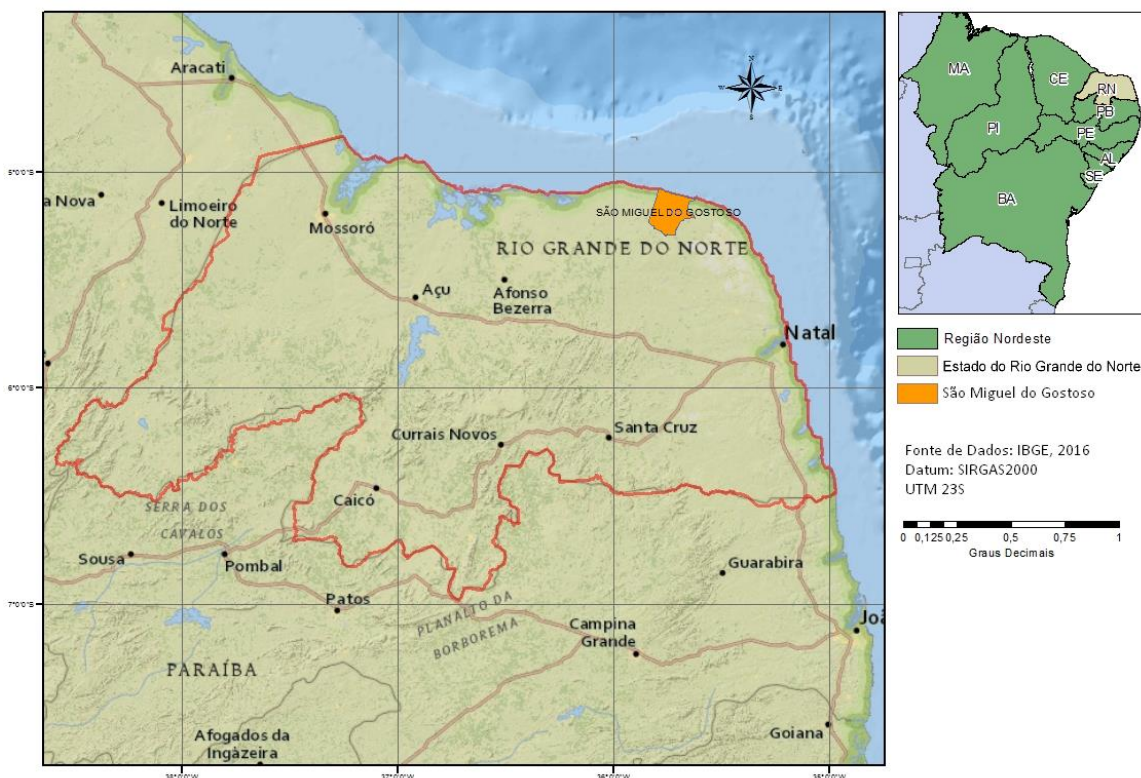
²¹ Tipo de árvore comum no semiárido da região Nordeste

(1942). De acordo com Câmara Cascudo, o fluxo de americanos em solo potiguar transformou “o ambiente, fazendo surgir casas, estaleiros, cais de atracação e subidas de aviões anfíbios, armazéns, hospitais, cassinos(...) fartura de alegria e entusiasmo” (CASCUDO, 1980, p. 402/403).

Mais uma vez, o Rio Grande do Norte era invadido por estrangeiros, fixando bases militares, reconfigurando espaços, modificando costumes, redesenhando a cidade, traços de um já marcante hibridismo cultural já enfatizado por Cascudo (1965; 1980). As tropas também chegaram à São Miguel do Gostoso. O nome de uma das praias da cidade é uma homenagem a esse período. “No período compreendido entre 1943 e 1944, na época da Segunda Guerra Mundial, tropas do exército brasileiro se instalaram na vila para defender a orla brasileira. As refeições dessas tropas eram distribuídas na praia, sendo conhecida como a hora da xêpa” (TAVEIRA, 2015, p.81, grifo do autor).

O Estado só voltaria a se projetar internacionalmente outra vez pelas mãos do turismo, nos anos 1980, devido a grandes investimentos em políticas e projetos de turismo regional. Na Figura 2 podemos observar o Estado do Rio Grande do Norte que possui 167 municípios, sendo 29% deles banhados pelo mar (IBGE, 2010). Em destaque o município de São Miguel do Gostoso.

Figura 2: - Mapa do Nordeste com destaque para o Estado do Rio Grande do Norte.



Fonte: Modificado pelo autor a partir dos dados do IBGE (2016)

Os governos em suas estâncias federal e estadual, assumem um papel protagonista no estabelecimento das diretrizes de turismo. A esfera pública tem o papel de definir, controlar, fiscalizar, planejar, legislar e promover a atividade turística (QUINTANA, 2016). As políticas de turismo são parte integrante de macropolíticas governamentais e não é de hoje que o turismo se faz presente na agenda dos governantes e dos planos dos governos.

No Brasil, a gestão pública do turismo obteve avanços consideráveis nas últimas décadas. De um setor do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), nos anos 1930, à criação da EMBRATUR²², em 1966, (RODRIGUES, 2001; CARVALHO, 2010) e à consolidação do Ministério do Turismo em 2003, o turismo nacional conseguiu consolidar planos e programas, desenvolveu ações e realizou grandes investimentos.

²² A Embratur é a autarquia especial do Ministério do Turismo responsável pela execução da Política Nacional de Turismo no que diz respeito à promoção, ao marketing e ao apoio à comercialização dos destinos, serviços e produtos turísticos brasileiros no mercado internacional.

A gestão do turismo nas localidades tem sido administrada pelas secretarias municipais, que definem, em aspecto micro, sua estruturação, controle e planejamento. Raramente, essas secretarias são apenas de turismo, abarcando outros subsegmentos, como comunicação, cultura ou meio ambiente. Por sua vez, em estâncias maiores, as gestões públicas estaduais definem as diretrizes, estabelecem as políticas regionais e criam a imagem mercadológica dos lugares. Esse processo de marketing turístico se estabelece como indutor de promoção e comercialização dos destinos. Porém, há de se ressaltar que existe uma fenda entre o que geralmente se vende como turismo e a realidade dos municípios.

No caso do município em estudo, a grande visibilidade que a cidade ganhou nos últimos anos gerou um fluxo extraordinário na localidade, e a gestão pública normalmente, pela sua própria estrutura burocrática, caminha em passos mais lentos. É um descompasso. A dinamicidade do fenômeno turístico ocorre mais rapidamente do que as questões de ordem estrutural, que dependem de aprovações, laudos, licitações, repasses de verbas, discussão e aprovação de leis.

Cada gestão municipal e/ou estadual é responsável pelo direcionamento dos investimentos e pela definição das prioridades de políticas públicas. As políticas públicas de turismo são diretrizes em diferentes níveis de poder que definem o uso do espaço turístico, planejamento e gestão do território (BENI, 2006). De acordo com Beni (2006), as políticas de turismo são complexas de implementação devido ao diverso conjunto de atividades da competência de uma rede de atores das esferas privada, pública e social. Porventura, a descontinuidade, a falta de capacidade técnica, os entraves burocráticos e a falta de integração entre os órgãos oficiais de turismo e conflitos de interesses podem ser um grande entrave das políticas públicas para o setor. De acordo com Selva (2012, p.42), “É no nível municipal que as políticas públicas e as práticas turísticas se materializam através de formas, funções, estruturas e processos e que devem ser planejadas de acordo com a realidade de cada localidade onde se estabelecem”.

As primeiras políticas públicas de fomento à atividade turística do Nordeste são da segunda metade da década de 1960. Mas foi nos anos 1970, durante o Regime Militar Brasileiro, com a criação de dois fundos de fomento, incentivos federais e a política dos megaprojetos (final dos anos 1970 e início dos anos 1980) que o Nordeste começou a ser estruturado para o turismo (COSTA e SOUSA, 2010;

LOPES JÚNIOR, 1997; CRUZ, 2001). “A política de megaprojetos turísticos surgiu entre o final da década de 70 e início dos anos 80, influenciada pelo “modelo *Cancún*”, que consiste na urbanização turística de trechos de costa pouco ou nada urbanizados, com forte concentração do equipamento” (CRUZ, 1999, p.93). Segundo a geógrafa Rita de Cássia Ariza da Cruz:

Em se tratando de turismo no Nordeste, há uma importante valorização da atividade, a partir do final da década de 70, e isto se pode auferir através das duas políticas regionais de turismo instituídas a partir de então, ou seja, a política de megaprojetos turísticos e o programa de ação para o desenvolvimento do turismo no Nordeste – PRODETUR-NE (CRUZ, 1999, p.4).

A política de megaprojetos foi concebida para fortalecer a infraestrutura hoteleira dos destinos turísticos sol e mar do Nordeste, além de exacerbar midiaticamente as belezas naturais, estimulando o capital imobiliário e a implantação de megaempreendimentos de hospedagem (FERNANDES, 2011a; CRUZ, 2001; ENDRES, 2012). Para a professora e pesquisadora Ana Valéria Endres, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB):

A política de megaprojetos foi caracterizada por um conjunto de ações semelhantes praticadas por cinco dos nove estados nordestinos a partir do final da década de 70. Ela surgiu com o objetivo de desenvolver o turismo na região por meio da implantação de megaempreendimentos turísticos ou, de forma mais específica, megaprojetos hoteleiros (ENDRES, 2012, p.57).

Diferente da Política de Megaprojetos, o PRODETUR I (1994-2005) tinha como objetivo aperfeiçoar os aspectos da infraestrutura básica, de acesso e serviços (CRUZ, 2002).

O PRODETUR é um programa de crédito para o setor público (estados e municípios) que foi concebido para criar condições favoráveis à expansão e melhoria da qualidade da atividade turística na Região Nordeste, através da aquisição de recursos de agências internacionais de fomento, como o Banco Interamericano de Desenvolvimento – BID (ENDRES, 2012, p. 73).

As políticas públicas de turismo implementadas no Brasil durante esse período centralizaram os aspectos econômicos e mercadológicos dos destinos turísticos. Esse encantamento do “paraíso tropical” cativou redes hoteleiras,

empresários da construção civil e do setor turístico, que obtiveram vantagens significativas nos megaprojetos da região Nordeste. Essas propostas políticas foram articuladas por meio de negociações entre a Superintendência para o desenvolvimento do Nordeste (SUDENE), o Banco Internacional de Desenvolvimento (BID), a EMBRATUR, a Comissão de Turismo Integrado do Nordeste (CTI/NE), o Banco do Nordeste e representantes oficiais dos Estados nordestinos (ENDRES, 2012).

O grande foco desta política atribui às grandes extensões dos vazios litorâneos, e ao clima quente e a disponibilidade de sol o ano todo, a justificativa para que o Nordeste se promovesse, a partir dos anos 1970, o incremento do turismo de massa e assim se colocasse a região na rota do desenvolvimento nacional (FERNANDES, 2011a, p.64).

Para Fernandes (2011b), no período pós-guerra, Natal começa a dar os primeiros sinais de uma utilização do litoral para casas de veraneio (FERNANDES, 2011b). Mas foi nos anos 1960 que o turismo começou a fazer parte de uma pauta governamental, embora ainda timidamente, com investimentos em infraestrutura urbana, obras de urbanização e reordenamento espacial “ foi realizada a construção do primeiro hotel turístico, o Reis Magos, na Praia do Meio” (FERNANDES, 2011b, p.10).

Segundo (Costa, 2008; Fernandes ,2011a; Silva, 2012 e Pessoa,2012), o turismo no Estado do Rio Grande do Norte inicia-se no final dos anos 1970 (fomentado pela promoção turística) e com a construção da Via Costeira²³ (1984), resultado da política de megaprojetos. Por sua natureza, megaprojetos envolvem grandes investimentos, longos prazos para realização, grandes intervenções e dimensões e uma complexa rede de envolvidos para sua realização.

Cruz (2001) ainda esclarece que idealização, implementação, definição de áreas para instalação dos megaprojetos turísticos ficou sob atuação do setor público em todo o Nordeste. “O primeiro megaprojeto turístico nordestino concebido foi o Projeto Parque das Dunas – Via Costeira em Natal (RN) ” (CRUZ, 2001, p.80). O Projeto Parque das Dunas favoreceu a expansão da infraestrutura

²³ Projeto Parque das Dunas – Via Costeira, foi uma intervenção pública, dentre da política de megaprojetos que visava a ocupação do espaço litorâneo potiguar para a atividade turística, com construção de hotéis, via de acesso e ligação entre as praias de Ponta Negra e Areia Preta em Natal.

hoteleira da capital potiguar e interligou as praias de Ponta Negra e Areia Preta, no entanto, trouxe imbrólios devido ao uso da área de dunas para construção das vias de acesso e instalação dos hotéis. Apesar das dificuldades ambientais, o projeto foi realizado e concluído, tendo projetado a capital Natal e o Rio Grande do Norte na rota do turismo nacional. “É o turismo impondo seu tempo, criando seu espaço” (CRUZ, 2001, p. 147).

O turismo no Rio Grande do Norte deslança e começa a causar os primeiros problemas decorrentes da sua superexploração, como afirma Marcelino (2001, p. 179): “A expulsão das populações nativas dos seus locais de origem já se verifica a partir da melhoria e ampliação da infraestrutura viária, primeira ação governamental dirigida à consolidação do turismo litorâneo para o Estado”.

A adoção dessa política estimulou a aquisição de terrenos por estrangeiros no litoral potiguar e engendrou o estabelecimento das segundas residências. Essa massificação do turismo no Rio Grande do Norte deu-se na região metropolitana de Natal e nas praias do litoral sul.

Para Luzia Neide Coriolano (1998), as políticas de turismo dos anos 1980/1990 não foram inclusivas para as comunidades litorâneas (CORIOLANO, 1998). O processo de fatiamento dos territórios, venda de lotes e urbanização acelerada, foi excludente, e a turistificação do litoral, sua comercialização e mercantilização extirparam muitas das famílias do seu espaço de vivência. Tanto Almeida Filho (2014) quanto Taveira (2015) definem turistificação como o processo de apoderamento, transformação e consumo de espaços para fins turísticos

Como a pressão de grandes grupos era forte e as populações litorâneas não sabiam lidar com essa usurpação, houve uma intensa apropriação dessas terras, cujos moradores venderam seus espaços e foram relocados longe de lugares de potencial turístico. Essa segregação já demonstrava o padrão de turismo não acessível, especulativo e capitalista, presente no Nordeste do Brasil (SOUSA, MATIAS e SELVA, 2016).

Grandes grupos internacionais, principalmente europeus, passaram a migrar seus investimentos para esta nova modalidade nas faixas litorâneas nordestinas. Encontraram praias paradisíacas a custos módicos se comparados aos preços praticados no Velho Continente, e ambiente altamente propício para este tipo de investimento(...) (SOUSA, MATIAS e SELVA, 2016, p. 2).

Algumas localidades sofreram com mais intensidade essa invasão, conduzindo à elevação do valor do solo, à especulação imobiliária, fazendo com que se intensificasse o processo de segregação social (MARCELINO, 2001). Nesse sentido, a gestão pública desses lugares permitiu um fatiamento e esfacelamento territorial em prol de um “desenvolvimento turístico”. O que se percebeu, ao longo tempo, foi um exclusivismo para grandes corporações usufruírem mercadologicamente de espaços litorâneos.

Desenvolvimento turístico não é – como poderia ser – sinônimo de desenvolvimento econômico-social. Nenhuma atividade econômica setorial pode garantir esse desenvolvimento, já que no imenso jogo de relações que comanda esse processo, cada uma das atividades representa apenas uma parte (CRUZ, 1999, p. 183).

Indiscutivelmente, a esfera governamental vê no turismo uma solução econômica e um agente de desenvolvimento. Porém, a realidade mostra que a superexploração comercial dos lugares e a massificação de visitantes gera mais desequilíbrios do que benesses. “O crescimento significativo dessa atividade, quando não planejada adequadamente, pode ocasionar sérios impactos aos recursos naturais e à qualidade de vida das populações dos destinos turísticos” (SUAREZ, 2010, p.25), ao mesmo tempo em que “O turismo (...) vem produzindo novas configurações geográficas e materializando o espaço de forma contraditória, pela ação do Estado, das empresas, dos residentes e dos turistas” (CORIOLANO, 2005, p.299).

Do discurso à práxis, do planejamento à implementação, do controle ao afrouxamento, o turismo esbarra no apelo paradisíaco midiático e na manutenção de um *status quo*. Como crescer e manter as configurações originais de uma localidade? Como dimensionar e equilibrar os fluxos? Essas dissonâncias tornam a atividade uma complexa rede de estudo e interpretações.

O Estado do Rio Grande do Norte se destaca também pela extração e beneficiamento de sal e produção de petróleo (ARAÚJO, 2009). “Segundo a Secretaria de Estado do Turismo, quatro áreas econômicas são bastante

significativas para o Estado: o Petróleo, a Carcinicultura²⁴, a Fruticultura (melão e castanha de caju) e a Atividade Turística” (VIRGÍNIO e FERNANDES, 2011, p. 223).

O fluxo turístico do Rio Grande do Norte concentra-se principalmente na faixa litorânea ao sul da capital, com dunas, lagoas, falésias e reservas de Mata Atlântica do Estado, além da presença marcante das praias em 49 dos seus municípios (BANCO DO NORDESTE, 2012; FERNANDES, 2011a). O que propiciou esse “descortinamento” de outras regiões do Rio Grande do Norte pelo turismo foi a construção das vias de acesso (decorrente da política de megaprojetos). Cidades, vilas, distritos, lugarejos antes isolados, foram sendo descobertos pelos viajantes. Pessoa (2012) explana que, com a construção da Rota do Sol Norte, o turismo se estendeu da praia da Redinha até São Miguel do Gostoso.

Segundo Taveira (2015) as ações mais relevantes para o turismo em São Miguel do Gostoso com recursos públicos (em suas três estâncias) abrangeram a urbanização da orla marítima e infraestrutura da cidade, iluminação, paisagismo e elaboração do Plano Diretor (2008).

Vale ressaltar que, por ser membro integrante do Polo Costa das Dunas, São Miguel do Gostoso foi contemplado com algumas políticas estaduais de turismo e por ações oriundas de recursos do PRODETUR RN II (carta cartográfica, urbanização de praias urbanas, plano de resíduos sólidos e a oferta de cursos de qualificação voltados ao operacional do turismo) (TAVEIRA, 2015, p. 158).

A nossa metáfora com o oceano (inspirada em Barros, 2007), trazida no início da seção, visa relacionar o Estado do Rio Grande do Norte como um aspecto do macrossistema e São Miguel do Gostoso (a gota d’água), como um aspecto do microssistema. As proposições sobre sistemas e turismo de Jiménez Martínez (2005), são as que mais se aproximam da nossa linha de investigação. “ Em um sistema, há diferentes níveis de complexidade. Na medida em que o sistema se desdobra em subsistemas, passa-se de uma complexidade menor para uma maior, e vice-versa” (JIMÉNEZ MARTÍNEZ, 2005, p. 122).

²⁴ Cultivo de camarão em cativeiro. O litoral do Rio Grande do Norte é uma das principais regiões de produção do Brasil

4.2 Os “ventos promissores” de indicadores e desenvolvimento

Regularmente as atividades econômicas (como o turismo) e o crescimento econômico são medidos através de índices. Esses índices indicam o desempenho, projetam cenários e realizam comparações. No entanto, os indicadores convencionais se aportam em números e estatísticas. Quando nos deparamos com o PIB²⁵, por exemplo, ou os anuários, os números vinculados não levam em consideração outras categorias que agreguem valor ao indivíduo ou à sociedade. Indicadores monetários são vistos como norte de crescimento e “desenvolvimento”, porém esses marcadores, por exemplo, não incluem a degradação dos ecossistemas (VEIGA, 2009).

Para o professor e pesquisador José Eli da Veiga existem “muitos tipos de capital natural cuja depreciação não aparece nas estatísticas publicadas” (VEIGA, 2009 p. 424). Embora o valor bruto monetário prevaleça na mídia como índice de pujança, a redução de recursos, a degradação do ambiente, as emissões de gases tóxicos, criminalidade, investimentos em educação e bem-estar humano, não são computados dentro do escopo dos índices convencionais.

Considerando os impactos positivos e negativos sob a rubrica da sustentabilidade, o turismo ainda emperra na operacionalização, planejamento e política (AHN, LEE e SHAFER, 2002). Embora os efeitos do turismo não tenham a magnitude da indústria de bens, os desdobramentos de um turismo sem controle, afeta e sequela severamente a sociedade. A questão ambiental é também um fator de discórdia, discussão e mobilização no setor de turismo e hospitalidade. A crítica no turismo se fundamenta no uso do espaço e da paisagem como elemento de desenvolvimento. Lugares paradisíacos cedem sua beleza para criação de empreendimentos de grande porte (como hotéis) para aberturas de estradas, privatização de áreas dantes protegidas, em prol de um desenvolvimento turístico com promessas de integração e melhoria de qualidade de vida.

O turismo também se submete a uma campanha desenvolvimentista que supre expectativas momentâneas das localidades. No entanto ainda há uma

²⁵ O produto interno bruto (PIB) é um indicador macroeconômico

esperança quanto ao uso dos recursos naturais no turismo. Como uma das principais matérias-primas do turismo é o ambiente, isso requer certo grau de preservação para a permanência do seu consumo. A explanação de Ahn, Lee e Shafer (2002, p.02) evoca resumidamente os conceitos trabalhados na nossa discussão, de “Caminhos do desenvolvimento que sejam ambientalmente benéficos e duradouros”.

Para o economista polonês Ignacy Sachs (2008, p.71) “O desenvolvimento é um conceito multidimensional (...) e contém uma condicionalidade ambiental”. O crescimento evocado pelo turismo salvador não condiz com um desenvolvimento em pleno sentido. Esse desenvolvimento está intrinsicamente imbricado com melhoras socioambientais e subjetivas dos indivíduos, indo mais além dos benefícios estritamente econômicos. Inevitavelmente o turismo recai como uma atividade baseada nas visões mais estreitas do desenvolvimento (SEN, 2000), centradas em índices econômicos, volume de entradas de divisas e circulação de moedas. Quando os autóctones não são incluídos nesse processo de desenvolvimento, priva os sujeitos dessas liberdades humanas.

O turismo é visto exclusivamente como um setor que proporciona finalidades econômicas, benesses sazonais, utilizando “recursos como propósitos de consumo, produção ou troca” (SEN, 2000, p.55). Investimentos em turismo não resolvem problemas intrínsecos dos lugares, como educação básica, saúde e infraestrutura. Mas, aliado a um planejamento à longo prazo, pode corroborar para um melhoramento, mesmo que tímido, da qualidade de vida de um povo (desde que expanda alguma liberdade humana, mesmo que instrumental).

As liberdades instrumentais são definidas como liberdades que contribuem direta ou indiretamente para uma liberdade mais global. Porém, se atividade turística se resumir a apenas empregos temporais, trabalhos operacionais e nenhuma participação efetiva da comunidade no seu planejamento, as dimensões de exclusão e confinamento às atividades informais e de subsistência e a fraca participação política, tornam o desenvolvimento uma odisséia (SACHS, 2008).

O que propõe o economista e filósofo indiano Amartya Kumar Sen (2000) é a ideia do desenvolvimento centrado na liberdade, do desenvolvimento das liberdades substantivas e a extensão das liberdades reais que as pessoas desfrutam. “Essas liberdades são parte integrante do enriquecimento do processo de

desenvolvimento” (SEN, 2000, p.53). Sen (2000) considera essas liberdades instrumentais agrupadas em: liberdades políticas; facilidades econômicas; oportunidades sociais; garantias de transparência e segurança protetora. O conjunto de liberdades, segundo o autor, possibilita aos indivíduos esclarecimentos, poder de decisão, participação e escolhas.

O turismo pode possibilitar um dos alicerces desse desenvolvimento, mas não sua plenitude. O turismo (pelo seu caráter sazonal temporal) não cria condições definitivas para um desenvolvimento sistêmico, mas “A criação de oportunidades sociais contribui diretamente para a expansão das capacidades humanas e da qualidade de vida” (SEN, 2000, p 170).

O termo desenvolvimento abrange uma considerável discussão, visto que sua gênese interatua com questões de ordem micro e macro, considerando basicamente fatores de ordem socioeconômica. Desde os anos 1990, índices de desenvolvimento humano das regiões brasileiras tem sido utilizados para registrar variáveis que englobam padrão de vida, acesso a conhecimento e longevidade.

No entanto os índices oficiais não associados e/ou contabilizados a outros índices, não dimensionam fielmente a qualidade de vida e conseqüentemente o desenvolvimento real de uma localidade. Vidas produtivas ceifadas pela violência, criminalidade, acidentes de trânsito, acesso à internet, mobilidade, capacidade de inovação, acesso à cultura, infraestrutura (acesso à água potável, saneamento básico e energia elétrica), são também parâmetros que definem desenvolvimento. No entanto os índices ainda se aportam no Produto Interno Bruto (PIB) e em indicadores econômicos, desconsiderando outros elementos.

Um índice é uma variável mediana, que não leva de fato em consideração uma realidade absoluta, que vá além do tripé renda, expectativa de vida e escolaridade. O grande debate dos indicadores é o fato deles ignorarem aspectos mais particulares, serem sintéticos e centrados em valores monetários. Além disso, invariavelmente surgem as divergências do não consenso. Como afirma Abramovitz (1989), desenvolvimento não consiste somente na disposição de bens materiais e serviços e na possibilidade genérica de a eles terem acesso por meio da obtenção de renda.

O conceito de IDHM²⁶, assim como o IDH²⁷, foi apresentado conjuntamente no primeiro relatório de desenvolvimento humano do Programa das Nações Unidas (PNUD) em 1990 (VEIGA, 2009). O IDH reúne três requisitos para a expansão das liberdades das pessoas: Saúde (que designa a oportunidade de cada um ter uma vida longa e saudável); Educação (capacidade de acesso ao conhecimento) e Renda, que está relacionado a um padrão de vida digno (PNUD, 2014). Em 1998 o Brasil adotou o IDHM para todos os 5.565 municípios brasileiros. Abaixo podemos observar a escala adotada nas dimensões do IDHM.

Tabela 1: Faixas de desenvolvimento humano segundo o PNUD (2014).

0 a 0,499	0,500 a 0,599	0,600 a 0,699	0,700 a 0,799	0,800 a 1
Muito Baixo	Baixo	Médio	Alto	Muito alto

Fonte: Livremente adaptado do PNUD (2014)

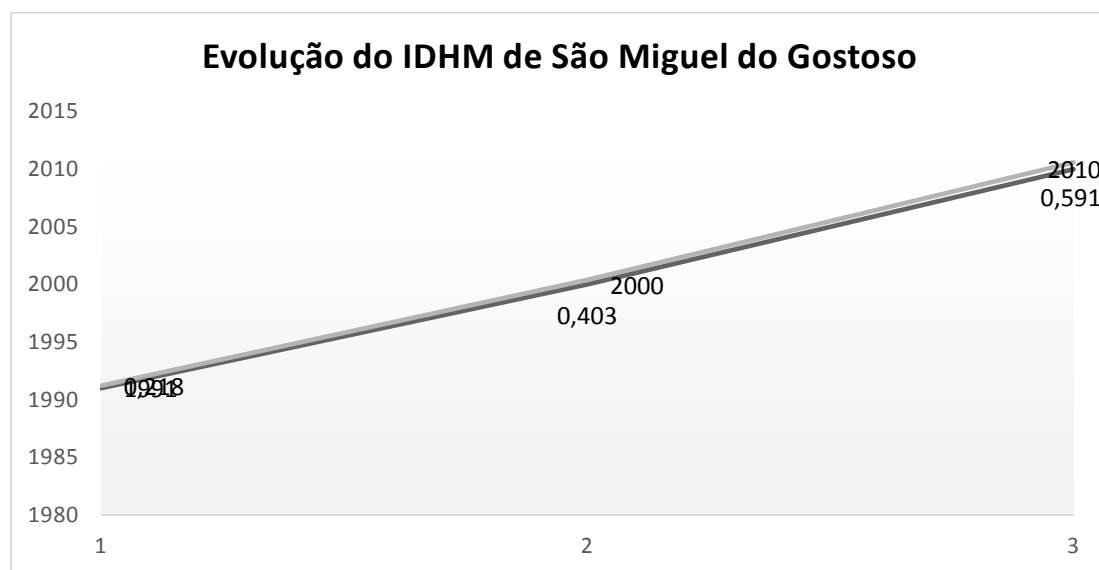
O IDHM é obtido pela média geométrica dos três subíndices das três dimensões: Longevidade (expectativa de vida ao nascer); Educação (Medida da escolaridade da formação básica fluxo escolar da população jovem) e Renda (Capacidade média de aquisição de bens e serviços por parte dos habitantes do lugar).

De acordo com os dados do Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil do PNUD (2014) o IDHM de São Miguel do Gostoso passou de 0,218 em 1991 para 0,403 em 2000, uma taxa de crescimento de mais de 84%. Entre os anos de 2000 e 2010, saltou para 0,591, contabilizando uma taxa de crescimento de 46,65%, conforme Figura 3. Nesse período, a dimensão cujo índice mais cresceu em termos absolutos foi Educação (com crescimento de 0,237), seguida por Longevidade e por Renda (ATLAS DO DESENVOLVIMENTO HUMANO NO BRASIL, PNUD, 2014).

²⁶ Índice de desenvolvimento humano municipal

²⁷ Índice de desenvolvimento humano

Figura 3: - Evolução do IDHM do município em estudo num período de duas décadas

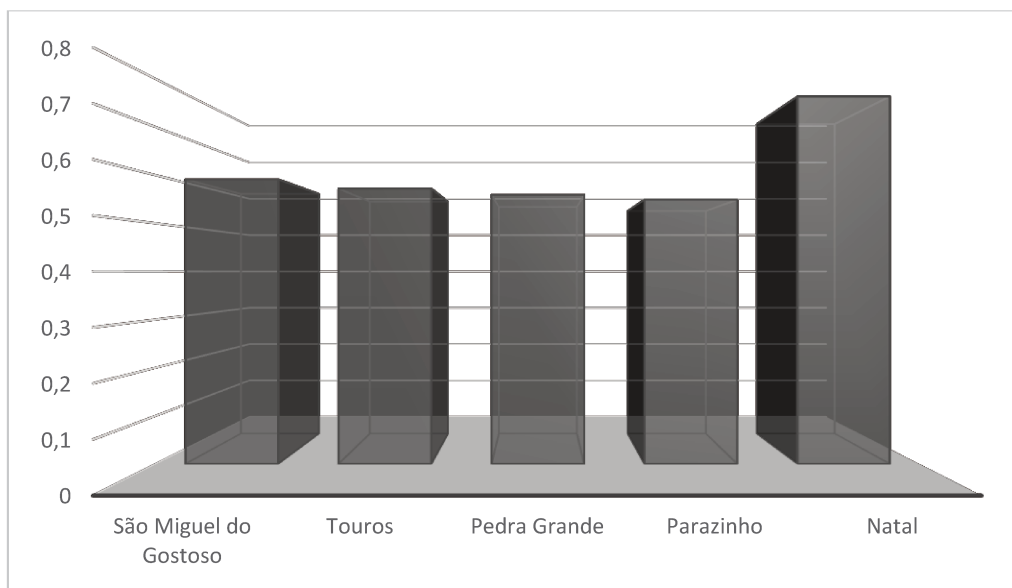


Fonte: Livremente adaptado do Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil 2014 - Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. BRASIL e IBGE Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2014)

Segundo dados do PNUD (2014) o Estado do Rio Grande do Norte ocupa a 16ª posição no ranking dos 27 estados brasileiros em termos de IDHM (ano referência 2010). O município de São Miguel do Gostoso (RN) ocupa a posição 4372ª posição entre os 5.565 municípios brasileiros segundo o IDHM.

O Estado do Rio Grande do Norte é composto por 167 municípios (IBGE, 2010) e São Miguel apresenta um índice de IDHM melhor do que seus municípios vizinhos, inclusive do município do qual foi desmembrado. A capital Natal tem o índice de 0,763 (considerado alto). São Miguel do Gostoso, Touros, Pedra Grande e Parazinho, têm respectivamente 0,591; 0,572; 0,559 e 0,549, sendo São Miguel do Gostoso o município com maior IDHM, mesmo que o índice configure baixo dentro do padrão de avaliação, conforme Figura 4. (ATLAS DO DESENVOLVIMENTO HUMANO NO BRASIL, 2014).

Figura 4: - IDHM comparativo entre municípios fronteiriços de São Miguel do Gostoso e a capital do Rio Grande do Norte



Fonte: Atlas Brasil 2014 – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. IBGE (2014)

Os índices de IDHM do município de São Miguel do Gostoso refletem as macropolíticas sociais que foram adotadas no Brasil nas últimas décadas. Essa radiografia demográfica e social é um reflexo do próprio macrossistema. Esses números, que exaltam avanços no IDH e no IDHM, coincidem também com o processo de emancipação política do município e das questões provenientes do fluxo turístico, que serão analisadas no capítulo seguinte.

Figura 5: Pé de Cardeiro²⁸ na Praia do Reduto em São Miguel do Gostoso



Fonte: Pesquisa Direta (2016)

V- SÃO MIGUEL DO GOSTOSO: CAMINHOS DO VENTO

²⁸ Espécie típica do bioma caatinga, adaptada para climas secos com restrições de água e muito comum no semiárido do Nordeste. Também chamada de Mandacaru. Dá nome a uma das praias da cidade.

5.1 A história de uma cidade moldada pelos ventos

Os pés de Cardeiro (Figura 5) estão fincados em todo município, comum a um clima semiárido. Próximos ao mar, resistentes ao tempo, imponentes e poéticos. O Cardeiro dá nome a uma das praias e também a uma lagoa no município. Entre o mar, a vegetação do semiárido e os fortes ventos, nasce o povoado de Gostoso.

O povoado de “Gostoso” foi fundado em 29 de setembro de 1884, e um dos primeiros moradores do lugar, Miguel Félix Martins, construiu ali um templo em homenagem ao padroeiro da vila após sobreviver a um naufrágio. A igreja foi inaugurada em 29 de setembro de 1899 (TABOSA, 2000; ARAGÃO, 2001). Segundo o jornalista Emanuel Neri, morador da cidade e dono de uns primeiros estabelecimentos de hospedagem de São Miguel do Gostoso, o nome peculiar de “Gostoso” é atribuído a um morador da cidade.

(...)que há mais de 100 anos, recebia os mascates, que passavam pela cidade vendendo mercadorias, contando histórias engraçadíssimas. Tanto contava como, no final de cada história, se derretia em prolongadas gargalhadas. Foi por isso, que os mascates começaram a chama-lo de “Seu Gostoso”. A partir daí foi um pulo para que o adjetivo “Gostoso” batizasse a cidade (NERI, 2013, p.8, grifo do autor).

Posteriormente o nome popular e o nome do santo (São Miguel²⁹) foram incorporados na composição do nome do lugarejo. Essa informação quanto ao nome da cidade é reforçada por Taveira (2015, p.52, grifo do autor) “Com o passar do tempo, a população, sem medo de cometer sacrilégio, juntou ao nome ‘São Miguel’, a denominação ‘Gostoso’. E foi assim que o lugarejo ficou conhecido, como São Miguel do Gostoso”.

Segundo dados do IBGE (2010), a população da cidade é de 8.670 pessoas, com 2.853 domicílios. Embora haja um número oficial de habitantes divulgados pelo IBGE (2010), cogita-se um fluxo maior de pessoas devido aos moradores flutuantes provindos da atividade turística e dos empreendimentos de

²⁹ O dia de São Miguel Arcanjo é comemorado em 29 de setembro

energia eólica³⁰. De acordo com a Tabela 2, houve um *boom* nos anos 2000 no aumento de habitantes, fruto da empolgação com as atividades turísticas. Muitos visitantes estabelecerem residência, montaram negócios e se incorporaram à cidade. Essa assertiva se fortalece com os depoimentos em entrevista: “Quem chega, se apaixona e já quer comprar um terreno” (Depoimento 14). Paulatinamente, esses números foram caindo, e a tendência é uma certa estabilidade nos próximos anos.

Tabela 2: Evolução populacional (Gênero, rural e urbana) do município de São Miguel do Gostoso

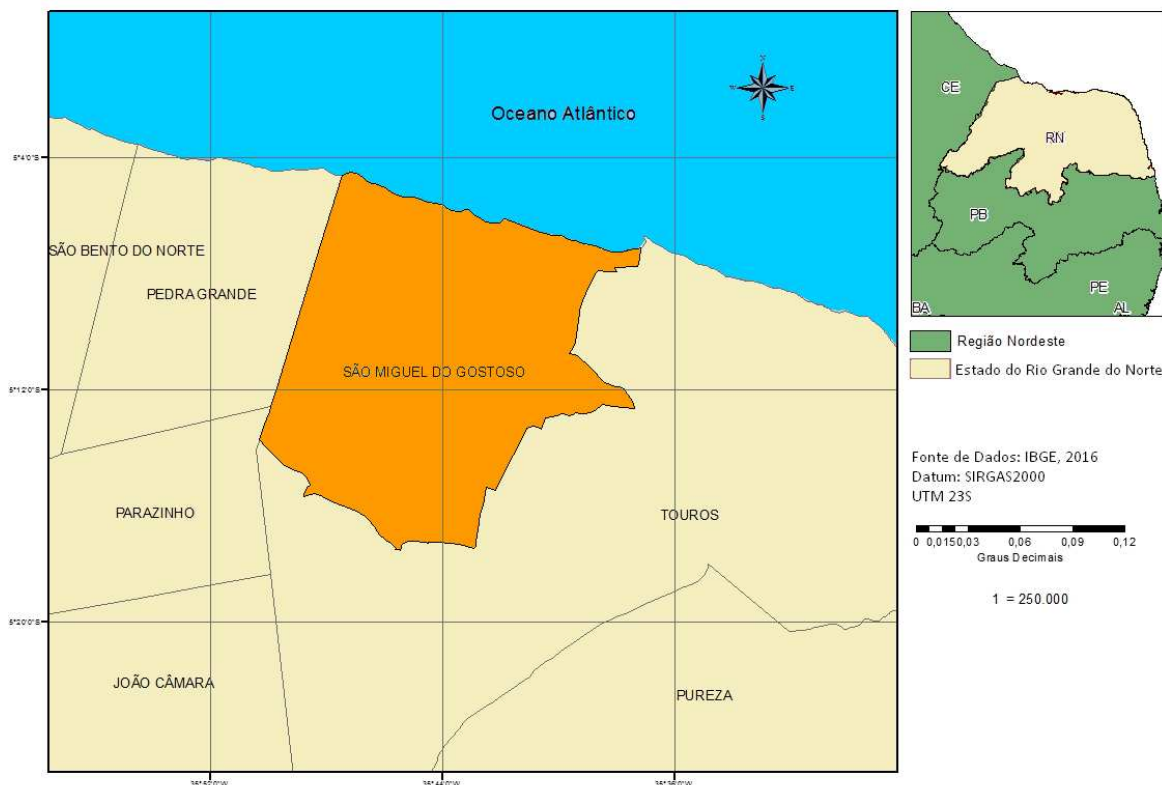
Ano	1991	2000	2010	2016 (Estimativa)
População oficial	5.797	7.580	8.670	9.518
Aumento em %	-----	29,7%	14,4%	9,7%
População residente masculina	3.008	3.972	4.474	-----
População residente feminina	2.789	3.608	4.196	-----
População urbana	-----	2.302	4.131	-----
População rural	5.797	4.678	4.539	-----

Fonte: Dados trabalhados pelo pesquisador a partir dos Censos do IBGE (2000; 2010); Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil (PNUD); IPEA e Fundação João Pinheiro

O município de São Miguel do Gostoso localiza-se na mesorregião leste potiguar, microrregião do litoral Nordeste, no Polo Costa das Dunas e distante 100 Km da capital do Estado (TAVEIRA, 2015). Tem como limites, ao Norte, o Oceano Atlântico, ao Leste e Sul, o município de Touros e a Oeste, o município de Pedra Grande e Parazinho (MILLER, 2014).

³⁰ Será discutido mais adiante neste mesmo capítulo

Figura 6: Mapa do Estado do Rio Grande do Norte com destaque para o Município de São Miguel do Gostoso.



Fonte: Modificado pelo autor a partir dos dados do IBGE (2016)

Mas, antes de ser São Miguel do Gostoso, o então distrito rural de São Miguel de Touros vinha, desde 1988, demonstrando interesse, por meio de representantes da comunidade e da igreja, de uma separação oficial de Touros³¹. Mas somente em 14 de março de 1993 realizou-se um plebiscito para consulta popular. O plebiscito com 698 eleitores consolidou o “sim” com 686 votos, mas apenas em 1996 elegeu-se o primeiro prefeito (ARAGÃO, 2001). A cidade de São Miguel de Touros no Rio Grande do Norte emancipou-se do município de Touros pela Lei Estadual 6.452, de 16 de julho de 1993 (ARAGÃO, 2001; IBGE, 2010; ALMEIDA FILHO, 2014; TAVEIRA, 2015). “Nessa ocasião Touros perdeu 5.843 habitantes da zona rural para o novo município” (SEBRAE/RN, 1999, p.16).

³¹ No dia 11 de abril de 1833, Touros foi desmembrada do município de Extremoz (hoje Ceará-mirim). Elevado à categoria de vila com a denominação de Touros, pela resolução do Conselho de Governo. Confirmada pela lei provincial número 21 de 27 de março de 1835. Hoje consta com população aproximada de 31.089 habitantes e área de 838.870km² e faz fronteira ao sul com São Miguel do Gostoso (IBGE, 2010); (SEBRAE/RN,1999).

Por força de outro plebiscito popular realizado em 19 de novembro de 2000, São Miguel do Gostoso voltou a ser o nome da cidade. Na ocasião, apesar de estarem aptos 3.316 eleitores, votaram apenas 1.924 eleitores (ARAGÃO, 2001). O percentual foi de 90,95% dos votantes favoráveis à mudança do nome, alterado pela Lei Estadual nº 9992, de 05 de maio de 2001 (IBGE, 2010).

O município de São Miguel do Gostoso atualmente é composto por 26 distritos e/ou assentamentos, sendo eles:

Quadro 4: Distritos de São Miguel do Gostoso

1	Tabua ³²	14	Baixinha dos Vieiras
2	Reduto	15	Cruzamento
3	Morro dos Martins	16	Janjão
4	Morro dos Paulos	17	Novo Horizonte
5	Baixio	18	Arizona
6	Umburana	19	Paraíso
7	Frejó	20	Mundo Novo
8	Baixinha dos França	21	Fazendinha
9	Angico de Fora	22	Angico Velho
10	Praia do Marco	23	Santa Fé
11	Ouro Branco	24	Nova Esperança
12	Canto da Ilha de Cima I	25	Canto da Ilha de Cima II
13	Antônio Conselheiro	26	Sede

Fonte: (ARAGÃO, 2001; PESQUISA DIRETA, 2016)

Cada distrito tem suas peculiaridades, história e manifestações culturais e folclóricas, inclusive um santo padroeiro diferente de São Miguel. Mas a igreja no Distrito Sede, exaltando São Miguel, simboliza a devoção ao santo que dá nome à cidade.

Na imagem a seguir (Figura 7), é possível ver o Distrito Sede, com destaque para a avenida principal de São Miguel do Gostoso e para as praias da Xêpa e Maceió, ainda sem a presença dos aerogeradores³³ no seu entorno.

³² Taboa é uma espécie de capim que nasce na lagoa, cuja fibra se faz tapetes. O nome com o tempo migrou de taboa para tabua.

³³ Neste mesmo capítulo a questão dos aerogeradores será abordada

Figura 7: Vista aérea do distrito Sede de São Miguel do Gostoso, com destaque para a Avenida dos Arrecifes



Fonte: Canindé Soares (2012)

Não se sabe ao certo o que demarcou o início do fluxo turístico em São Miguel do Gostoso, mas dois marcos temporais são importantes para entender esse movimento. O primeiro, a criação da Pousada do Gostoso (1985) pelo navegador potiguar Leonardo Godoy (PESQUISA DIRETA, 2016; ALMEIDA FILHO, 2014). A pousada localizada na Ponta do Santo Cristo foi o primeiro meio de hospedagem da localidade. Somente 14 anos depois, surgem mais duas pousadas: Mar de Estrelas (2000) e Pousada dos Ponteiros (2000), ambas de moradores do município. As três pousadas existem até os dias atuais e são as mais antigas da região (NERI, 2013; Pesquisa Direta, 2016).

O surgimento da primeira escola de *kite surf*³⁴ pelas mãos de um italiano chamado Paolo Migliorini, em 2007, nos dá os sinais de mais uma dimensão temporal. Os ventos propícios, a disposição geográfica natural e a facilidade de acesso protagonizaram um turismo que associa esporte e um tipo de embarcação.

³⁴ Esporte náutico praticado com uma vela e uma prancha. Do inglês “kite”, pipa, vela ou papagaio.

Embora a emancipação política do município (tratada mais à frente da pesquisa) não possa ser considerada um marco temporal para a atividade turística, porque a atividade já existia antes da emancipação, o desmembramento de Touros deu à São Miguel do Gostoso poder decisório para tratar das questões mais amplas, que não envolviam apenas o fluxo turístico. Na linha do tempo proposta por Taveira (2015), as ações institucionais do turismo no município iniciam no fim dos anos 1990, com a implantação da sinalização turística.

São Miguel do Gostoso desde a emancipação política, estrutura-se para atender à demanda turística com uma oferta qualificada de serviços e atrações turísticas como meio de hospedagem, empresas do ramo de alimentação, entretenimento noturno, passeios turísticos e serviços complementares de apoio ao turista (TAVEIRA, 2015, p.113).

Para o Ministério do Turismo (2010) a utilização de embarcações para esporte e/ou recreio classifica-se dentro do escopo de turismo náutico. Turismo náutico de lazer normalmente abarca cruzeiros marítimos, mas seu *background* vai além, incluindo atividades esportivas como caiaque, mergulho, vela, canoagem, *rafting*³⁵, *wind surf* e *kite surf* (HRDDLICKA *et al*, 2005). Além disso, o turismo náutico se subdivide em turismo náutico costeiro e marítimo, englobando atividades de lazer em represas, canais, lagoas, rios, lagos e outros locais propícios, utilizando embarcações que podem ser botes, escunas, jangadas, lanchas, veleiros, balsas, iates e outros (HRDDLICKA *et al*, 2005; Ministério do Turismo, 2010).

O turismo náutico de lazer compõe uma diversidade de peculiaridades e serviços, já que pode ocorrer dentro de grandes embarcações com aparatos de serviços especializados ou em embarcações conduzidas pelo próprio praticante. De acordo com Hrdlicka *et al* (2005, p. 368) "O turismo náutico não se caracteriza, unicamente, por grandes navios e milhares de turistas. Incluem-se também as embarcações menores para a navegação de recreio e competições esportivas". Para o Ministério do Turismo (2010, p. 14) " turismo náutico caracteriza-se como a utilização de embarcações náuticas com a finalidade de movimentação turística".

Em São Miguel do Gostoso a atividade esportiva semeou a vinda dos praticantes de *kite surf* (Figura 8) e propagou as empresas do setor turístico

³⁵ Esporte radical, onde o praticante costuma descer corredeiras e fluxos de água em botes infláveis.

(INVENTÁRIO TURÍSTICO, 2014). Nas entrevistas resultantes dos trabalhos de campo, essas informações foram confirmadas (PESQUISA DIRETA, 2016).

Até 2010, já existiam três escolas de *kite surf* na cidade. Dr. Wind, Escola Gostoso e Clube Kauli Seadi. Segundo dados já levantados da pesquisa de campo (2015 e 2016), São Miguel do Gostoso consegue ter uma temporada propícia de ventos que ultrapassam seis meses de duração, e sua intensidade se dá nos últimos meses do ano (setembro a dezembro). Nenhuma escola de *kite* pertence a um morador da cidade, assim como boa parte dos restaurantes e meios de hospedagem. Dos mais de setenta estabelecimentos de hospedagem disponíveis na cidade, menos de dez empreendimentos são de pessoas nascidas em São Miguel do Gostoso (PESQUISA DIRETA, 2015, 2016).

Figura 8: Prática do *kite surf* na Praia do Santo Cristo em São Miguel do Gostoso



Fonte: Canindé Soares (2007)

Assim como em outros municípios do litoral nordestino, São Miguel do Gostoso tinha na pesca e na agricultura umas de suas principais fontes de renda. Segundo Miller (2014), a localidade tem sua economia centrada em três pilares: “ a base da economia se concentra nas seguintes atividades: agropecuária (sendo a farinha de mandioca o seu principal produto), pesqueira e o turismo” (MILLER,

2014, p. 109). De acordo com Almeida Filho (2014, p. 66) “segundo o sindicato³⁶, os principais gêneros alimentícios produzidos pelo município são: abacate, abacaxi, castanha de cajú, coco-da-baía, manga, melão, batata-doce, feijão, mandioca, milho, algodão, sorgo, sisal (ou agave) ”. A produção agrícola municipal é reforçada e exemplificada através do seguinte depoimento:

Hoje a gente planta muito a cultura de subsistência, que é mandioca, feijão e milho(...) de uns dois anos para cá estamos trabalhando muito com irrigação(...) a agricultura tá melhorando bastante nessa área de irrigação(...) já temos irrigação de tomate, goiaba e melão. Fruta: a gente é um dos maiores produtores de umbú, na Baixinha dos França e no Baixio na época de umbú, sai todo dia um caminhão com dez toneladas ou mais(...) A gente manda muito tomate pro CEASA e muita batata doce pro Recife (Depoimento 8 N).

A atividade de pesca artesanal³⁷, artesanato de labirinto³⁸ e agricultura de subsistência foram no decorrer do tempo perdendo espaço para outras atividades econômicas mais atrativas. Embora as três atividades ainda existam, o turismo juntamente com os parques eólicos, exercem maior influência econômica no município.

A atividade turística, iniciada de forma mais intensa na segunda metade dos anos 2000, trouxe significativas modificações sociais, demográficas, ambientais, territoriais e econômicas para o município. Essas transformações no dia-a-dia da cidade, nas rotinas dos nativos, é um dos rumos do nosso trabalho. Restaurantes com cardápios internacionais, bares sofisticados, pousadas de alto luxo, recrudescimento dos valores dos terrenos, aulas de *kite* para estrangeiros, pluralização de línguas, eventos internacionais e nacionais (Bossa Jazz, Festival de Cinema, circuitos de beach tênis, dentre outros) transformaram o cotidiano da pacata vila de pescadores dos idos da década de 1980. O turismo, paulatinamente, começou a exercer um papel determinante no município, gerando empregabilidade, dependência econômica e mudança de hábitos dos autóctones.

Essas questões podem ser observadas a seguir, resultado das seis visitas realizadas no campo de estudo nos anos de 2014 e 2016. Os onze subitens seguem

³⁶ Sindicato de Trabalhadores Rurais de São Miguel do Gostoso

³⁷ Pesca utilizada com utilização de instrumentos artesanais, confeccionados pelos próprios pescadores, desde a feitura de redes como embarcações.

³⁸ Esse tipo de artesanato é chamado de labirinto devido ao tipo de bordado realizado no tecido. Consequentemente as artesãs que fazem os labirintos são chamadas de labirinteiras.

um fluxo que levou em consideração dois aspectos: a ordem das questões das entrevistas e o tripé das temáticas socioculturais, econômicas e ambientais. Os itens 5.10 e 5.11 propositadamente tratam dos dois últimos questionamentos das entrevistas, que confluem sobre o passado e o cenário futuro de São Miguel do Gostoso.

5.2 Transformações socioculturais: a vila, o distrito e o município

“ É no interior que as coisas vão surgir”
Anna Raboud

Jangadas ao mar, pouca iluminação, praia deserta e ruas de areia. Os discursos dos atores evidenciam uma imagem saudosista e bucólica de São Miguel do Gostoso, de uma vila de pescadores, com casas de palha, ruas sem calçamento, de piçarro³⁹, coqueiros e cajueiros, um silêncio sepulcral rompido pelo barulho do mar. Alguns se reportaram ao período romântico antes da chegada da energia (1982), quando deitavam na areia ou em esteiras no chão para ver a lua. “A luz era a lua” (Depoimento 37). A primeira ruptura do isolamento foi a chegada da energia elétrica, sequencialmente pela asfaltagem da RN 221⁴⁰, que facilitou o acesso ao distrito. E, num terceiro momento, o turismo. Embora a estrada entre São Miguel do Gostoso e Touros existisse nos anos 1990, o trecho de piçarro e areia tornava a deslocção demorada e difícil. Os moradores costumavam fazer o trajeto pela praia, inclusive as labirinteadas, para vender seus produtos em lugarejos vizinhos. Enquanto o distrito permaneceu isolado, suas características de vila de praia se mantiveram intocadas. Para o entrevistado 12, “Aqui era só pé de mato, cajueiro e guabiraba⁴¹ (...) era tudo cheio de mato”. Para outro morador, “Todas as noites era comum as pessoas ficarem nas calçadas, nas ruas, até de madrugada” (Depoimento 14). O esquecido distrito do final dos 1970 foi assim descrito:

São Miguel do Gostoso era uma vila de pescadores com três núcleos de casas. Uma abrangendo a área da Pousada Mar de Estrelas, um segundo núcleo nas proximidades da Rua dos Dourados, onde está encravada a

³⁹ Cobertura para estradas, feita com a mistura de pedras e barro.

⁴⁰ Rodovia que liga São Miguel do Gostoso até a BR 101. O asfaltamento ocorreu na década de 2000.

⁴¹ Fruto comestível de um tipo de planta que era comum na região.

Igreja Católica formado com oito ou dez casas e outro formado pelo pessoal do Cícero Martins (Depoimento 23 N).

Os ofícios do então distrito de São Miguel do Gostoso eram a agricultura de subsistência, a pesca artesanal e o artesanato de labirinto. Este último, exclusivamente das mulheres. Basicamente, “Se vivia da agricultura e da pesca (...) e era um vilarejo com poucas ruas e ruas estreitas” (Depoimento 25 N). Esse legado era repassado aos filhos, que reproduziam as atividades dos pais: “Meus filhos tudo aprenderam a pescar, os homens” (Depoimento 4 N). A pesca era para os homens, e o artesanato, para as mulheres. A chegada do turismo, aliado a outras questões socioculturais e econômicas, foi esfacelando esses ofícios, já que os trabalhos originais (como costura, pesca, plantio) perderam espaço para os serviços turísticos nas pousadas e nos restaurantes. “A cultura da pesca vai ficando para os mais velhos e não passando para as gerações futuras” (Depoimento 29B Ñ). A pesca perdeu o espaço para o turismo devido a vários fatores: por ser um trabalho arriscado, pesado e com pouco retorno. “ Os jovens não pescam mais (...) os jovens de hoje podem estudar, o que não tinha há 15 anos” (Depoimento 28 Ñ). “ Você tem muitas opções de trabalho no município (...) quem vai querer se arriscar no mar? ” (Depoimento B Ñ).

Para Miller (2014, p. 110) a pesca em São Miguel do Gostoso é “ predominantemente costeira, utilizando-se rede de espera para captura da serra e da guarajuba. Parte da frota motorizada opera também na região costeira, na captura de lagostas com caçoeira⁴² e mergulho de compressor”. Para os depoentes os peixes mais encontrados na região são serra, cioba, biquara, guarajuba, cavala e dourado.

Em São Miguel do Gostoso a pesca é predominantemente costeira, sendo a pesca por rede-de-espera a mais comum. As principais espécies capturadas são os peixes Serra, Vermelhos, Tubarões, Biquara, Garajuba, Lagosta (apesar do decréscimo vertiginoso do seu valor) e Camarão (ALMEIDA FILHO, 2014, p. 69).

O pescado aparece como um produto essencial tanto para a alimentação dos gostosenses, quanto para suprir os equipamentos de alimentação e

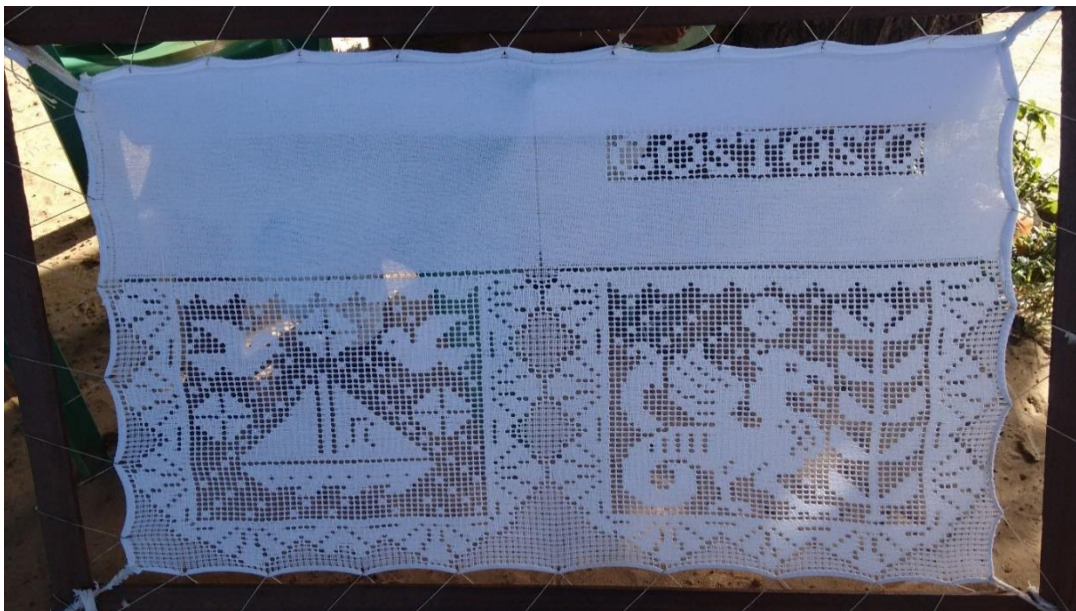
⁴² Rede de arrasto para pesca de lagostas em alto mar

hospedagem, embora haja reclamação, tanto dos moradores quanto dos donos de empreendimentos, referente ao valor alto do quilo do produto.

A transformação da pesca não é algo isolado, é macro, não acontece apenas em São Miguel do Gostoso, é um processo de descontinuidade da atividade, além da substituição da pesca artesanal pela pesca industrial. O investimento nas embarcações, nas técnicas, no manuseio e aprendizagem da pesca, requer muito tempo. Ainda é possível ver em “Gostoso” artesãos construindo barcos de pesca, consertando redes de arrasto e vendendo seus peixes na feira local. Mas até quando?

Quanto ao ofício das mulheres, há notadamente, uma desarticulação dos grupos de labirinteiras (mais presente no Distrito do Reduto⁴³), visto que elas ainda não têm um espaço próprio para comercializar seus produtos, que, muitas vezes, são vendidos na porta de suas residências, sem precificação definida. Devido a isso, muitas labirinteiras vendem seus bordados (labirintos) com preços abaixo do valor comercial e laboral, desqualificando seus trabalhos manuais. O labirinto artesanal é um produto de difícil confecção, e o labor das artesãs nem sempre é compensado na hora da sua venda.

Figura 9: Pano bordado com artesanato de Labirinto



Fonte: Pesquisa Direta (2016)

⁴³ Segundo as entrevistas, o nome Reduto provém da história de que esse distrito foi um dos últimos redutos dos holandeses na região.

No Distrito Sede, ainda se encontram labirinteiras, que fazem sua atividade ora ao ar livre, ora nas suas residências. É notória, entre os entrevistados, a descontinuidade do labirinto, atividade ainda resistente entre as senhoras mais velhas. “Não tem mais nenhuma novinha fazendo labirinto” (Depoimento 5 N). O turismo aqui se mostra com uma dupla faceta. Ele corroborou com o afastamento das jovens do artesanato e, ao mesmo tempo, criou mercado para as peças elaboradas pelas labirinteiras. Uma artesã assim enunciou seu receio: “Eu tenho pena, mas enquanto eu tiver juízo vou tá trabalhando” (Depoimento 12 N).

Não se pode culpar solitariamente o turismo pelo desaparecimento do labirinto. É evidente que o encantamento do turismo arrebatou muitas jovens, mas as mudanças provindas do acesso à tecnologia e à informação, aos deslocamentos mais curtos e rápidos, e as facilidades de estudos e alterações comportamentais geraram um desinteresse por atividades pouco lucrativas e que exigiam um grande esforço físico.

Como se pode perceber no seguinte depoimento:

O labirinto é um artesanato muito trabalhoso, muito trabalhoso (...) a mulher para poder fazer é um processo, desde a compra do tecido, da linha, o tecido é caro, a linha é cara, primeiro vai desenhar, leva muito tempo desfiando(...) a mulher leva oito horas de trabalho para fazer uma toalhinha de mão numa barrinha de 10cm (...) é muito trabalhoso e pouco rentável (Depoimento 17 N).

Apesar dos aspectos culturais intrínsecos na atividade do labirinto, ele também se amoldou a uma demanda turística. Nos dias de hoje, muitas peças são feitas sob encomenda, de modo que os próprios consumidores determinam e/ou escolhem os modelos, desenhos e tamanhos. “São os bolsos que escolhem os desenhos” (Depoimento 37 N). A tendência desse ajuste do fazer ao gosto dos visitantes, nos dá indícios de uma periculosidade da atividade se render ao industriante. Quando as atividades originais se moldam ao turista, a tradição e a originalidade perdem sua força, descaracterizando o trabalho laboral. É a tentativa de ajuste aos mercados (inclusive estrangeiros) que determinam como deve ser o produto que agrada ao público. Há uma resistência em produzir peças grandes, como toalhas de mesa ou lençóis para a cama, tanto pelo desgaste, quanto pelo tempo de realização.

As labirinteiras preferem confeccionar peças menores porque são mais aceitas para compra, e o tempo para elaborar, mais curto. Dependendo da peça, a artesã pode levar meses: “O labirinto é um trabalho muito demorado” (Depoimento 6 N). Os entrevistados percebem o valor tradicional do artesanato e seu risco de esvaecimento, o que pode ser representado na seguinte afirmação: “ Eu não vejo moça menina trabalhando na labirinteira, eu vejo velho só e eu não entendo (...) eles fazem um trabalho muito nobre num pano muito pobre, acho que tinha que buscar uma alternativa pra agregar valor” (Depoimento M Ñ).

Uma das questões da entrevista versava sobre o futuro do artesanato de labirinto e da pesca no município. Quase a totalidade dos entrevistados referiu-se à pesca como uma atividade em declínio, assim como o artesanato. “A nossa pesca está no momento de decadência” (Depoimento 36 N). As referências da pesca artesanal no passado enaltecem principalmente a lagosta. Um pescador assim define a baixa produtividade da pesca: “Alguns peixes se mudou-se (...) mas dá pra viver de pesca ainda”. Um morador da cidade assim define o que aconteceu: “A pesca vai no meio caminho do labirinto, os filhos dos pescadores estão trabalhando de garçom e segurança nas pousadas” (Depoimento G Ñ).

A migração da pesca e do labirinto para o turismo e para a energia eólica é visível no seguinte depoimento:

O pescador põe uma roupa e vai trabalhar na eólica, geralmente com máquinas pesadas e não volta pra pesca (...) da mesma forma acontece com a senhora que era labirinteira. Não consegue auferir renda para se manter, então vai ser camareira numa pousada ou cozinheira (...) o rapaz que trabalha na agricultura vai ser garçom (...)isso tira as pessoas do trabalho artesanal e elas não retornam, uma vez especializados naquela atividade, não querem mais voltar (Depoimento 22 Ñ)

O futuro do labirinto artesanal ainda é uma incógnita. Ao mesmo tempo em que sua fabricação manual no Distrito do Reduto produza um bem cultural e turístico, a maneira de realizá-lo está em processo de deterioração devido à falta de artesãs. A pesca transita pelo mesmo percurso, minguada em relação a anos anteriores, quando já se configurou como principal atividade econômica da cidade. A esperança aparece em poucos discursos: “A pesca não vai acabar, tem muito peixe e é tradicional” (Depoimento 33 Ñ).

A tendência é que o repasse da técnica e do aprendizado na feitura dos barcos se perca com o passar do tempo. Quando uma atividade se extingue, com ela também se esvai a tradição. Há, gradativamente, uma diminuição de barcos no mar, um abandono da atividade, um adormecimento das raízes. Os meninos nas jangadas, as meninas nos teares, os pais na agricultura, tudo foi se transformando para não mais voltar. “ A cidade era uma vila de pescadores originalmente, a gente chegava e via muitos barcos no mar (...) com o desenvolvimento essa principal fonte foi sendo esquecida, acho que uma das mudanças mais significantes para a história da cidade” (Depoimento 29B Ñ).

O Turismo se posiciona como uma atividade de maior interesse pelos jovens, pelas possibilidades de crescimento pessoal, troca cultural e interações com estrangeiros que proporciona. Segundo um dos depoimentos, o incentivo à atividade do labirinto poderia retardar seu desaparecimento: “ O labirinto foi mais do que a pesca (...) hoje se você procurar aqui dentro da cidade, não sei se você encontra dez (...) eu acredito se tivesse apoio para essas mulheres, associações que vinhessem resgatar(...) porque é muito interessante” (Depoimento 1 N).

Figura 10: Barco artesanal em São Miguel do Gostoso



Fonte: Pesquisa direta (2016)

Há gradativamente a diminuição de barcos no mar, um afastamento dos jovens da pesca, um arrefecimento da atividade frente ao turismo que se impõe. Na

Figura 10 ainda é possível ver o trabalho artesanal da construção de um barco em uma das ruas do município. A contextualização da pesca e seu futuro condiz com a assertiva de Miller (2014) de que:

O crescimento da especulação imobiliária, a fixação de estrangeiros que chegam à comunidade e o turismo parecem ter definido um novo status para os pescadores, colocando-os numa condição não mais tão privilegiada no seio da família e da comunidade como um todo (MILLER, 2014, p. 116).

A opinião de Miller (2014) compactua com a observação de Grendi (2009, p. 46) de que existem “tecidos de relações interpessoais inseridos em contextos sociais mais amplos”, reforçado por um dos depoimentos a seguir, onde se esclarece que as transformações são de maior magnitude, provindas de fluxos externos.

É difícil falar o que mudou por causa do turismo e o que mudou por causa do natural desenvolvimento social e tecnológico. Porque eu acho que a tecnologia teve impacto muito mais importante que o turismo (...) tecnologia como telefone e internet (...) não é o turismo que mudou isso, é uma explosão de tecnologia que tem um impacto social incrível (Depoimento 2 Ñ)

5.3 Palavras ao vento : transformações culturais nas microrrealidades

“Tem muita gente aqui que fala como italiano” (Depoimento 14 N)

“Tem muita gente querendo se misturar, falar italiano...”

(Depoimento 3 Ñ)

Por que falar sobre cultura? As falas da pesquisa remetem ao termo cultura recorrentemente. Ora para lembrar algo preterido, negligenciado, ora para referenciar o turismo e seus principais impactos na localidade. Para Berdoulay (2012), ao longo do século, a definição de cultura recebeu incorporações em sua gênese e começou a adotar outras variáveis (como o meio ambiente e globalização, por exemplo) na sua contextualização provinda das “interdependências que ela indicava entre os diferentes aspectos da vida na sociedade” (BERDOULAY, 2012, p.116).

Um dos aspectos observados é a mutação da cidade aos estrangeirismos para acomodar-se ao fluxo contínuo de visitantes estrangeiros, soprado de todas as direções. É visível o número de estabelecimentos (principalmente de alimentação e hospedagem) que se utilizam de palavras em outras línguas, fruto do processo híbrido do turismo percebidos na linguagem.

A língua é um sistema social e não um sistema individual, ela preexiste a nós”. As falas estão repletas de significados, e a identidade está estruturada assim como a linguagem, e “existem significados suplementares sobre os quais não temos qualquer controle (HALL,2005, p. 40).

Todas as transformações, adequações, atualizações da língua são frutos de um processo globalizante (GARCÍA CANCLINI, 2008). Tanto para o entrevistado 23 quanto para o entrevistado 24, “O Nordeste é muito maleável na aquisição de hábitos importados” e “O Nordeste é maleável quanto aos hábitos estrangeiros”. Para alguns atores consultados, a incorporação de comportamentos estrangeiros ao cotidiano dos jovens, lhes dá certa diferenciação e status em relação aos demais. “Mudou a maneira de vestir das meninas, mudou a maneira dos rapazes cortar o cabelo. As pessoas perderam o medo de se vestir, pintaram o cabelo, agora é moda” (Depoimento 3). Na Figura 11, podemos destacar dois momentos que corroboram nossa discussão: a placa do restaurante e da loja de roupas (em azul).

Figura 11: Placas de rua indicando pousada, restaurante e comércio local destinado ao turista internacional



Fonte: Pesquisa Direta (2014)

As mudanças em São Miguel do Gostoso vão desde o linguajar às vestimentas, aos hábitos alimentares, à forma de se expressar. As alterações causadas pelas reverberações do sistema sociocultural são vistas na capacidade de reorganização e readaptação da cidade a novos costumes, endossando o que expõe Bertalanffy (2006):

En cambio al hombre lo rodea un universo de símbolos. Partiendo del lenguaje, condición previa de la cultura, hasta relaciones simbólicas con sus semejantes, status social, leyes, ciencia, arte, moral, religión y otras innumerables cosas (BERTALANFFY, 2006, p.206, grifo nosso).

Bertalanffy (2006) defende que os grupos humanos, sociedades, culturas são unidades adequadas de investigação como sistemas, pelo fato de que são organismos vivos, abertos à transformação e em processo morfogênico. A inserção de palavras novas ao cotidiano da sociedade gostosense revela como um subsistema local se adequa aos estrangeirismos provindos de um outro subsistema. “A gente recebe muito estrangeiro (...) algumas pessoas se envolvem muito ali e as

“pessoas daqui a pouco estão falando outras línguas, outros costumes, outras gírias... acho que eles estão perdendo um pouco da identidade” (Depoimento 14 N).

Essa tentativa de homogeneização cultural na comunicação é destacada por Stuart Hall (2005) e por um dos depoentes:

No interior do discurso do consumismo global, as diferenças e as distinções culturais, que até então definiam a identidade, ficam reduzidas a uma espécie de língua franca internacional ou moeda global, em termos das quais as tradições específicas e todas as diferentes identidades podem ser traduzidas (HALL, 2005, p.75/76.)

Abriu um leque para as outras línguas, eles estão ouvindo outras línguas... alemão, inglês, francês, italiano... muito italiano. Isso é uma grande coisa, uma abertura para o mundo das pessoas daqui... coisa que não tinha. Ideias novas, diferentes, às vezes um pouco chocante (Depoimento 28 N).

Figura 12: Influência estrangeira no distrito do Reduto em São Miguel do Gostoso



Fonte: Pesquisa direta (2015)

No caso da Figura 12, a frase em alemão escrita na parede de taipa (uma declaração de amor) reflete essa contradição: o encontro do local e do global, inseparáveis. Do micro e do macro. Para George Yúdice (2004), “Cultura não é propriedade de ninguém, nem de grupo algum (...) mas é um processo estratificado

de embates” (YÚDICE, 2004, p. 126). É perceptível como a linguagem é expressa, inclusive na fachada de uma casa na zona rural de São Miguel do Gostoso. “Pensar a cultura dentro do quadro do nacional torna mais difícil discernir e manejar os fenômenos transnacionais que cada vez mais definem a cultura” (YUDICE, 2004, p. 131/132).

Nem sempre essa relação de visitante e visitado é harmônica: “Às vezes quem vem de fora quer impor o seu jeito, a sua maneira de ser na cidade e na cultura do povo, sem levar em consideração o que os nativos têm” (Depoimento 24). Ou ainda: “ Um pouco da cultura local vai sendo esquecida porque o jovem vai focar no novo” (Depoimento 29B). Tendenciosamente, os mais jovens se sentem mais atraídos por hábitos diferentes dos seus pais, e os comportamentos dos estrangeiros vão sendo incorporados no dia-a-dia. Essa apropriação declarada e consentida tem favorecido e legitimado esse processo de hibridismo, de renovação e esgotamento, de renascimento e esquecimento, sempre versátil, volúvel e contínuo.

As cidades, comunidades, vilas, “ilhas de história”, têm vivido essas novas configurações. Nas paisagens, nas comunicações, nas relações, nas formas de lidar com o passado, com o presente e com o futuro. Esses efeitos não são exclusivos do Turismo, mas de uma ressonância própria da complexidade do sistema (visto no depoimento 2 Ñ). A exposição de Yúdice (2004) demonstra as mudanças e as tendências globais na transformação social, especialmente na América Latina:

A nova divisão global do trabalho resultante da reestruturação econômica global, a desregulação, o desenvolvimento de mercados de capitais, o impacto desnacionalizador das novas tecnologias sobre as telecomunicações e a mídia, o surgimento do mercado global, o crescimento exponencial das viagens internacionais e das indústrias de turismo (YÚDICE, 2004, p. 125).

Perceptivelmente, os fluxos turísticos, migrações e desterritorializações vão alinhavando outros tecidos sociais, reconfigurando a paisagem, o social e urbano, o cultural. “Quando a circulação cada vez mais livre e frequente de pessoas, capitais e mensagens nos relaciona cotidianamente com muitas culturas, nossa identidade já não pode ser definida pela associação exclusiva a uma comunidade nacional” (GARCÍA CANCLINI, 2008, p.131). Essas interferências e novas composições que o turismo exerce aparecem no seguinte depoimento:

Por uma razão ou outra, o turismo deu uma característica própria à São Miguel do Gostoso e por isso que eu acho que não consiga separar turismo de São Miguel do Gostoso, eles estão intrinsicamente alinhados(...) Os visitantes trazem algumas ideias inovadoras principalmente em termos de ecologia, padrões de construção(...) pelo lado negativo a gente vê algumas pessoas que vem de fora e vivem como se fosse numa ilha, totalmente refratários a qualquer contato ou adaptação ou então, apanham o que é de costume local e fazem modificação/junção... que não parece legal pra mim (Depoimento 22 Ñ).

Segundo o antropólogo argentino Néstor Raul García Canclini, “hibridação é um processo não sinônimo de fusão, mas sim de contradições, que geram novas estruturas, objetos e práticas” (GARCÍA CANCLINI, 2013, p.14). Na práxis, essa hibridação cultural reformula e reconstrói práticas sociais, artísticas, próprias da interculturalidade. Essa troca cultural e a hibridação são resultantes de ações migratórias, intercâmbios econômicos e comunicacionais, fluxos turísticos intensos e também do desenvolvimento tecnológico.

A rapidez desses processos híbridos vem formando mosaicos de difícil definição e legitimação homogênea. Essa recombinação e transformação de elementos de uma sociedade por outra vai além de simples diferenças culturais. É mais do que isso, é uma reconfiguração de formato. Portanto, segundo o autor argentino, “nossa identidade já não pode ser definida pela associação exclusiva a uma comunidade nacional” (GARCÍA CANCLINI, 2008, p. 131). Para um dos entrevistados, a troca cultural é algo positivo porque “A gente começa a aprender novas formas de viver” (Depoimento 17 N), ou ainda: “ Eu não acredito na aculturação, eu acredito na troca” (Depoimento 31 N).

Há uma certa tendência de acreditar na cultura como invólucros e estufas, protegidas dos movimentos globais, fortes e não permeáveis. Canclini (2008, p.114) esclarece que “Estabeleceu-se que os habitantes de um certo espaço deviam pertencer a uma só cultura homogênea, e ter, portanto, uma única identidade distintiva e coerente”. O próprio Canclini (2008) admite que a cultura se forma na costura da língua, dos objetos, costumes, textos e rituais. Os fluxos, as dinâmicas globais presentes no nosso tempo tornam os lugares, as pessoas cada vez mais multifacetadas e complexas. Tudo é mutante, constante movimento, interação, dispersão, polifônico, imaginário (GARCÍA CANCLINI, 2008). Como imaginar esse posicionamento numa cidade turística que recebe visitantes regularmente?

A São Miguel do Gostoso de outrora e os primeiros turistas não existem mais. “Antes você conhecia os turistas, conhecia pelo nome (...) hoje em dia não tem como identificar quem são” (Depoimento 34 N). De acordo com os levantamentos de campo (2014-2016), os primeiros turistas eram desbravadores, que chegavam à São Miguel do Gostoso pela praia ou depois de enfrentar uma longa caminhada (já que não havia estradas). Não eram os praticantes de esportes náuticos (até porque essa atividade só surgiu nos anos 2000), mas outro tipo de turista como informa o depoente 34. A Pousada do Gostoso nos anos 1980 recebia pessoas que buscavam refúgio, isolamento e tranquilidade. Apesar de muitos entrevistados ressaltarem a tranquilidade e a qualidade de vida em Gostoso, a vila, o distrito e a cidade dos anos 1990, não existe mais.

As mudanças culturais também se revelam na alimentação. A criação de uma feira municipal foi uma ideia da moradora Isabel Neri (Dona Bebê), apoiada por Leonardo Godoy.

Isabel acompanhou de perto todo o crescimento da cidade. E foi responsável por movimentos como a criação da feira livre local, que se realiza todas as segundas-feiras, e é bastante concorrida. Fazia reuniões, conversava com comerciantes e ouvia respostas não incentivadoras(...) (NERI, 2013, p. 58/59).

Apesar de certa resistência de uma feira numa praia, a ação consolidou-se no então distrito de São Miguel do Gostoso.

No dia 15 de janeiro de 1990 foi inaugurada a feira-livre de São Miguel do Gostoso, em uma rua que antes se chamava Rua do Comércio. Até os dias de hoje, mas agora na Rua dos Dourados, às segundas-feiras funciona a feira-livre que reúne comerciantes da própria cidade, como também dos municípios vizinhos (João Câmara, Ceará-Mirim, Touros); (ALMEIDA FILHO, 2014, p. 56)

Nos depoimentos capturados pelas entrevistas, ela ganhou novos produtos, dinamizou-se e foi adequando-se a novas demandas. Para os depoentes, a oferta de alimentos, os tipos de produtos e a gastronomia mudaram na cidade no decorrer dos anos. Os gostosenses alteraram seus hábitos alimentares também. Em certo aspecto, percebe-se, na feira, uma proliferação de folhagens, leguminosas e hortaliças que antes do *boom* turístico não eram comuns. “Hoje a feira é um exemplo” (Depoimento A). Para a depoente 19 N “ Antigamente se usava muito sal

e gordura, comida com muito sal, não tinha energia elétrica, não tinha geladeira (...) carne seca, peixe...hoje em dia já muda”.

Nos bares e restaurantes, também já são comuns produtos mais sofisticados (como vinhos, cogumelos e temperos).

A feira mostra a transformação do consumo(...) agora você vê muito mais verde, antes era um tom pardo(...) agora são hortaliças, ervas, temperos, folhas, enfim, que isso é reflexo de novos consumidores ligados aos restaurantes e pousadas (Depoimento 27 Ñ).

Para alguns entrevistados, a demanda dos turistas forçou a produção local de rúcula, rabanete, salsinha, que não faziam parte do dia a dia da comunidade. Para o entrevistado A, o nativo tem uma disposição natural para adaptação, e, segundo ele, “ O que eu vi aqui, eu não vi em lugar nenhum(...) o turismo aconteceu de uma maneira completamente diferente(...) eu acho que essa cidade tem um talento nativo de empreendedorismo” (Depoimento A Ñ).

Por um lado, há uma oferta generalizada de produtos e serviços, que não ocorre nos distritos rurais vizinhos pertencentes a Touros (Cajueiro, São José, Lagoa do Sal e Monte Alegre), e um discreto esquecimento de raízes locais na gastronomia. O pescado nas praias faz parte dos cardápios das pousadas e restaurantes, mas outros alimentos simbólicos da região (como milho e mandioca) perderam seu *status* perante o *wrap*⁴⁴, crepes e sanduíches. Segundo o depoimento 32 N, a modificação dos cardápios atendeu a uma globalização dos visitantes, mais interessados em outro tipo de alimentação. Mais uma vez, o local em detrimento do global. “De certa forma, a produção e a oferta de alimentos foram sendo moldadas para atender hábitos dos forasteiros e devido a irrigação” (Depoimento 8 N). Em contrapartida, alguns habitantes e proprietários de pousadas enaltecem as frutas e a produção local, transformando-as em doces, geleias e sucos. Como afirma o depoimento 29B, “ Começaram a vir coisas que a cidade não conhecia, desde arroz arbóreo a molho de tomate de outras marcas”.

Essa transformação dos hábitos alimentares, do comércio e da linguagem é valorizado por alguns entrevistados como nos depoimentos a seguir:

⁴⁴ Do inglês “wrap”, envolver, embrulhar ou cobrir. É um tipo de sanduíche sírio-libanês.

A gente começa a aprender novas formas de viver (...) O turismo veio, mas veio agregado a uma série de valores. Eu acho isso muito bom. Nós aprendemos com eles e eles com a gente. O Turismo fixou as pessoas aqui (...) Esse multicultural é muito importante. Porque a criança já cresce sabendo que existem várias formas de linguagem. As coisas que elas poderiam aprender mais à frente, elas aprendem no dia-a-dia. O que trouxe isso pra cá? O Turismo! (Depoimento 18 Ñ).

Um outro ponto positivo do turismo, que eu acredito, com o público seletivo e com costumes diferenciados da comunidade, pessoas que consomem comidas diferentes e que a gente não costuma ver por aqui. Isso fez com que o comércio se diversificasse, oferecesse mais opções de comida e bebida e produtos em geral. Nosso povo hoje tem acesso a novos produtos que se não tivéssemos o turismo, estaríamos fadados a continuar no mesmo costume. O turismo trouxe essa característica para nossa comunidade (...) muitas coisas que você encontra aqui, como cervejas importadas ou alguma iguaria (...) algo que não tinha antes, que os turistas quando vem pra cá procuram e o mercado se adaptou (Depoimento 26 Ñ).

Ao expressarem as mudanças na gastronomia local e na oferta de produtos diferenciados dos distritos ou cidades vizinhas, os entrevistados destacam essa singularização com orgulho. Todos que citaram a oferta da feira municipal local, os cardápios dos restaurantes e a variedade de itens dos mercados, exaltaram como algo positivo para uma localidade pequena. Em São Miguel do Gostoso é possível até encontrar um empório de vinhos, que pertence a um morador nascido na cidade. A transformação dos hábitos alimentares foi proporcionada pelas mudanças do macrossistema, com a chegada de novas culturas e aproximação com os visitantes. O fato de muitos turistas terem fixado residência no município, é um fator que também deve ser levado em consideração.

5.4 O distrito que virou cidade: emancipação, política e desenvolvimento

“ 16 de julho de 1993, eu lembro muito bem essa data(...) fomos pra rua, aquele momento de alegria e liberação, chamamos carro de som(...) porque a gente precisava daquilo, éramos esquecidos, éramos pessoas que muitas cidades aqui próximas criticavam(...) aqui tem pessoas que sempre trabalharam pro crescimento da cidade” (Depoimento 1 N).

O município é relativamente novo, tendo sido criado em 1993 e com gestão de apenas três prefeitos: João Wilson (1996-2004), Miguel Teixeira (2005-

2012) e a atual Maria de Fátima Tertulino Dantas Neri (2012-2016) (Pesquisa direta, 2016; NERI, 2013). Segundo Aragão (2001, p.32), a partir de primeiro de janeiro de 1997, a estrutura inicial era composta pelas seguintes secretarias: “Secretaria de Administração Geral; Secretaria de Educação, Cultura e Ação Social e Secretaria de Saúde”.

O nome da moradora Isabel Neri eclode como uma das personagens importantes no processo de desmembramento de São Miguel do Gostoso. Seu nome é citado diversas vezes nas entrevistas, relacionado ao movimento de emancipação, à criação da feira municipal, estímulo à educação e ao Clube de Mães⁴⁵. Isabel Neri foi também uma das entrevistadas na pesquisa e é a mãe do primeiro prefeito da cidade.

Essa mulher não parava um só instante. Liderou um movimento para fundar uma creche para a cidade e conseguiu a primeira ambulância para atender os doentes locais e levá-los para Natal. Em outra frente de ação, liderou movimento para que fosse construída uma delegacia de polícia na cidade. Também teve fundamental importância no convencimento do marido para que seu décimo primeiro filho, João Wilson, disputasse a primeira eleição para Prefeitura de São Miguel do Gostoso, em outubro de 1996 (NERI, 2013, p. 59).

Assim um dos depoentes descreve o papel de Isabel Neri:

Esse processo de emancipação começou no ano de 1982... foi um passo grande quando Dona Isabel Neri foi candidata à vereadora⁴⁶ com a visão de transformar o município. Ela não se elegeu, mas a vontade não passou. Uma pessoa muito influente e que contribuiu muito (Depoimento 7 N)

Para um dos entrevistados, o município passou por um período de limbo, que ocorreu após a emancipação até a eleição do primeiro prefeito, porque “Touros não tinha vontade que se libertasse” (Depoimento 7 N). Segundo um dos moradores “ Touros era geograficamente grande (...) várias pessoas começaram a participar desse movimento aqui em Gostoso, para tornar Gostoso independente” (Depoimento 19 N).

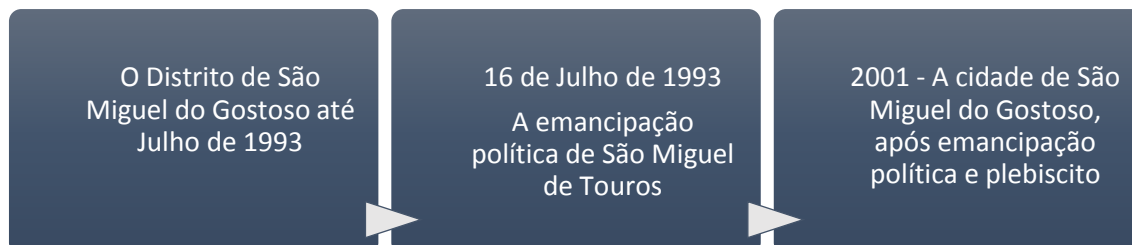
Posteriormente a essa cisão, houve um reordenamento, pavimentação, alargamento e nomeação das ruas, investimentos para infraestrutura turística,

⁴⁵ Criado nos anos 1970. Era um espaço para formação profissional de mulheres, com cursos de costura, culinária e pintura.

⁴⁶ A moradora foi candidata à vereadora pelo então município de Touros, do qual São Miguel do Gostoso ainda era distrito.

reestruturação dos distritos, melhorias principalmente nos serviços de educação e saúde, com criação de escolas e do posto de saúde. (NERI,2013; Pesquisa Direta, 2016). Se pudermos sequenciar a cidade em três fases, seriam assim definidas:

Figura 13 - São Miguel do Gostoso em três fases



Fonte: Elaboração própria (2016)

Atualmente (2016), o governo local é dividido nas seguintes secretarias, conforme Quadro 5:

Quadro 5: Secretarias municipais de São Miguel do Gostoso - 2016

Ordem	Nome da secretaria	Responsável
1	Agricultura e pesca	Emanuel França de Paula Torres
2	De obras, meio ambiente e limpeza urbana	Fernando Castro Lima Neto
3	Turismo e comunicação	Janielle da Silva Linhares
4	De tributos	Manuel Patrício de Assis
5	Educação, cultura e desporto	Izabel Bezerra de Matos
6	Saúde	Erivan Félix da Silva
7	Assistência Social, trabalho e habitação	Francisco dos Anjos Cardoso
8	De administração geral	Manuel Patrício de Assis

Fonte: Pesquisa Direta (2016)

Quase todos os secretários são oriundos do município (75%) e exerceram algum papel importante no processo de emancipação da cidade. Os jovens dos anos 1990 que lutaram pelo desmembramento de São Miguel do Gostoso, em sua maioria, exercem algum papel na história política do município ou estão atrelados à gestão pública municipal. Já se ventilava a possibilidade de emancipação no final dos anos 1980. Havia, inclusive, uma campanha eleitoral sob o slogan “Saúde, educação e emancipação”. É comum nos discursos dos entrevistados a ênfase do esquecimento do então distrito de Gostoso pela gestão pública de Touros: “A necessidade nasceu da falta de assistência de Touros” (Depoimento 36 N).

De acordo com uma das entrevistadas as transformações não ocorrem isoladamente. A emancipação inspirou outras mudanças:

Tudo é junto, né? Com a política vem o desenvolvimento, o desenvolvimento da escola, as questões de saúde, o turismo(...) com o turismo veio as estradas, os acessos, a questão de transportes. As crianças não precisam ir para Touros estudar. Hoje em dia tem cinema em Gostoso! (Depoimento 19 N)

Os registros de engajamento são antigos. Um dos entrevistados, assim define a população de São Miguel do Gostoso: “ Um pessoal mais exigente, que sabe o que quer, cobram do poder público, muito zelosos...diferente de outras cidades vizinhas” (Depoimento 7 N). Nos idos dos anos 1990, a cidade, mediante consulta popular, definiu um que parâmetro para estabelecer o nome das ruas. Desde então, todas as ruas do município têm alguma relação com o mar, conforme Figura 14.

Figura 14: Nome das ruas relacionados ao mar



Fonte: Pesquisa direta (2016)

A escolha do nome das ruas, vielas, trechos e avenidas associadas ao mar evidencia a identidade, sentimento de pertencimento e as raízes socioculturais do município. Vale a pena ressaltar que a ideia de padronizar o nome das ruas com nomes marítimos não veio de um nativo. “Foi ele⁴⁷ que sugeriu colocar o nome das ruas nomes de peixes, coisas do mar...” (Depoimento C N). Porém, a ideia foi aceita e

⁴⁷ Referente ao morador e velejador Leonardo Godoy

acatada. Isso dá a Gostoso uma diferenciação e uma singularidade que reforça sua história. “Não tem nenhuma rua aqui que não seja coisas do mar” (Depoimento 4 N). “Leonardo ajudou também na escolha das ruas e na colocação de placas com as denominações destas vias. Também foram colocadas placas indicativas para o visitante se localizasse na cidade e tivesse informações sobre as praias” (NERI, 2013, p.61)

Em 2008, o município elaborou seu Plano Diretor, que atualmente está ainda em processo de discussão. Em 22 de março de 2016, em audiência pública, definiram-se e acataram-se os nomes dos representantes do conselho da cidade para o Plano Diretor, com base na Lei Municipal 157/2008 (PESQUISA DIRETA, 2016). A discussão do Plano Diretor envolve representações da sociedade e, com ele, visa a restringir, delimitar e ordenar o uso e a ocupação do solo no município. O aumento exorbitante do número de pousadas, de poços artesianos, a atratividade para megaempreendimentos e o destino do lixo são inquietações que afligem tanto a gestão pública como a iniciativa privada e outras representações da cidade. O estabelecimento de diretrizes, o acompanhamento do crescimento e o controle do turismo são questões quase unânimes entre os entrevistados: “Crescer ordenadamente, não crescer por crescer” (Depoimento 36 N). E ainda: “Que continue crescendo, mas com organização e sem pressa” (Depoimento 14 N).

Posteriormente, já nos anos 2010, com a chegada das empresas de energia eólica, houve uma postura de demarcação para implantação dos aerogeradores definida por lei, fruto de apelo popular. Essa participação política é reforçada pela assertivas “Gostoso sempre foi organizado” (Depoimento 14 N) e “Para emancipar, é preciso ter coragem” (Depoimento 11 N). Um dos entrevistados (Depoimento 6 N) enfatizou o desinteresse dos jovens nas questões determinantes do município, como também a ausência de liderança e de comprometimento. Há uma nostalgia na fala, que relaciona o jovem do passado (mais atuante) ao jovem da atualidade (menos participativo).

Uma característica marcante no município é a preocupação de manter o *status quo* da cidade, ou seja, de tentar aliar as mudanças com as características de uma vila pacata. “Gostoso às sete horas da noite, calava completamente” (Depoimento 10 N). Essa cidade silenciosa, reservada e oculta não existe mais. Há uma nítida preocupação dos agentes de assegurar as características de pequena

localidade costeira, com suas particularidades e hospitalidade, embora haja claramente um crescimento que foge ao controle.

As decisões dos governos, em suas mais diversas instâncias, incidem diretamente no planejamento e no futuro das cidades. Essa realidade assegura a afirmação do professor de Page (2013) de que “Os governos têm um forte interesse no turismo e seus benefícios para a economia e a sociedade” (PAGE, 2013, p. 274). O discurso político de São Miguel do Gostoso endossa a observação de Cruz (2001) no sentido de que:

Governos de estados e municípios (principalmente litorâneos) veem no turismo um possível agente dinamizador das economias locais e regional e, conseqüentemente, uma possibilidade de minimização dos problemas socioeconômicos que afligem a região (CRUZ, 2001, p.138).

Porém, apesar da exaltação da atividade, é importante reforçar os aspectos sazonais que tornam o turismo uma atividade flutuante e arriscada. Para os atores consultados, o turismo exacerbado e a proliferação de pousadas, devem ser controlados pela gestão pública. Os depoimentos a seguir resumem uma das preocupações mais frequentes nas entrevistas, sobre o futuro da gestão pública do município e sobre o turismo:

A gente se preocupa muito com quem vai administrar Gostoso nesses próximos anos (...) se as pessoas que estão no poder não frearem um pouco e coloquem esse desenvolvimento como uma questão de qualidade e respeito com o meio ambiente, com as leis...vai virar uma bagunça (Depoimento 20 N).

“ Todo lugar tem seu auge e seu declínio, não se foge a isso” (Depoimento 16 Ñ)

“ A gente não tá num bom caminho”. (Depoimento 30 Ñ)

5.5 Não à *Piparização*? Uma cidade que corre contra o vento

“ Eu não sei onde vão colocar mais pousadas...” (Depoimento 30 Ñ)

“ O europeu vê no nativo algo que ele não vê(...) aquela simplicidade, aquela atenção, aquela gentileza” (Depoimento 18 Ñ)

O Decreto-Lei 18.186 de 14 de abril de 2005, instituiu o Polo Costa das Dunas composto por 16 municípios, dentre eles a capital Natal, São Miguel do Gostoso e Tibau do Sul, onde fica localizado o distrito da Praia da Pipa. Dentre os objetivos da criação do polo turístico ressaltamos a ênfase governamental ao turismo como atividade redentora: “conscientizar a população acerca da importância do Turismo como vetor do desenvolvimento” (DECRETO LEI 18.186, artigo 2. X, 2005). Natal, Pipa e São Miguel do Gostoso hoje são considerados os três principais polos turísticos do Rio Grande do Norte (NERI, 2013). Tanto a capital quanto Pipa sofreram os efeitos invasivos e massivos de turismo internacional. Enquanto isso, São Miguel do Gostoso já é considerado o terceiro destino turístico do Estado.

Pipa é um balneário situado no litoral sul do Rio Grande do Norte, cerca de 90Km de Natal e assim como a capital é um destino de grande interesse turístico (TRINDADE, 2009). De acordo com Trindade (2009, p.93) “Pipa manteve-se isolada do restante do Estado até o início da década de 1970. Antes disso, o local se limitava a duas ruas e algumas poucas famílias. As pessoas viviam da pesca e da agricultura, à base principalmente de mandioca para a produção de farinha”. Para o pesquisador supracitado os primeiros visitantes veranistas surgiram nos anos 1960.

Contudo, na segunda metade dos anos 1970, surfistas começaram a aparecer na região, seduzidos pelas ondas, que até hoje atraem boa parte dos visitantes. Os interlocutores os consideram responsáveis pela disseminação do nome da praia pelo Estado e pelo país, atribuindo-lhes o posto de descobridores de Pipa (TRINDADE, 2009, p. 102).

Ainda segundo Trindade (2009) “Foi após a construção da estrada entre Goianinha e Pipa que também apareceram os primeiros estrangeiros. Daí em diante, surgiram as primeiras pousadas e hotéis, que, em pouco tempo, começaram a

dominar a paisagem” (TRINDADE, 2009, p. 103). Taveira (2015) reforça a tese de Trindade (2009) afirmando que “Pipa apesar de ter ganhado mais projeção e estrutura turística depois dos anos de 1990, foi “descoberta” por surfistas na década de 1980 e nos anos de 1970 era um núcleo de segunda residência (lugar de veraneio)” (TAVEIRA, 2015, p. 95, grifo do autor).

As diferenças entre Pipa e São Miguel do Gostoso são marcantes. Os turistas em Pipa desembarcaram mais cedo, nos anos 1980. Em Pipa foram os surfistas, em São Miguel do Gostoso os *kite*-surfistas e *wind*-surfistas. Em Pipa o abastecimento de água e as estradas foram implantadas nos anos 1980. Em São Miguel do Gostoso as estradas em condições propícias levaram mais de uma década e as questões de infraestrutura sanitária e de abastecimento ainda não foram sanadas. Em ambos lugares, os turistas foram estimulados pelas belezas naturais, o baixo valor dos terrenos estimulou os visitantes a fixar moradia, além dos aspectos de simplicidade e hospitalidade da região. Porém, Pipa se massificou pelas mãos do marketing e da mídia e São Miguel do Gostoso ainda resiste. Entre as similaridades, o ar cosmopolita de Pipa também se reflete em São Miguel do Gostoso, mas com menos holofotes. As localidades têm propostas antagônicas.

A Figura 15 exalta a chamada publicitária de Pipa, enaltecendo como roteiro badalado do Rio Grande do Norte.

Figura 15: Propaganda da Praia da Pipa na revista Viagem e Turismo



Pipa vista do alto

NORDESTE

PRAIA DA PIPA_{RN}

O destino mais charmoso do litoral potiguar, a apenas 85 quilômetros de Natal, tem estrada cênica, dunas, falésias, Mata Atlântica e golfinhos que podem ser observados a olho nu. O jeitão badalado pode assustar num primeiro momento, mas Pipa tem programas bem econômicos e bacanas: basta se afastar um pouco da orla. Sua principal via, a estreita Avenida Baía dos Golfinhos, fica apinhada de gente na alta temporada; se estiver de carro, convém deixá-lo na garagem da pousada.

GASTRONOMIA
A Avenida Baía dos Golfinhos e suas imediações reúnem quase todos os restaurantes. O **Aruman** (nº 734), por exemplo, é ideal para casais. O cardápio foca em crepes – o de camarão com purê de macaxeira custa R\$ 27. Já pizzas de massa fina (R\$ 40, em média) figuram no menu da **Pizzaria Dall' Italiano** (nº 731).

PASSEIOS
Para observar os golfinhos de perto – e até nadar ao lado deles –, a melhor opção é embarcar numa **escuna** (pipatour.com; 1h30 de passeio, R\$ 40) que parte do Centro à Praia do Madeiro. Quem curte trilhas

deve ir ao **Santuário Ecológico de Pipa** (pipa.com.br/santuario_ecologico; R\$ 10), na entrada do vilarejo, com 16 trilhas curtas cheias de mirantes. E a **Praia do Amor**, com estrutura de barracas e longa faixa de areia, é uma das mais belas. Leva esse nome porque quem a observa de cima do Chapadão, uma falésia próxima dali, parece ver um coração.

TRANSPORTE
O aeroporto mais próximo de Pipa é o de Natal, com voos a partir de R\$ 997 saindo de São Paulo. Quem vem de Natal de carro deve pegar a BR-101 e, depois, a RN-003. A **Expresso-Oceano** (expresso-oceano.com.br; 1h50 de viagem, R\$ 13,50) opera a linha Natal–Pipa.

HOSPEDAGEM
Em geral, as opções mais baratas ficam do lado direito, não muito distantes da Avenida Baía dos Golfinhos. A cinco minutos de caminhada da praia, a **Pousada Tamanduá** (pousadatamanduapipa.com.br; diárias a partir de R\$ 145) tem tapiocas preparadas na hora no café da manhã. E o simpático atendimento de dona Riva fazem da **Pousada Riva's** (pousadarivas.com.br; diárias desde R\$ 150) uma das mais queridas de Pipa.

DICA
Esqueceu seu livro de cabeceira em casa? Nem precisa passar na livraria para comprar outro. Na Praia do Amor, o surfista Adalberon Omena montou uma biblioteca pública. Você pode pegar um emprestado e deixar R\$ 10 de garantia, valor que é devolvido na hora da devolução.

FOTOS: 01/HELLO5/REIGIS/02/DMULGAÇÃO

Fonte: Revista Viagem e Turismo, setembro de 2015

Há referências constantes dos entrevistados quanto à preocupação de São Miguel do Gostoso tornar-se uma Pipa. A Praia da Pipa é um exemplo de crescimento exagerado, saturação e aglomeração, motivo pelo qual os entrevistados

recorrem ao asseverar os malefícios do turismo: “Gostoso é a nova Pipa, a Pipa do Norte, Pipinha ...a gente não gosta” (Depoimento B Ñ). A associação de São Miguel do Gostoso com Pipa é sempre de forma desfavorável: “A gente não quer que aconteça a São Miguel do Gostoso o que aconteceu a Pipa” (Depoimento 36 N).

Há uma certa contradição nos depoimentos. Enquanto se glorifica o fato de São Miguel do Gostoso ter se tornado o terceiro polo turístico do Estado, o que acarretará um incremento no número de visitantes, no fluxo de turistas, o discurso evita a comparação com a Praia da Pipa. As duas praias estão em direções opostas e também apostam em públicos diferentes. São histórias e contextos díspares. Pipa traduz o que ocorreu em boa parte do Nordeste em outras regiões com apelo turístico midiático forte. Moradores expulsos da orla, supervalorização dos terrenos, encarecimento do custo de vida, prostituição, dentre outras consequências danosas para a sociedade e o meio ambiente.

Com a metamorfose do vilarejo em paraíso turístico, deu-se um processo de ocupação desordenada, pois após vender suas propriedades, os moradores de Pipa apossavam-se de outros espaços, cada vez mais em direção à área antes destinadas às roças. Estes mesmos moradores, que viviam da pesca e da agricultura, em sua maioria, abandonaram suas atividades tradicionais e tornaram-se, a partir da invasão turística, camareiras, garçons, porteiros, auxiliares de serviços gerais, motoristas, seguranças e caseiros dos empreendimentos dessa atividade globalizada (TRINDADE, 2009, p.105/106).

Todas as menções da Praia da Pipa, no decorrer da pesquisa, foram de forma negativa. “ Temos lutado para que não vire uma Pipa da vida, ou outro lugar qualquer, mas estamos quase perdendo o controle” (Depoimento 35 N). A luta especificada no depoimento do nativo, como ator múltiplo em várias frentes, refere-se às participações populares nos comitês, as reuniões dos conselhos de segurança, nas ações das organizações não governamentais, no estabelecimento das diretrizes do Plano Diretor e nos mutirões de engajamento dos cidadãos quanto às resoluções dos problemas socioambientais mais proeminentes. Apesar disso tudo, não se garante que São Miguel do Gostoso reagirá diferente de Pipa quanto à invasão do turismo.

Nenhum entrevistado valorizou ou enalteceu o que Pipa se tornou. Apesar disso, alguns ficam radiantes por saber que São Miguel do Gostoso encontra-se num patamar próximo às duas cidades mais turísticas do Estado. Os prognósticos

não são bons, há de se pagar um preço muito alto por essa exaltação, caso não haja um trabalho social, político e ambiental.

A imagem de Pipa se projeta muito perto. Apenas um dos entrevistados, porém, apontou Touros como uma visão futura de cidade não desejável: “Se deixar a cidade crescer de forma descontrolada, vira Touros” (Depoimento 16 Ñ). “Muitas pessoas de São Miguel do Gostoso queriam transformar aqui em Pipa do Litoral Norte, mas a própria população criou uma resistência” (Depoimento 24 Ñ). O que ocorreu no litoral sul do Estado corrobora com a seguinte assertiva: “especulação das terras para o lazer” (CORIOLANO, 2005, p. 281). Para um dos entrevistados, a população de Pipa foi afugentada, e a praia virou um espetáculo cosmopolita de turismo nada inclusivo: “A população de Pipa está totalmente marginalizada” (Depoimento L Ñ).

Há também uma tendência dos governos (em suas três instâncias) de visualizar o turismo como uma “indústria da salvação”, que resgatará localidades de seu ostracismo e/ou estagnação. Mas exemplos como a Praia da Pipa mostram que, quando o viés econômico se projeta mais forte do que o viés social ou ambiental, os lugares padecem. Inevitavelmente, a aceitação desse tipo de turismo avassalador nessas comunidades litorâneas e os impactos de todas as ordens, muitas vezes irreversíveis, em longo prazo, acarretará a saturação do destino por meio do seu ciclo de vida.

Em se tratando de turismo no Brasil, há que se ressaltar, porém, uma histórica omissão do poder público federal, que delegou à iniciativa privada o poder de decidir sobre o (re) ordenamento de seu território. Como resultados dessa omissão, cabe suscitar o caos urbano instalado em muitos municípios turísticos litorâneos, principalmente em períodos de alta temporada (congestionamentos, falta de água para abastecimento, acúmulo de lixo em locais público, etc), a privatização de praias para edificação de empreendimentos do tipo condomínio de segunda residência e para instalação de equipamentos de lazer, tais como parques temáticos, entre outros problemas (CRUZ, 1999, p. 46/47).

Apesar das turbulências resultantes da interação da atividade nas comunidades, os impactos também podem ser positivos, contribuindo para o fortalecimento sociocultural das localidades. Há o reverso da medalha, quando localidades fortalecem suas tradições para reter o avanço do que vem de fora. Certamente, um caminho mais árduo, pois corre-se contra o vento. “O temor de que São Miguel do Gostoso se torne a próxima Pipa é uma referência sobre o que a

população local entende como situação limite, informando o que desejam e o que não querem com o turismo” (ALMEIDA FILHO, 2014, p. 119, grifo do autor).

Voltando ao que esclarecemos quanto às decisões e políticas de governo e seus efeitos para o futuro, a própria política de turismo no Nordeste dos anos 1980 evidenciou e estimulou esse cenário. Como afirma Cruz (2002, p. 26), “A inexorável capacidade que tem o turismo de transformar os lugares impondo às localidades sua lógica de organização do espaço”. Essa nova lógica excludente privatizou áreas de praia e segregou populações locais em detrimento de “um desenvolvimento”, num processo de turistificação da zona costeira (SOUSA, 2012). No caso do Rio Grande do Norte, Natal e Pipa são exemplos vivos desse processo:

O ciclo do turismo sufocou quase totalmente os demais setores produtivos locais, impondo seu ritmo e suas demandas. Este processo foi intensificado com a chegada dos grupos de turistas organizados pelas agências de viagem, a partir da segunda metade da década de 1990, que colocaram a Praia da Pipa dentro do circuito mundial do turismo. Dessa forma, a população local foi levada à se adaptar aos efeitos dessa atividade e reelaborar as bases de sua sociabilidade (TRINDADE, 2009, p. 108).

Ressaltamos que paira uma dúvida no ar nos depoimentos. A negatividade de Pipa está notória, a comparação e o receio na badalação cosmopolita de Pipa se reproduzir em São Miguel do Gostoso, sepultando em definitivo o sossego ainda existente. Porém, alguns entrevistados gostam da projeção de Gostoso, do seu aparecimento nas revistas de viagem, da valorização midiática, do descortinar paradisíaco do então município praieiro. “Gostoso só se usa aqui(...) Gostoso não é uma palavra que se usaria para Pipa (...) Pipa é uma cidade vibrante, badalada, agitada, mas ninguém usaria essa expressão por lá” (Depoimento 22 Ñ).

Piparizar ou não piparizar, eis a questão! Os próximos anos dirão se São Miguel do Gostoso será de fato, ou não, a Pipa do Litoral Norte.

5.6 Turismos: quem semeia vento colhe tempestade?

“O turismo é a alma da cidade” (Depoimento 18 Ñ)

“O turismo é uma doença” (Depoimento informal)

Entre a alma e a doença. Os dois depoimentos mostram a faceta conflitante que o turismo pode assumir nas localidades. De grande salvador, para grande vilão. O turismo no litoral norte do Estado ocorreu de forma mais lenta. Esse aspecto deve-se tanto às políticas de turismo, quanto a questões de fórum infraestrutural. Como os acessos ao litoral sul (Praia da Pipa) eram mais transitáveis, o litoral norte permaneceu adormecido. Foi unanimidade entre os entrevistados que o turismo em São Miguel do Gostoso iniciou-se timidamente nos anos 1980, estimulado pelo velejador Leonardo Godoy, que abriu a primeira pousada (Pousada do Gostoso) na Praia da Ponta do Santo Cristo. “Aqui só tinha seu Leonardo com a pousada” (Depoimentos 8 N e 25 N). Ou ainda: “Leonardo foi um precursor do turismo, montando a primeira pousada, a Pousada do Gostoso⁴⁸” (Depoimento 23) e “Em São Miguel do Gostoso nem havia estrada, era um piçarro, uma trilha de barro e a única pousada que existia era do seu Leonardo (Depoimento 22 Ñ).

A partir dos esportes náuticos de vela, a cidade deu um salto quantitativo de turistas e empreendimentos turísticos. “Em 2005 deu um *boom*, já deu pra sentir” (Depoimento 27 Ñ). Nos discursos, é notória a associação da alavancagem do turismo devido aos esportes náuticos. “O que projetou Gostoso para o mundo foi o *kite-surf*” (Depoimentos 14 N e 15 Ñ). Também se reforça nas entrevistas o grande investimento dos “forasteiros”⁴⁹ na atividade do turismo: “A maioria dos pousadeiros e donos de restaurante são de fora” (Depoimento 8 N). Para quase todos os entrevistados, o turismo alavanca o município, embora a pesca e a energia eólica se façam presentes. “Tudo gira em torno do turismo (...) e o turismo proporciona muito mais resultado” (Depoimento 10 N). Para o entrevistado número

⁴⁸ A Pousada do Gostoso pertenceu ao Leonardo Godoy até o fim dos anos 1990. Posteriormente foi adquirida por Elvio Corso e permaneceu no mesmo local, na praia da Ponta do Santo Cristo

⁴⁹ Como são denominados os turistas que estabeleceram residência na cidade e se fixaram no lugar.

8 N, o turismo possibilitou crescimento, ascensão e a chegada de muitas pessoas para somar e agregar.

Esse processo mais compassado, de certa forma protegeu São Miguel do Gostoso. Outros lugarejos do Rio Grande do Norte padeceram pelo crescimento exagerado e sofreram as primeiras consequências desse avolumado pisoteio da atividade turística. Embora nossa intenção não seja estabelecer culpados ou inocentes, o Estado tem um papel preponderante no formato de turismo que se elege. Por isso também nossa árdua preocupação de além de entrevistar gestores locais, entender como, na visão macro, o Estado promoveu, arrendou, vendeu a região para o turismo. As cidades litorâneas despertam essa atratividade, pelos componentes ambientais. A opinião do entrevistado CN talvez resuma o que aconteceu:

Gostoso tem muita sorte e ele tem sorte por que? Porque pessoas que vem, visitam Gostoso e se apaixonam (...) pessoas que tem essa preocupação de manter a cidade pacata, que tem essa preocupação(...) a gente não pode segurar 100% (...) as pessoas que vem pra Gostoso, elas vêm com intuito de ficar, não vem para ficar um tempo(...) o perfil das pessoas não é esse. Escolhem o lugar para morar porque elas decidiram ficar muito tempo (Depoimento C N).

Esses indícios aparecem constantemente nas entrevistas. Os moradores atribuem à cidade uma aura que envolve os visitantes e estimula a estabelecer morada. Tanto as pessoas que são nascidas no município quanto as pessoas que adotaram a cidade como lugar de morada ratificam essa opinião.

As mudanças sociais, culturais, econômicas e ambientais estão presentes em todos os discursos. É comum aos entrevistados a alegação que o turismo aumentou o valor dos produtos, dos serviços e dos terrenos, corroborando com a explanação de Trindade (2009):

A atividade do turismo mudou, assim, não só a paisagem local, mas também as relações de trabalho. Antes cada indivíduo era proprietário de sua terra e donos dos seus instrumentos de produção, organizados como trabalhadores autônomos com vistas à subsistência, mas que agora, inseridos numa lógica capitalista, passaram a vender sua força de trabalho, cada vez mais especializada, conformando uma complexa divisão social do trabalho, aos proprietários dos equipamentos turísticos (TRINDADE, 2009, p. 106).

Ao mesmo tempo, argumenta-se que o turismo deu visibilidade, projeção e aumentou a autoestima dos moradores. Como afirmou um dos entrevistados: “Gostoso é um canteiro de obras” (Depoimento 10 N), não se referindo apenas aos

investimentos e intervenções urbanas e territoriais. As mudanças são mais abrangentes, respingando em outras dimensões...

O turismo que se promove em São Miguel do Gostoso hoje é de alto padrão. Muitos estabelecimentos de hospedagem definem valores baseados no mercado internacional, visto que o turista que interessa aos gestores desses empreendimentos são os turistas estrangeiros – o doméstico é menos relevante. Como os empreendimentos turísticos pertencem mais aos forasteiros do que aos nativos, esses meios de hospedagem e alimentação estabelecem os padrões do turismo no local. Embora não haja uma admissão pública, há notadamente uma segregação desse turismo.

Os benefícios do turismo são compartilhados entre os entrevistados, mas alguns depoimentos nos chamam atenção para mundos diversos no mesmo ambiente: “Aquilo ali é só pra eles, porque eles que tem o esporte, eles trazem os amigos de fora para fazer competição... o dinheiro ali é pra eles, aquilo ali não cabe pra Gostoso, porque tudo é muito caro” (Depoimento 37 N). Esse relato é um testemunho de que os esportes náuticos e o turismo gerado por ele envolvem um grupo seletivo de pessoas. Uma outra dimensão, um microcosmo separado sutilmente da cidade. Alguns moradores jovens são treinados e capacitados para exercer uma função nessa estrutura, mas há segregação espacial evidente. “O turista estrangeiro se fecha entre os conhecidos (...) sempre tem um líder” (Depoimento 32 N).

Para Stuart Hall (2005), o encurtamento dessa dimensão espaço e tempo, provocados pela própria aceleração dos deslocamentos globais, favoreceu esse impacto mais imediato sobre pessoas e lugares (HALL, 2005). Os lugares não têm mais o poder de invisibilidade, da reclusão e/ou intocabilidade. Ao mesmo tempo, suas paisagens características, seu senso de lugar, de casa ou de lar se perdem no torvelinho das visitas, na chegada de grandes organizações e no afrouxamento das identificações numa “Fragmentação de códigos culturais, aquela multiplicidade de estilos, aquela ênfase no efêmero, no flutuante, no impermanente” (HALL, 2005, p.73/74), próprias de uma tipologia de turismo.

A cidade, nos últimos anos, atraiu investimentos e parcerias pelo SEBRAE/RN, o que resultou em mais de 90 cursos, palestras e oficinas (entre 2010 e 2014) nas áreas de planejamento estratégico, meio ambiente, empreendedorismo, gestão e marketing. Embora os locais ainda assumam, em sua maioria, os trabalhos

mais operacionais desses empreendimentos e devido à natural sazonalidade do turismo, a empregabilidade é mais flutuante (HARALAMBOPOULOS e PIZAM, 1996). Isso reforça a assertiva de Cruz (2001, p. 151) de que “a sazonalidade do emprego em turismo decorre da sazonalidade no uso turístico desses territórios”.

Quase todos os entrevistados relatam que o turismo é a força econômica do município. De acordo com o inventário turístico de São Miguel do Gostoso (2014) na década de 2000 abriram cerca de 27 empresas do setor turístico no município. Entre 2011 e 2014 a quantidade de empresas do setor turístico e de hospitalidade superou a década dos anos 2000, alcançando o patamar de quase trinta estabelecimentos em três anos (INVENTÁRIO TURÍSTICO DE SÃO MIGUEL DO GOSTOSO, 2014). O crescimento do setor e da empregabilidade é corroborado pelo seguinte depoimento:

Eu acredito que 80% das pessoas que estão empregadas em São Miguel do Gostoso estão empregadas no turismo, com certeza o turismo é a alma da cidade (...) a oportunidade que o turismo abriu de uma especialização, mesmo básica que fosse e a entrada no mercado de trabalho dos nativos da região (Depoimento 18 Ñ)

Segundo os dados do inventário turístico de São Miguel do Gostoso (2014), a empregabilidade no setor de turismo e hospitalidade em quantidade de funcionários obedece a seguinte ordem: meios de hospedagem, serviços de alimentação e bebidas, equipamentos turísticos e outros serviços. Na terceira categoria podemos incorporar os serviços náuticos (escolas e guarderias).

Conforme o modelo teórico proposto por Hall (2001) o turismo em São Miguel do Gostoso segue duas abordagens: uma focada no fomento e outra econômica focada na indústria. A primeira parte do pressuposto é que o turismo é saudável “inerentemente bom e promove vantagens para o anfitrião” (HALL, 2001, p.43). Segundo o pesquisador essa abordagem não leva em consideração os impactos socioculturais, econômicos e ambientais e resulta de pouca participação popular nas decisões pertinentes ao município. A outra abordagem é centrada prioritariamente nos benefícios econômicos do turismo, afim de gerar empregabilidade, renda e poder aquisitivo. As transformações socioculturais podem ser vistas nos seguintes depoimentos:

Os jovens se entrosam muito com essas pessoas e eles terminam recebendo coisas que facilitam a vida deles, mas vem muito a prejudicar. A partir do momento que um turista chega e dá para um menino um par de tênis, que o pai nunca conseguiu comprar (...) uma prancha, até mesmo

uma noite diferente (...) que os pais nunca tiveram condições de dar e então naquele momento eles conseguem ter fácil, se envolvem com essas pessoas (...) a gente sabe muito bem o que acontece... e eu falo de meninos e meninas (...) a gente sabe que tem uma aproximação muito grande (Depoimento 1 N)

O turismo tem para São Miguel a mesma importância que tem para uma cidade como Paris ou Rio de Janeiro. A matriz da economia local é a pesca e a agricultura que deve ser para sempre. Com o advento do turismo a economia tem nela sua principal fonte de geração de emprego e renda, acrescentados agora com a energia eólica (Depoimento 38 Ñ)

Difícilmente a gestão do turismo local abordará outras dimensões ou acatará grandes participações dos atores no processo, porque o próprio invólucro do macrossistema determina em escalas menores o seu funcionamento. Isto também está envolvido com questões de incentivos, financiamentos, projetos, treinamentos, divulgação, marketing turístico, que tomam como parâmetro aspectos da demanda, oferta e segmentação. O ajuste dessa dinâmica é mexer com a ossatura de um modelo vigente, impregnado nas diferentes escalas.

Uma das principais características da abordagem econômica é o uso do marketing e da divulgação para atrair o tipo de visitante que proporcionará o maior benefício econômico ao destino, considerando seus recursos turísticos específicos (HALL, 2001, p.48)

5.7 O sopro do vento: especulação imobiliária e transformações econômicas

“O povo que trabalhava na agricultura, hoje só quer viver de aluguel de terreno para a energia eólica” (Depoimento 5 N)

Os lugares transformados em destinos turísticos são assolados por problemas comuns. Como afirma John Urry (2001, p.66), “Um número cada vez maior desses lugares padece do mesmo padrão de autodestruição”. Um dos grandes males, sem dúvida, é a especulação imobiliária. Habitualmente, as terras são comercializadas por valores muito acima do poder aquisitivo dos locais. Para o entrevistado 11 N, “Os terrenos da praia não têm preço”, ou, ainda, “A especulação imobiliária em São Miguel do Gostoso fez com que o metro quadrado fosse cotado num valor irreal” (Depoimento 22 Ñ). Os moradores que venderam seus terrenos

nas proximidades da praia não mais voltaram. Ou fixaram residência nas ruas mais atrás da Avenida dos Arrecifes ou foram morar nos distritos. Mesmo assim, ainda é possível ver os nativos vivendo no trecho principal do Distrito Sede. No entanto, a Praia da Ponta do Santo Cristo tornou-se uma ilha poliglota, com escolas e guarderias de *kite surf*, pousadas de alto nível e valor agregado do terreno muito alto. Os nativos não estão mais na Ponta do Santo Cristo.

Para o entrevistado 28 Ñ, muitos moradores locais se deslumbraram com a possibilidade fácil do dinheiro da venda das terras: “Quem morava lá perto do mar em vez de comprar uma boa casa ou outra coisa...comprou um carro (...) o problema é que eles não sabiam lidar com dinheiro e perderam muito com isso”, ou, ainda, “ O povo não conhecia dinheiro, começou a vender” (Depoimento 37 N). No passado, tanto as terras próximas às praias quanto as rurais tinham pouco valor. Os terrenos da praia foram valorizados pela chegada do turismo, e os rurais, pela fixação dos aerogeradores das eólicas. Apesar de a avalanche de compra e venda ter se retraído, ainda é comum encontrar placas de compra e venda de lotes, casas e terrenos, o que pode ser visto nas Figuras 16 e 17.

Figura 16: Terreno à venda em São Miguel do Gostoso



Fonte Pesquisa direta (2016)

Figura 17: Casa à venda na Avenida dos Arrecifes em São Miguel do Gostoso



Fonte: Pesquisa Direta (2016)

Se nós tivermos os pés no chão, será uma cidade boa para se viver (...) O pessoal nativo tá se afastando do centro da cidade. Por que? Poder aquisitivo! Tú chega, tem tua casinha, teu terreno, chega um cabra e dobra! Os nativos tão indo para os distritos mais afastados da cidade e isso vai fazendo com que o nativo vá perdendo sua identidade! Na hora que um nativo se afasta, ele perde sua identidade. Quem tá no comando da administração tem que ter sempre os pés no chão e a proteção dos nativos (Depoimento 7 N).

Há uma atribuição dessa ascensão meteórica à mídia, que projetou o lugar no mundo, presente nos seguintes depoimentos: “O povo só fala em Gostoso na televisão (...) aí o povo se danou a vir pra cá” (Depoimento 12 N).

Logo que Gostoso caiu na mídia começou a chegar gente de todo canto do mundo para morar, comprando terra...então, junto com a especulação imobiliária e com o turismo, vinha aquela coisa tipo uma tsunami, essas terras eram tudo vendida e sendo ocupada por quem vinha chegando (Depoimento F N).

Na Figura 18 podemos ver uma, de muitas, propagandas sobre a cidade na mídia impressa.

Figura 18: Propaganda de São Miguel do Gostoso na revista Viagem e Turismo

NORDESTE

SÃO MIGUEL DO GOSTOSO^{RN}

Segundo uma lenda da região, a antiga São Miguel de Touros mudou de nome devido a um antigo morador, chamado de Seu Gostoso, que tinha um humor e risada incomuns. O fato é que a população da pacata cidade exala simpatia. Nos últimos anos, o número de turistas aumentou devido aos bons ventos, que vêm atraindo kitesurfistas do mundo inteiro. Mas os preços continuam mais baixos que os de outros destinos nordestinos, como Jericoacoara.

A

HOSPEDAGEM
Os hotéis se concentram em duas regiões: o Centro, que abrange as praias Cardeiro, Xepa e Maceió; e a Ponta do Santo Cristo, o melhor point de kitesurf. Pertinho da Ponta do Santo Cristo, o **Ilha do Vento** (*ilhadovento.com.br*; diárias a partir de R\$ 170) tem vários tipos de quarto. A **Pousada Curva do Sol** (*pousadacurvadosol.com.br*; desde R\$ 180), no Centro, dispõe de acomodações com micro-ondas.

E a Pousada Enseada do Gostoso (*pousadaenseadadogostoso.com.br*; desde R\$ 180) fica a apenas alguns passos da Praia Maceió.

GASTRONOMIA
Entre as poucas opções perto da areia, o **Bar do Tico** (*Praia do Cardeiro*) é um dos melhores. De sua cozinha saem frutos do mar fresquinhos

DICA
A 5 quilômetros de Gostoso, em Reduto, fica a sede do Grupo de Labirinteiros, aberto apenas no período da tarde. Além de observar o trabalho das artesãs, elas negociam a renda a um preço mais baixo que os encontrados nas lojinhas centrais ou nos mercados de artesanato de Natal.

(R\$ 30, em média). E o **Tuk Tuk** (*Avenida dos Arrecifes, 1784*) aposta em receitas como atum com crosta de gergelim para fugar os casais. Ao lado da praia, mas com funcionamento apenas noturno, o **Madame Chita** (*Avenida Enseada das Baleias, 1947*) é especializado em crepes – o de filé com funghi custa R\$ 26.

PASSEIOS
Se tiver de escolher apenas um item da viagem para gastar mais, que seja o **passeio de bugue até Galinhos**, um dos melhores do gênero no país. São 90

quilômetros (só de ida) passando por dez praias em meio a dunas e falésias, com paradas para banho. Custa R\$ 400, em média, mas dá para dividir o valor em quatro pessoas. Outro programa legal (e grátis) é o **Farol do Calcanhar**, na vizinha Touros, o mais alto do Brasil – tem 62 metros. Entre as praias, as mais belas são a badalada **Ponta do Santo Cristo** e a de **Tourinhos**, semideserta.

TRANSPORTE
A partir da capital potiguar, de carro, deve-se pegar a BR-101 e, depois, a RN-221. A **Viação Expresso Cabral** (R\$ 17,50) faz a ligação entre as duas cidades de ônibus.

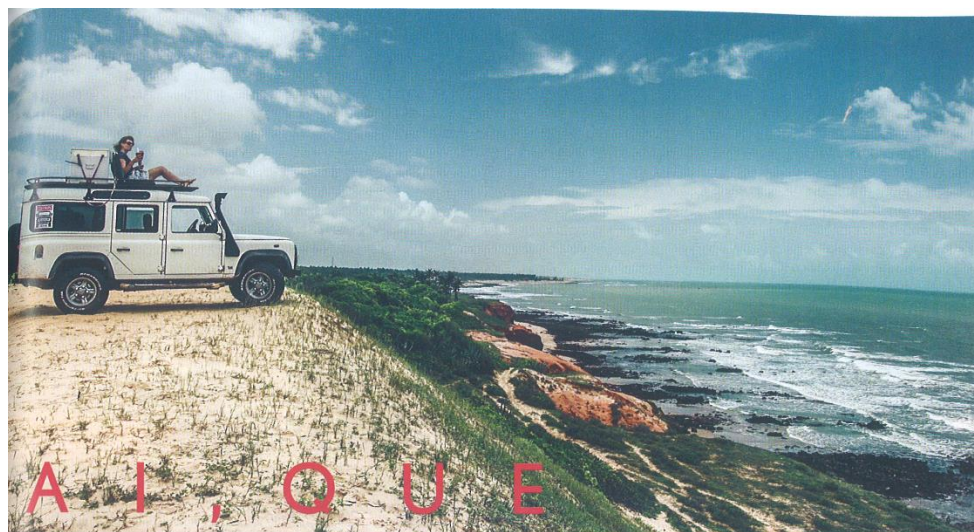
Uma das praias desertas da região

FOTOS: INHINOZ PRESS

Fonte: Revista Viagem e Turismo, setembro de 2015

Isso reforça a explanação de García Canclini, na seguinte assertiva: “O papel da mídia não interessa apenas por sua função de difusora, mas também pelas operações de reconceitualização e metaforização que realiza em conexão com outros campos da vida social” (GARCÍA CANCLINI, 2016, p. 76). Na Figura 19 é possível perceber o apelo do local recôndito, aventureiro e paradisíaco.

Figura 19: Propaganda de São Miguel do Gostoso na revista Tam nas Nuvens



DELÍCIA!

São Miguel do Gostoso é a cidade com mais opções de hospedagem do trecho que vai até Galinhos. Lojinhas, restaurantes e bares pé na areia dão mais graça às ruelas sem asfalto do centrinho demarcado pela Praia da Xêpa. Toda a infraestrutura descolada, no entanto, é coadjuvante no cenário naturalmente deslumbrante.

A faixa de areia muda de nome em cada ponto, mas o que se vê é apenas uma única e deliciosa praia. No horizonte, o mar ganha pontos de cores que deslizam no céu. Pra lá e pra cá, as pipas de kitesurf e as velas de windsurf são elementos onipresentes e responsáveis pela guinada da região. "Conheci São Miguel depois que um dos meus patrocinadores da Alemanha me falou sobre as condições de vento daqui", conta Kauli Seadi, tricampeão mundial de windsurf.

Da descoberta à mudança foi um pulo. Há cinco anos, Kauli ergueu uma pousada e fundou um clube com aulas de esportes náuticos e lounge entre a lagoa e a Praia do Cardeiro. Na água doce, até crianças conseguem estrear no windsurf e passear de stand up paddle. Uma diversão só.

As ruazinhas de terra que cortam a Avenida dos Arrecifes apresentam um montão de outras enseadas. A Praia da Ponta de Santo Cristo é point dos gringos. Na divisa com Touros está Monte Alegre, cheia de piscinas naturais. Na outra ponta está Tourinhos, acessível por uma estrada de terra mais longa. Vazia, apenas com uma meia dúzia de barracas onde vendem-se açaí, coco gelado e porções de macaxeira, peixe e camarão, a praia parou num tempo em que areia, sol e mar bastavam. E precisa de mais?

O vaivém pode ser feito de carro, mas ganha mais emoção em um 4x4. Do topo da duna mais alta, Mauro Paggi, guia e dono da Eco Trips, deixa o volante para preparar um drinque. Um acolchoado transforma o topo do carro num camarote e dali o pôr do sol na Praia da Lagoa do Sal vira cena de cinema. "Assim dá para chegar a lugares desertos e ter uma experiência única", conta.

AH, WHAT A DELIGHT! • São Miguel do Gostoso is the city with the most options for accommodations on the stretch leading to Galinhos. Shops, restaurants and bars right by the beach sand add more charm to the unpaved roads of the city center, flanked by Praia da Xêpa. Still, this hip infrastructure plays second fiddle to the stunning natural scenery.

The stretch of sand changes names at each spot, but all you see is a single, delightful beach. On the horizon, the sea is decorated with colorful dots that glide through the sky. Everywhere you look, kitesurfers and windsurfers are omnipresent elements, responsible for the region's turnaround. "I came to São Miguel after one of my sponsors in Germany told me about the wind conditions here," says Kauli Seadi, three-time world champion in windsurfing.

It didn't take long for him to move there. Five years ago, Seadi built a bed and breakfast and a club offering lessons in water sports and a lounge between a lagoon and Praia do Cardeiro. In the freshwater, even kids manage to do some windsurfing and stand-up paddling. Fun for the whole family.

The dirt roads that intercut Avenida dos Arrecifes present an array of other inlets. Praia da Ponta de Santo Cristo is a hangout for foreigners. At the border with Touros is Monte Alegre, filled with natural pools. At the other end is Tourinhos, accessible via a longer dirt road. Deserted except for a half dozen stands that sell açaí, cold coconuts and portions of manioc, fish and shrimp, this beach is frozen in time — a place where sand, sun and sea are all you need. Who could ask for anything more?

You can come and go by car, but circulation is more exciting in a 4x4. From atop the highest dune, Mauro Paggi, a guide and owner of Eco Trips, steps out from behind the wheel to prepare drinks. The hood of the vehicle turns into a VIP box and the sunset at Praia da Lagoa do Sal turns into a movie scene. "This is how we're able to get to deserted places and have unique experiences," he says.

TAM NAS NUUVENS 101

Fonte: Revista Tam nas Nuvens, março de 2016

Se comparado a outros lugares turísticos, como a Praia de Pipa, esse movimento de retirada dos nativos da zona de praia foi menos intenso. Essa retração do afastamento dos nativos se deve à participação das ONGs, dos comitês e das associações, que trataram de sensibilizar os moradores para o fato. Mas a alusão de

abrir um empreendimento, as benesses de ser um possível proprietário de pousada e um certo deslumbramento com o turismo põem em risco essa territorialidade.

Na Avenida dos Arrecifes, que vai da entrada da cidade até o começo do trecho para o Distrito do Reduto, ainda encontramos pescadores, labirinteadas, moradores mais antigos e comércios dos locais em todo o fluxo. Mas quem vendeu suas terras em locais privilegiados e não soube lidar com o dinheiro foi morar nos distritos rurais, apartados, longe da praia e do turismo. A segregação é mais evidente na Ponta do Santo Cristo, onde são praticados os esportes náuticos.

A população se sentiu invadida em seu próprio terreno(...) porque o europeu vem e compra uma extensão de terrenos e a população sentiu um pouco recuada(...) no início houve esse problema(...) mas ela reagiu e no decorrer do tempo foi melhorando (Depoimento 25 N).

Há uma certa unanimidade sobre o posicionamento de “Gostoso” frente à especulação imobiliária. As referências à Praia de Pipa são constantes: “o local teve mais aptidão (...) em Pipa os nativos foram expulsos” (Depoimento 21 Ñ). “Aqui é diferente de Pipa porque aqui não é um êxodo” (Depoimento 30 Ñ). Correntemente, os entrevistados sistematizam os locais em dois grupos. Os que souberam lidar com os ganhos do Turismo e aproveitaram-se disso, montando pequenos negócios, e os que se empolgaram, fascinaram e venderam suas terras. Mas algo podemos afirmar: os moradores que se desfizeram de suas casas nas avenidas centrais do Distrito Sede, não conseguem retornar para mesmo local. Mas o espírito empreendedor dos moradores também é destacado nas entrevistas. “As pessoas estão mais acordadas aqui, não estão suscetíveis a espelinhos, bijuterias...” (Depoimento 27 Ñ).

São Miguel do Gostoso tem um jeito diferente de lidar com o negócio do turismo. A cidade tem uma pegada empreendedora. O nativo daqui é talentoso(...) porque em outros lugares o nativo gastou o dinheiro e ficou na miséria. O que aconteceu foi o inverso (...) o nativo não foi pra favela. É uma coisa a ser estudada... de tirar o chapéu (Depoimento A Ñ).

De alguma forma, houve um freio na mercantilização, como se existissem forças invisíveis num cabo de guerra. Pessoas que enxergam a internacionalização e a valorização da cidade como algo essencial, fruto de um desenvolvimento local, e outro grupo que resiste a essa mundialização. A polarização nos depoimentos está presente nas entrelinhas dos entrevistados e nas

incongruências de algumas afirmativas. O aumento do valor dos produtos comercializados na cidade, dos terrenos e dos serviços é assim descrito: “ Os nativos mesmo pensam que nós nativos somos turistas” (Depoimento 37 N).

O desvendamento das cidades praianas do Nordeste para o Turismo foi estimulado por políticas públicas e um marketing danoso para esses lugares. Nos remotos anos 1970 e 1980, muitos desses terrenos de praia eram cedidos gratuitamente, vendidos ou arrendados por valor irrisório. Com valores muito baixos, muitos estrangeiros adquiriram extensões de terra consideráveis. Nesses territórios, levantaram-se redes hoteleiras, condomínios fechados e espaços para lazer e entretenimento.

Em São Miguel do Gostoso, os condomínios já chegaram (Shamballa Condomínio Residencial), mas as redes hoteleiras, ainda não. Hoje, o que presenciemos é uma resistência de algumas cidades litorâneas frente a um capitalismo turístico avassalador, que não respeita as comunidades locais. Voltamos à questão sobre o turismo ser doença ou a alma da cidade.

Diante da transfiguração desses resquícios de praia em paraísos do turismo, muitas vezes, esquecem-se de que, antes de ser turístico, os lugares tinham sua identidade. Como aliar ou equilibrar essas duas forças? Enquanto isso, as casas e os terrenos continuam à venda, na esperança de alguns locais em lucrar com o “desenvolvimento”.

Isso revela o lado contraditório do turismo nas localidades, que fere o discurso propagado de inclusão, desenvolvimento sustentável e equidade, visto que é o grande capital que determina as regras do funcionamento do sistema turístico. Grandes corporações do setor turístico veem em São Miguel do Gostoso uma oportunidade de lucrar, como pode ser visto na Figura 20.

Figura 20: Placa anunciando futuras instalações de um Resort em São Miguel do Gostoso



Fonte: Pesquisa direta (2016)

Lamentavelmente, as transformações socioambientais advindas desse processo de crescimento econômico patrocinado não têm retorno. O formato do modelo de “desenvolvimento turístico”, baseado em grandes investimentos, superestrutura, marketing de massa e vias de acesso, alterou definitivamente a configuração territorial desses lugares de praia.

Residentes de lugares turísticos, muitas vezes, não participam de ganhos advindos da atividade que se expande no território. Em alguns casos, a população local, torna-se mão de obra dos equipamentos turísticos (pouco qualificada e mal remunerada) quando não expulsos de locais onde moram para dar espaço a megaempreendimentos (CORIOLANO e BARBOSA, 2012, p. 90).

O estabelecimento de hospedagens de alto padrão, condomínios e segundas residências são contrastantes com as moradias dos habitantes da cidade, exaltando o contrassenso. Não é uma hibridação restringida, dicotômica, do nacional ou estrangeiro, velho ou novo, civilizado ou selvagem (GARCÍA CANCLINI, 2013), vai além dessa perspectiva. Porque a vida não é binária, dualista, separatista. Essa recombinação de imagens, ajustamento a uma dinâmica global mercantilista, é visualizada na Figura 19, que se apoia sempre na ideia do vento promissor, desbravador e – por que não dizer? – Oportunista.

5.8 Transformações socioeconômicas: a energia dos ventos

“ A ponta da hélice eles pintam de vermelho, dizem que é para encobrir o sangue dos pássaros” (Depoimento G Ñ)

“As eólicas não podem resolver todos os problemas do município”
(Depoimento M Ñ)

Embora o foco da nossa investigação não seja a energia eólica, muitos entrevistados atribuíram o “ desenvolvimento da cidade” à implantação dos parques de energia renovável. Além disso, como mostrado na Figura 1, a energia eólica funciona como um elemento do macrossistema da cidade, como parte integrante do processo sistêmico (JIMÉNEZ MARTÍNEZ, 2005). As donas dos parques eólicos na região atualmente são: Voltália, Serveng, CPFL Renováveis e Copel. Cada empresa localizada na região é dona de um conjunto de parques, espalhados não somente em São Miguel do Gostoso, mas em outros municípios vizinhos.

A Voltália, por exemplo, tem quatro parques, cada uma com nove torres, são elas: São João, Santo Cristo, Carnaúbas e Reduto. Na Figura 21 a seguir, pode-se verificar a área de instalação das torres no Distrito do Reduto.

Figura 21: Parque eólico São João (Voltália) na área rural de São Miguel do Gostoso

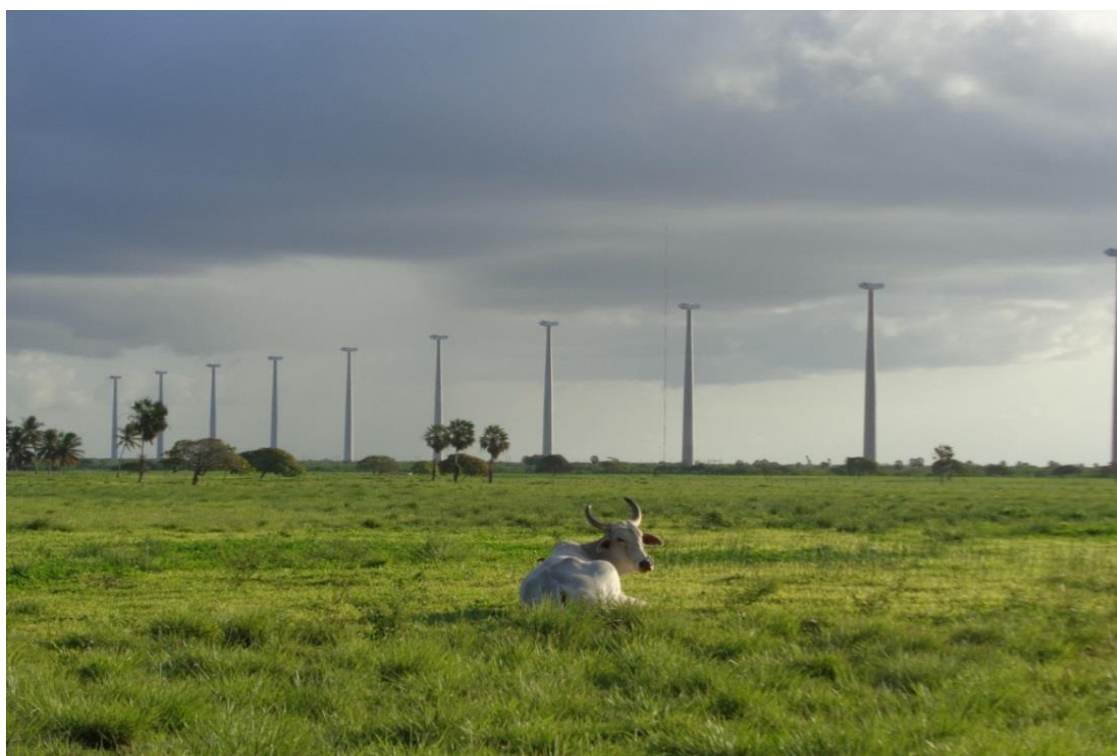


Fonte: Pesquisa direta (2015)

Além da alteração da paisagem do município, com o alastramento dos aerogeradores, a cidade também sofreu as transformações advindas com a chegada dos trabalhadores das empresas de energia eólica (engenheiros de diversas especialidades, eletricitas, seguranças, dentre outros trabalhadores). Esses empregados, em sua maioria homens, modificaram e incrementaram a economia local, sendo alocados em pousadas, casas alugadas e forçando a criação de novos serviços (como lavanderias e restaurantes).

A Figura 22 retrata a dual realidade do município. Em plena zona rural, transitam caminhões, instalam-se aerogeradores, e bois dormem no pasto. A cidade viveu um momento de grande furor de crescimento, que dinamizou e alterou as configurações de sossego do antigo distrito.

Figura 22: Parque eólico Carnaúba (Voltália) na área rural de São Miguel do Gostoso



Fonte: Pesquisa direta (2015)

Consequentemente, esse volume de indivíduos, somados aos turistas estrangeiros, modificou a dinâmica socioambiental. Apesar de não haver uma

unanimidade positiva quanto à transformação paisagística, sabe-se que a interação entre visitantes e moradores produziu frutos: os filhos do vento⁵⁰.

Há, claramente, como já foi dito, um esfacelamento de trabalhos oriundos da tradição de outras gerações. Os jovens da cidade não enxergam a atividade pesqueira ou artesanal como uma possibilidade de um futuro melhor. Tanto o Turismo como a energia eólica vêm exercendo mutuamente uma atratividade mais interessante em termos de melhores condições de vida. Porém, importante ressaltar que o volume de empregabilidade da eólica é temporário (ciclo de dois anos) e o do turismo sazonal (entre setembro e fevereiro). Além disso, depois de instalados os aerogeradores, restará apenas as atividades do pós-desenvolvimento, ou seja, de manutenção. No caso do Turismo, a dinamicidade é diferente, visto que requer menos especialidade dos autóctones para realizar uma atividade laboral e é mais constante.

Figura 23: Vista da Praia de Tourinhos no Distrito do Reduto com Parque Eólico ao fundo



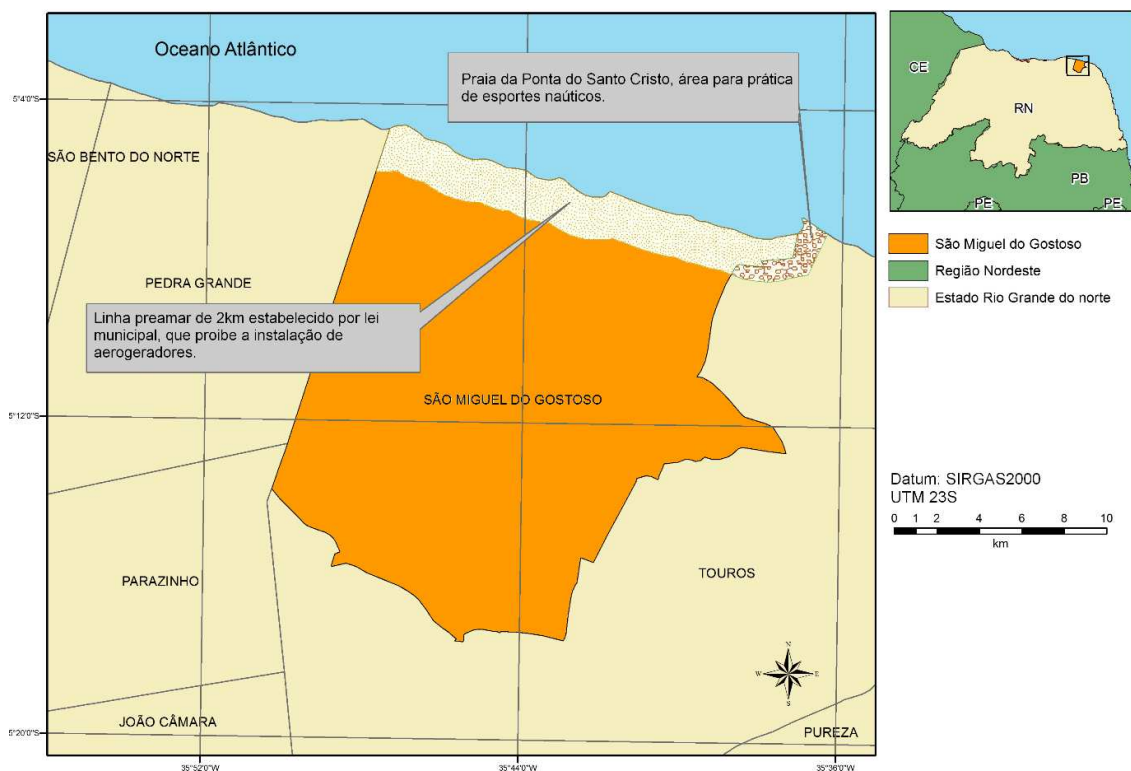
Fonte: Pesquisa direta (2014)

⁵⁰ Os filhos das mães solteiras de São Miguel do Gostoso, fruto do relacionamento com os trabalhadores das empresas eólicas, são chamados de filhos do vento.

São Miguel do Gostoso foi o primeiro município do Rio Grande do Norte a ter uma lei específica (Lei nº 225/2014, de 05 de maio de 2014) que determinou o limite de dois mil metros, a partir da linha de praia, para instalação dos aerogeradores de energia eólica. A Figura 23 exibe as turbinas eólicas antes da legislação, onde o recuo dos aerogeradores ainda não estavam estabelecidos.

Atualmente, os aerogeradores estão proibidos de ser instalados nessa faixa litorânea, revogando uma lei anterior, nº 208/2011. Essa articulação e tal iniciativa foram justificadas pela ação de vários atores sociais que reivindicavam um afastamento dos parques da beira-mar. “O parque não precisa ser à beira da praia(...) em Touros tá encostado” (Depoimento L Ñ). Para outro entrevistado, o município foi inovador e pensou nas consequências de aerogeradores muito próximos das casas e do mar: “Nós aqui conseguimos uma lei que o cata-vento só pode ficar a 1,5Km da praia, tomando a praia como base(...)os outros interiores como Macau, Pedra Grande... não se preocuparam com isso, tão botando na beira, tão botando na beira-mar” (Depoimento G Ñ). Embora o entrevistado cite a lei com recuo de 1,5Km, na verdade corresponde a 2Km.

Figura 24: Mapa de São Miguel do Gostoso com destaque para faixa de praia



Fonte: Dados trabalhados a partir do IBGE, Google Earth, National Geographic (2016)

Na Figura 24, foi realizado um buffer de 2 Km a partir da linha da praia determinada pela faixa hachurada, que corresponde à área protegida. O objetivo da lei é proteger a faixa litorânea, áreas alagadiças, lagoas, dunas, áreas de reprodução de tartarugas e minimizar os problemas com ruídos aos que residem próximo aos parques. A Ponta do Santo Cristo (hachurado em vermelho) foi a praia designada para a prática dos esportes náuticos para os turistas, em sua grande maioria estrangeiros. Houve, no passado, imbróglis pelo uso da praia por praticantes de *kite surf* e pescadores, resolvidos por meio de comum acordo e estabelecimento de limites para usufruto da praia. Ficou acordado que a Ponta do Santo Cristo seria a praia para a prática dos esportes náuticos, e as outras, para pesca.

Embora a praia seja chamada de ponta, é perceptível o recuo territorial dessa faixa de areia. Segundo depoimento de alguns atores, a faixa de areia aumentou cerca de 30m nas últimas décadas, e existe a tendência de que a ponta desapareça com o tempo. Não sabemos se a erosão, os sedimentos de areia causarão algum impacto nas atividades náuticas hoje ali realizadas.

Apesar da invasão da energia eólica, as quatro empresas que operam na região estão investindo em projetos socioambientais e culturais. Esses projetos são viabilizados através das ONGs locais. O arrendamento das terras da zona rural para as empresas de energia eólica gerou rendimentos para os moradores de áreas dantes esquecidas e sem valor de mercado. “O morador local foi perdendo sua terra para a energia eólica” (Depoimento 22 Ñ). Essa afirmação se refere ao aluguel e/ou arrendamento das terras para as empresas de energia renovável.

A paisagem alterada pelas torres é ponto de divergência entre os moradores. Alguns entrevistados apoiam e defendem as empresas de energia, associando às benesses, à abertura de novos negócios e à pujança do comércio local. Ressalta-se que o dinamismo das eólicas tem caráter temporário e muitos entrevistados percebem essa temporalidade. Após instalação dos parques, o volume de negócios diminuiu consideravelmente. Atualmente os parques recebem apenas manutenção e os empregos e microempresas que surgiram para atender a demanda foram levadas pelo vento.

No turismo, o processo é diferente. Mesmo sazonal, gera empregabilidade mais constante e requer menos especialização das atividades. As assertivas a seguir confirmam essa condição: “A energia eólica vai embora, o turismo

é constante” (Depoimento 8 N), ou “ A energia eólica é transitória” (Depoimento 7 N).

Embora nossa proposta de pesquisa não fosse averiguar os impactos, nem a dimensão das ações, nem dimensionar a amplitude e os investimentos do setor privado de energia no município, cabe a nós ressaltar a importância sistêmica desse grupo nas condições locais. A repercussão da instalação dos aerogeradores, a opulência dos investimentos, a magnitude dos parques e a ressonância nas questões socioambientais merecem levantamentos aprofundados para futuras pesquisas. Não cabe ao nosso estudo esmiuçar as questões que envolvem a energia eólica, mas citá-la como um componente dos sistemas complexos. Apesar disso, tentou-se, sistematicamente, entrevistar algum representante das empresas de energia renovável, porém sem sucesso.

5.9 Transformações ambientais: o lixo, a água e o mar

“Não há desenvolvimento sem impacto ambiental” (Depoimento F N)

“É uma tabua de pirulito” (Depoimento 6 N, sobre os poços artesianos)

“Para viver numa cidade como essa é preciso três coisas: Não criticar: Se você criticar é inimigo. Não fazer nada, porque se você fizer alguma coisa gera ciúme. E não elogiar. Se você elogiar você é babaca, um puxa-saco... é exatamente isso!” (Depoimento 3 Ñ)

A cidade de São Miguel do Gostoso carrega uma herança da enfermeira suíça Anna Louise Raboud, que, ao longo de duas décadas (Iniciado nos princípios dos anos 1990), realizou um trabalho de comprometimento com a comunidade, quanto às questões de saúde, identidade cultural, saneamento e lixo. Atualmente Anna Raboud não mora mais em Gostoso, apesar de ter um imóvel na Praia do Santo Cristo, mas retorna à cidade todos os anos no período de veraneio. Nas entrevistas realizadas, seu nome aparece constantemente como referência de educação ambiental da população. “Ela fazia mutirões gigantescos para a limpeza da praia (...) ela influenciou muito aqui (...) ela trabalhava de voluntária nessa parte de saneamento básico” (Depoimento 5 N).

Anna Raboud é a prática do que se conhece na teoria do movimento social. Não é só movimento, é ação. Anna Raboud era a pessoa da ação(...) pode ir em qualquer outra cidade da região e você vai encontrar córrego, esgoto

no meio-fio (...) aqui você não vai encontrar por causa de Anna Raboud, que dizia assim: você vai fazer sua fossa no quintal porque é sua responsabilidade (Depoimento 30 Ñ).

Anna Raboud não veio para São Miguel do Gostoso pelo turismo, veio em prol de um projeto socioambiental. Seu trabalho para a saúde do município envolveu ações, como a vacinação, educação sexual, higiene pessoal e, principalmente, com os resíduos produzidos. Para um dos entrevistados, poucas pessoas foram tão cuidadosas com o município quanto Leonardo Godoy e Anna Raboud. “Anna Raboud já era uma gringa, uma gringa que tava fazendo tudo” (Depoimento 27 Ñ). Embora considerados “estrangeiros” e “alienígenas” (Depoimento 21 Ñ), esses dois personagens mexeram estruturalmente com aspectos sociais, ambientais e políticos da cidade.

Nós temos uma pessoa chamada Anna Raboud(...) foi ela que mudou esse habito de como se coletar o lixo, como desfazer do lixo... ela mobilizou a população, ela sempre fazia mutirões, conscientizava as crianças na época e foi educando toda a comunidade em relação à limpeza (Depoimento 25 N).

Segundo o levantamento realizado nas imersões de campo, antes de Anna Raboud não havia coleta de lixo, e os moradores agrupavam seus resíduos no quintal de suas casas, no monturo⁵¹. Para os moradores São Miguel do Gostoso é uma cidade limpa porque isso foi sementado no cidadão. “São Miguel do Gostoso é uma cidade limpa, se comparada com outras da região” (Depoimento 33 Ñ). Segundo o entrevistado 33 Ñ, o papel da suíça Anna Raboud foi determinante para essa conscientização, formação e sensibilização dos indivíduos. Para ele, o legado que ela deixou é comparado a “ouro, diamante”. Dois moradores assim definiram o trabalho de Raboud “Para mim ela foi uma figura muito importante para o desenvolvimento de São Miguel do Gostoso...quanto ao lixo e a saúde” (Depoimento 32 N);

Passou por aqui uma senhora que trabalhou a questão da consciência ambiental das pessoas, dos nativos, a questão do lixo, a questão do saneamento(...) O lixo era jogado na rua, o esgoto era para a rua, hoje em dia não tem mais isso, graças ao trabalho de uma estrangeira. Todo mundo

⁵¹ Era considerado monturo o lixo acumulado nos quintais das casas, que normalmente eram enterrados e/ou queimados.

fala dela com muito respeito, que ela abriu e alertou muita gente pra essa questão ambiental (Depoimento 24 Ñ).

Recorrentemente, o nome da enfermeira suíça vem à tona: “Foi ela quem ajudou a educar as pessoas, a como lidar com o lixo, com as praias, contribuiu muito com isso (...) eu acredito que São Miguel aprendeu muito com ela (...) ela passou mais de vinte anos aqui” (Depoimento 1). O trabalho desenvolvido nesse período (Anos 1990 e anos 2000) pode ser visto até os dias atuais conforme visto na Figura 25. A semente plantada pela enfermeira resultou na criação de uma ONG, a ASDEGE.

Figura 25: Campanha de educação ambiental em Gostoso



Fonte: Pesquisa direta (2016)

Há no trabalho de Anna Raboud uma forma não usual de lidar com os lugares menos favorecidos. É comum, tanto aos viajantes nacionais como estrangeiros, que desembarcam em lugarejos como São Miguel do Gostoso usufruírem desses espaços, adquirirem terrenos, explorarem a mão de obra e lucrar com seus negócios. A vivência da enfermeira suíça vai na contramão de comportamentos habituais de turistas que viram moradores, visto que ela se envolveu na comunidade como partícipe, desenvolveu trabalhos socioambientais e

deixou um legado para o município. “Eu considero ela uma nativa” (Depoimento 25 N).

São Miguel do Gostoso é uma cidade com características peculiares. O fato de muitos visitantes terem fixado residência e decidido participar ativamente de ações em prol do município criou uma outra atmosfera de convivência: “Todo mundo que veio de fora, veio pra morar aqui (...) ninguém veio aventurar (Depoimento J). No caso de Anna Raboud, era recebeu dos moradores o título de “Ministra do Lixo”, pelo seu trabalho intenso quanto à saúde ambiental.

Aqui apareceu uma suíça chamada Anna Raboud. A cidade deve muito a essa mulher, São Miguel devia fazer um busto pra essa mulher(...) ela deixou legados(...) respeitadíssima pelo município... ela conhece São Miguel do Gostoso em todos os distritos(...) se conversar com os adolescentes, todos eles passaram por ações que ela fez (Depoimento J Ñ).

O trabalho visionário realizado por Raboud nos anos 1990 e 2000 em São Miguel do Gostoso foi determinante para despertar uma conscientização socioambiental no município. “O nativo, de um modo geral, tem uma consciência ambiental” (Depoimento E N). Apesar disso, a cidade hoje lida com outros impasses decorrentes do crescimento. Dentre os dilemas mais corriqueiros citados pelos entrevistados, a poluição sonora, o abastecimento de água e o destino do lixo são os que mais preocupam. Os discursos dos entrevistados são muito coerentes sobre as questões ambientais locais, o que pode ser visto na seguinte afirmação: “As pessoas têm o costume de culpar o aumento do turismo pela maioria dos problemas ambientais, mas eu culpo os governantes e em pequena parte os empreendedores” (Depoimento 22 Ñ).

Naturalmente, essas localidades se avolumam em decorrência dos visitantes temporais, que, somados aos moradores, geram mais lixo e mais consumo de água. Na questão do lixo, a cidade não conta com um aterro sanitário, mas existe uma coleta sistemática semanal nos distritos. Os resíduos são despejados a 4 Km de distância do Distrito Sede, conforme Figura 26. O lixão desvalorizou os terrenos próximos, no trecho chamado Estrada da Paz.

As complicações da ausência de um aterro sanitário não atingem apenas o município potiguar, é um problema macro, mais abrangente, que afeta outras esferas e reflete a má condução do destino dos resíduos sólidos no Brasil.

Uma solução para a problemática do lixo é a parceria para estabelecimento do consórcio que pretende reunir 12 municípios da Região do Mato Grande⁵², visando à instituição do aterro sanitário. O consórcio está em fase de assinatura do convênio, com adesões dos respectivos prefeitos. Apesar do entrave do lixo urbano, há uma consonância das opiniões quanto à limpeza da cidade.

Figura 26: O lixão de São Miguel do Gostoso



Fonte: Pesquisa direta (2015)

A cidade não tem esgotamento sanitário, e o abastecimento de água é realizado precariamente por uma companhia municipal, a SAAE (Sistema de Abastecimento de Água e Esgoto), por meio do sistema de poços artesianos. O esgoto do município é armazenado em fossas, e a água potável provém dos poços artesianos individuais ou da SAAE. Os depoimentos realçam a problemática da água na cidade. “A água da SAAE é péssima” (Depoimento 13 N). O abastecimento não consegue

⁵² A região do Mato Grande abrange as microrregiões da Baixa Verde e do Litoral Nordeste/RN, abarcando doze municípios: Bento Fernandes, Jandaíra, João Câmara, Maxaranguape, Parazinho, Pedra Grande, Rio do Fogo, Poço Branco, Pureza, São Miguel do Gostoso, Taipu e Touros.

atender à demanda da população, e é recorrente a escassez de água no verão, quando o número de turistas aumenta. “A água que vem da rede é salgada (...) cada casa tem um poço (...) tem problemas sérios com a água” (Depoimento 35 N). Devido a isso, muitos empreendimentos e moradores cavam seus próprios poços, sem um controle efetivo desse processo. “Quem tem dinheiro, cava um poço “ (Depoimento 18 Ñ). Isso acarretará investimentos futuros da gestão pública na obtenção e distribuição de água.

Com o aumento do número de meios de hospedagem, intensificou-se também o uso de poços artesianos para atender à demanda de turistas. Para um dos entrevistados, o futuro de São Miguel do Gostoso reserva exacerbação de problemas ainda não resolvidos pela gestão pública: “O primeiro problema que vai aparecer é decorrente de não ter esgotos sanitários, de alguma forma isso vai aparecer” (Depoimento 27 Ñ).

Se retomarmos os índices de desenvolvimento humano esboçados no capítulo IV, na Tabela 1 e Figuras 3 e 4, percebemos que os índices, embora possam representar aspectos de melhoria no município, não evidenciam questões ambientais. O IDHM, como já foi dito anteriormente, é obtido pela média geométrica dos três subíndices das três dimensões que abrangem longevidade, educação e renda. O problema dos índices em questão, é que eles não adotam parâmetros ambientais nos seus números e podem camuflar distúrbios. Nas imersões de campo e através da Micro-História, a variável ambiental se mostrou como uma das mais preocupantes para o futuro do município, como uma “morte anunciada”. Problemas ambientais não resolvidos, atingirão outras dimensões de caráter socioeconômico e cultural.

A circulação de automóveis nas praias, a preservação dos ninhos das tartarugas e os conflitos gerados pela discussão do uso da Lagoa do Cardeiro, são outras questões ambientais citadas pelos entrevistados. O receio pela ocupação imobiliária no entorno da Lagoa do Cardeiro e o fluxo contínuo de turistas na praia, são duas questões que têm mobilizado a população, ONGs, comitês e as ações da prefeitura.

O trânsito de veículos na praia não só atropela as tartarugas marinhas, como também põe em risco seus ninhos à beira-mar. Apesar da sinalização em toda a extensão da orla, ainda é comum o tráfego de motos, quadriciclos, buggies e carros

de tração 4x4, tanto de moradores como de turistas. A Figura 27 exhibe duas praias do município, a Ponta do Santo Cristo e a Praia do Cardeiro, onde veículos ainda circulam. Esse tipo de passeio turístico é extremamente danoso para o ecossistema local. Além do atropelamento dos animais marinhos, põe em risco as pessoas que circulam livremente pela extensão da orla.

Figura 27: Trecho de orla de São Miguel do Gostoso



Fonte: Canindé Soares (2012)

A ONG mais lembrada e citada nas entrevistas foi a AMJUS⁵³, criada em 2009 e que atua principalmente com educação e justiça socioambiental através de envolvimento e articulação da juventude (Depoimento F). Além da AMJUS, o Espaço Tear e o CDHEC⁵⁴ foram lembrados como organizações atuantes na cidade. As ONGs constituem um elemento importante dentro do sistema, pois ocupam lacunas onde os governos deixam de atuar. O terceiro setor vai paulatinamente ocupando espaços vazios ou esquecidos. De acordo com Rabinovici (2009, p. 289) “ (...) as ONGs passam

⁵³ AMJUS (Associação de Meio Ambiente Cultura e Justiça Social), que realiza um trabalho de educação ambiental com as tartarugas marinhas e inserção social de jovens no município.

⁵⁴ Coletivo de Direitos Humanos, Ecologia, Cultura e Cidadania

a ter legitimidade perante a sociedade, balançando os eixos de poder”. Segundo um dos entrevistados, assim ele define o papel das ONGs que atuam no município:

Quando eu cheguei aqui em São Miguel do Gostoso me deparei com esse panorama. Eu não tenho certeza de quantas ONGs existem, mas cerca de nove ou dez (...) mas eu percebi que o pessoal tem esse espírito solidário, de se envolver com o social, de ajudar. As ONGs têm características diferentes, um perfil diferente. Algumas trabalham com a questão da cultura, outras com o protagonismo juvenil, outras com meio ambiente, outras com esporte, enfim, todas elas têm um papel fundamental quando se juntam” (Depoimento 26 Ñ).

O trabalho mais representativo da AMJUS são as ações em prol da preservação das tartarugas marinhas, com monitoração de 14Km de praia em São Miguel do Gostoso (Depoimento F N), visto na Figura 27. De acordo com o relatório de demarcação das áreas de tartarugas marinhas, duas espécies são encontradas na região: tartaruga verde e tartaruga-de-pente (RELATÓRIO DE DEMARCAÇÃO, 2014; PESQUISA DIRETA, 2016).

Figura 28: Nascimento das tartarugas marinhas dos ninhos protegidos



Fonte: Pesquisa direta (2014)

Segundo o relatório produzido pela ONG Amjus, o número de tartarugas mortas e de ninhos destruídos ainda é muito alto. Há claramente um

esforço conjunto entre os monitores ambientais voluntários (chamados tartarugueiros), voltado à educação ambiental da população local e dos visitantes. Os passeios turísticos com veículos nas praias (*buggies*, motos, carros particulares tipo 4x4 e quadriciclos), promovidos pelas empresas locais, consistem em um agravante quanto à preservação das tartarugas marinhas. Apesar da sinalização turística, da fiscalização e denúncias, veículos ainda transitam na orla.

Além do fluxo de veículos, outro agravante, segundo o relatório, é o movimento intenso de praticantes de *kite surf* e *wind surf*. Além disso, também há outros riscos provenientes da construção de quiosques e barracas, depredação de ninhos por animais, caça e pesca acidental⁵⁵ e a própria maré, conforme quadro 6.

Quadro 6: Resumo dos dados de nidificação das tartarugas marinhas na orla de São Miguel do Gostoso

NOME DA PRAIA	TIPO DE TARTARUGA QUE DESOVA NO LOCAL	CLASSIFICAÇÃO DE RISCO	GRAU DE PRIORIDADE
Santo Cristo	Pente e Verde	Veículos e maré	Alta
Cardeiro	Pente e Verde	Veículos e maré	Alta
Xêpa	Pente	Veículos e caça e pesca	Baixa
Maceió	Pente	Veículos e caça e pesca	Média
Rapadura	Pente	Veículos	Baixa/Média
Reduto	Pente	Veículos	Alta
Tourinho	Pente e Verde	Veículos e outros	Alta
Morros	Pente e Verde	Veículos	Alta
Marco	Pente	Veículos	Alta

Fonte: Livre adaptação do relatório de demarcação das áreas de nidificação de tartarugas marinhas na orla de São Miguel do Gostoso (2014)

Há de se ressaltar que houve um considerável avanço no lidar com as tartarugas nos últimos anos. No passado as tartarugas serviam de alimento para alguns moradores e com o trabalho de sensibilização e conscientização da comunidade, elas hoje são protegidas. Porém, depois da chegada do turismo, os problemas decorrentes são outros, visto que o fluxo de pessoas nas áreas de desova prejudica os animais marinhos. O nascimento das tartarugas é monitorado e divulgado pela ONG, evento que agrupa locais e visitantes. Mesmo compreendendo a atuação das ONGs no município, “Nem as ONGs, nem o turismo constituem salvação para todas as mazelas da comunidade” (RABINOVICI, 2009, p. 283). Na

⁵⁵ Tartarugas que ficam presas nas redes de arrasto dos pescadores

opinião de um dos entrevistados as ONGs assumiram papéis pertencentes ao poder público e “se terceirizou a responsabilidade” (Depoimento 30 Ñ).

Naturalmente, o turismo é um setor que se utiliza do patrimônio natural para se concretizar como atividade e uma complexa rede de interrelações. São Miguel do Gostoso não escapou incólume desse processo. Os impactos sociais, ambientais e econômicos do turismo (tanto positivos como negativos) destacados por Kim, Uysal e Sirgy (2013) e Haralambopoulos e Pizam (1996) estão claramente presentes no município: incremento em investimentos, uso e ocupação da terra, deterioração da cultura local, entorpecentes, tráfego intenso de veículos, oportunidades de interação social, transformações das formas e tipos de ocupações, influência no estilo de vida, demografia, dentre outros. “Apesar disso, o turismo ainda é uma indústria relativamente limpa, com menos problemas de poluição se comparado com outros tipos de indústria” (KIM, UYSAL e SIRGY, 2013, p. 528).

Lugares turísticos padecem de um duplo conflito: o meio ambiente como recurso fundamental e como destino dos resíduos. Assim como expõe Altvater (1995), existe, de fato, “o perigo e a tendência de uma exploração excessiva dos recursos naturais e a utilização da natureza como fonte de recursos e como recipiente de rejeitos” (ALTVATER, 1995, p.38). Embora o turismo seja considerado uma atividade limpa, comparada ao impacto de indústrias, sua massificação agrava problemas sociais e ambientais. Primeiro, porque as cidades pequenas não estão preparadas para lidar com a cosmopolização e, segundo, porque o ambiente natural vira produto turístico, passível de consumo, uso e descarte.

O que fere mesmo é na base(...) como eu compreendo e entendo o turismo(...) que se reflete em vários danos e que existe uma mercantilização do natural, algo que não é de ninguém e passa a ser prioridade de alguém e passa a ter um valor comercial, isso é turismo(...) isso, por si só, não nasce bem (Depoimento 27 Ñ).

São Miguel do Gostoso tem uma considerável extensão de praia, indo de Touros ao sul, até Pedra Grande ao norte. As praias do Distrito Sede são: Maceió, Xêpa⁵⁶ Cardeiro⁵⁷ e Ponta do Santo Cristo, no sentido norte-sul. A área de praia de

⁵⁶ Segundo depoimento, era o local onde os soldados do pelotão do exército acampados da Segunda guerra faziam suas refeições. A população local era convidada a participar da Xêpa (horário da refeição).

⁵⁷ Cardeiro é um tipo de cacto de grande porte, muito comum na região.

todo o município de São Miguel do Gostoso (RN) corresponde a 24 Km de extensão. As praias de uso compartilhado entre pescadores artesanais e praticantes de *kite surf* e *wind surf* se localizam no Distrito Sede.

O Nordeste tem seu turismo baseado em sol e mar, não sendo diferente em São Miguel do Gostoso. A singularidade da região se deve ao fato de que os ventos atraem os praticantes de esporte. Não existe outro tipo de turismo relevante no município. Como afirma Coriolano (1998, p. 87), “Em todo Nordeste brasileiro há um claro predomínio do uso do espaço natural como objeto da demanda turística”.

5.10 Lugares de memória: recordações que o vento não levou

“Não tinha luz, não tinha pista, amanhecia o dia com as portas abertas...sinto falta demais” (Depoimento 37 N)

“Sinto falta do cheiro de peixe assado à tarde e as pessoas conversando nas calçadas” (Depoimento 30 Ñ)

Uma das questões da entrevista incentivava os atores a recordarem algo que, em sua opinião, havia sido apagado com o tempo, e o que melhor simbolizava a cidade para ele na atualidade. As associações dos indivíduos com o mar, com o pôr do sol, com os barcos na praia, com a faixa de coqueiros, com a tranquilidade e o silêncio foram as mais lembradas. “ A gente podia dormir no chão, numa esteira e tudo e agora ninguém pode mais” (Depoimento 12 N). Nenhum ator (nativo ou não nativo) associou São Miguel do Gostoso com os esportes náuticos, nem com os cata-ventos da energia eólica ou com o dinamismo do Turismo. As lembranças foram buscadas num passado remoto e os vínculos sempre relacionaram elementos culturais ou da natureza.

Sinto falta das noites(...) terminou de jantar todo mundo, não tinha calçamento, não tinha nada, era tudo só areia(...)se juntava três, quatro famílias que moravam perto para contar histórias (...) colocava o lençol e se deitava... a tranquilidade que a gente tinha (Depoimento 35 N).

A história do homem é uma história ambiental. As conquistas, as ocupações dos territórios, os deslocamentos e as relações com os elementos naturais fazem parte da história de cada lugar e de cada indivíduo. Essas relações homem e meio vão aos poucos alterando a paisagem, a noção de pertencimento, esquecimento, memória, gratidão e os vínculos. O ambiente não é estático e o homem tão pouco. “As relações dos homens com a natureza são indissociáveis das

relações que os homens mantêm entre si ao longo do tempo” (DUARTE, 2004, p.152).

A Praia da Ponta do Santo Cristo e a Praia de Tourinhos (com seu pôr do sol), foram as paisagens mais elencadas como lugares que os moradores escolheriam para testemunhar a grandeza, a beleza e sua relação com a cidade. “Uma paisagem? A Ponta do Santo Cristo” (Depoimento 28 Ñ) ou ainda “A imensidão do mar” (Depoimento 27 Ñ); “A Praia do Santo Cristo e as tartarugas marinhas” (Depoimento 14 N); “A cortina verde de coqueiros do litoral é inegável” (Depoimento 17 N); “Tourinhos e Santo Cristo” (Depoimento 16 Ñ). “Você olhar o pôr do sol na Ponta do Santo Cristo! É fantástico essa enseada toda recuada, uma grande faixa de praia e o sol se pondo ao longe” (Depoimento 10 Ñ). A Figura 28 é a imagem mais associada ao município pelos moradores locais.

Figura 29: Vista aérea da Praia do Santo Cristo



Fonte: Canindé Soares (2012)

Muitos moradores lembraram as casas de taipa e palha, as ruas sem asfalto, o escambo de mercadorias, a tranquilidade, o silêncio e a segurança. Está presente nos testemunhos dos atores a preocupação com a segurança e como isso alterou a rotina dos indivíduos. Embora alguns enunciem que o turismo trouxe

“pessoas estranhas”, há uma clareza quanto às transformações sociais, ao acesso a entorpecentes e à violência, frutos de uma mudança mais macro. Essa confissão aparece na seguinte afirmativa de uma moradora, dos tempos que não eram necessários aparatos de segurança para entrar na casa dos vizinhos: “Hoje em dia a gente tem que aumentar os muros das casas, antigamente não: {olhe, tô chegando} ... {bom dia, boa tarde, boa noite} ” (Depoimento 19 N).

Duas observações são importantes aqui: primeiro, que os entrevistados consideram São Miguel do Gostoso uma cidade pacata e tranquila, apesar do alvoroço causado pelo crescimento do turismo. Outro aspecto é que as pessoas sempre se reportam à tranquilidade perdida.

5.11 O futuro dos ventos: Sobre os próximos dez anos, partir ou ficar?

“Era o sossego(...) de primeiro era tranquilo, no dia que eu vi o primeiro carro eu quase morro assombrada” (Depoimento 12 N)

“Eu não sabia o que era silêncio, eu não imaginava, eu aprendi a olhar para o céu e escutar o silêncio, eu aprendi o que era silêncio aqui” (Depoimento 27 Ñ)

“Nem morta eu saio daqui meu Senhor! Nem morta eu saio!” (Depoimento 12 N)

Uma localidade é muito mais do que uma fronteira delimitada geograficamente – consiste, na verdade, em uma complexa rede de grupos que compartilham espaços, interesses, conteúdos e histórias de vida diferentes, mas que podem se agrupar em torno de um nome: cidade, distrito, município, comunidade ou outra denominação formal e/ou burocrática. Assim, uma localidade “se muestra como materialmente micro pero con múltiples manifestaciones” (ZULUAGA RAMÍREZ, 2006a, p. 4). Para o pesquisador, tudo que situa um homem ou grupo humano é uma localidade (ZULUAGA RAMÍREZ, 2006a).

A última questão das entrevistas pedia aos moradores da cidade que fizessem um prognóstico sobre o que esperavam para o futuro de São Miguel do Gostoso. Discursos otimistas e discursos pessimistas se revezaram, na tentativa de imaginar essa nova localidade. Para os otimistas, a cidade vai se consolidar no turismo, resolver seus problemas de ordem estrutural, investir em educação e nos

jovens: “Gostaria que as crianças que estão nascendo aqui, estivessem se educando aqui” (Depoimento 27 Ñ). Ou ainda: “Eu tô apostando que vai evoluir” (Depoimento 10 Ñ).

Há uma preocupação, às vezes, pronunciada, outras vezes, no olhar, quanto ao crescimento exagerado. Os depoimentos a seguir expressam essa angústia: “Eu espero que a cidade não cresça mais do que isso” (Depoimento 28 Ñ); “Eu gostaria que continuasse mais ou menos assim” (Depoimento 26 Ñ); “Vai crescer, mas o futuro só Deus vai dizer” (Depoimento 37 N); “Espero tudo mais organizado” (Depoimento 2 Ñ). “Eu rezo para que a cidade não cresça mais do que isso” (Depoimento 28 Ñ). A sombra de Pipa paira nas proximidades, espectros, um certo temor do nascimento de uma segunda Pipa. Há sempre um retorno à Pipa, para testificar um futuro tenebroso: “Eu tenho medo que vire uma Pipa da vida, tá vindo muita gente pra cá (...) e Pipa tá uma droga” (Depoimento 13 N). “Se as pessoas não se envolverem na coisa pública...vai virar uma Pipa” (Depoimento 16 Ñ).

Se pensarmos no investimento do Estado em prol do turismo nas últimas décadas, os dois primeiros polos do Rio Grande do Norte são Natal e Pipa. Ambas sofreram graves intervenções, apropriações e desconfigurações provindas de um Turismo sem planejamento. Como São Miguel do Gostoso se tornou o terceiro polo turístico do Estado, a proximidade do novo aeroporto⁵⁸ e a exploração midiática, corre-se o risco muito evidente de um turismo insustentável. É como uma tragédia anunciada. Apesar de tudo isso, em São Miguel do Gostoso há uma força endógena dos seus habitantes que retém, como arrecifes, a onda que assola ainda com certo distanciamento. No depoimento a seguir é possível perceber o engajamento e esclarecimento de alguns entrevistados desse risco: “Não somos meros expectadores de um filme ou leitores de uma revista. Somos protagonistas. Não estamos nas arquibancadas. Estamos no campo. Não estamos na sala assistindo” (Depoimento 38 Ñ).

Os pessimistas percorrem esse caminho: “Vai ficar de mal a pior” (Depoimento 12 N), ou ainda: “Eu vejo isso aqui cheio de resort(...) cheio de maioria de pessoas que não são daqui” (Depoimento 5 N). Para alguns entrevistados, tanto

⁵⁸ O antigo aeroporto de Natal (Augusto Severo), principal portão de entrada de turistas do Estado, era situado em Parnamirim, 18km da capital. O novo aeroporto – São Gonçalo do Amarante, reduziu a distância para chegar à São Miguel do Gostoso.

o posicionamento do governo quanto a participação popular serão decisivas nesse futuro: “Espero que esteja toda saneada” (Depoimento 8 N). “Acho que vai depender de muitos fatores(...) só crescer por crescer não é isso(...) vai depender dos novos gestores” (Depoimento 36 N). Para um dos jovens entrevistados, assim ele prevê o município no futuro:

É tão complicado Gostoso daqui há dez anos! A gente não está num bom caminho. Se eu acredito ser possível um Gostoso melhor daqui há dez anos? É possível! Mas com um empenho muito grande da população, uma intervenção de verdade. Uma intervenção de quem quer morar numa cidade boa, e não em qualquer lugar. Se o discurso e a prática caminharem juntos teremos uma boa cidade. Todos nossos vereadores são daqui e talvez a coisa não receba mais pressão de fora por conta disso(...) no frigor dos ovos as decisões finais partem da nossa gente. Temos um poder de articulação local (...) mas se o povo quiser esculhambiar, será esculhambado, então eu tenho confiado nisso. Os moleques continuam indo para a escola, o posto de saúde continua atendendo o povo, o comércio continua vendendo fiado...coisas de interior mesmo (Depoimento 30 Ñ).

Figura 30: Avenida dos arrecifes - Entrada da cidade



Fonte: Pesquisa direta (2016)

A Figura 30 com destaque para a Avenida dos Arrecifes ainda mostra os aspectos de cidade interiorana, apesar de todas as transformações ocorridas nos últimos anos. Na cidade hoje ainda transitam carroças puxadas a burro, manifestações religiosas na rua, pescadores e labirintas nas calçadas, costurando

redes e tecendo o labirinto, sem se importar com o volume de tráfego intenso de veículos na alta temporada, que esconderam o som do mar quebrando na praia.

A construção de um cenário futuro para São Miguel do Gostoso, parte do que ocorreu em outros lugares do mundo, onde o turismo de massa, de grandes corporações, de apelos publicitários paradisíacos e governos ausentes, criou produtos turísticos internacionais que apartaram a população local das decisões importantes, sufocando, saturando e padronizando mercadologicamente esses destinos. Planejamento e participação foram substantivos usados com frequência nas entrevistas. “É o que acontece aí, cara. A gente vai ver resorts, hotéis, restaurantes, condomínios (...) a gente não vai conseguir dar água para um milhão de pessoas (...) gostaria que houvesse uma desordem organizada” (Depoimento 21 Ñ). O tom de preocupação é expressado na seguinte afirmação: “Existe algo que foi plantado, de que a economia é preponderante, que o lucro é preponderante, isso está na cabeça de todo mundo” (Depoimento 27 Ñ).

As modificações de uma cidade como São Miguel do Gostoso abrange todas as dimensões (sociais, culturais, ambientais e econômicas) e para compreender todas as pontas da rosa dos ventos⁵⁹ só mediante um olhar interdisciplinar. “Acreditamos que o que ocorre na cidade é a sedimentação de um conjunto multideterminado de processos globais internos e externos que nenhuma disciplina pode estudar isoladamente” (GARCÍA CANCLINI, 2008, p. 92)

Cada personagem dessa pesquisa resgatou sua própria história nas entrevistas. Os encontros e as lembranças, um reavivamento de recortes de realidades. Os nascidos na cidade (carinhosamente chamados de nativos) reportam-se muito ao silêncio e a tranquilidade e os que aportaram no cais de São Miguel do Gostoso (chamados de forasteiros), falam do encanto da rotação mais lenta, do tempo mais pausado e do sol por testemunha. Dentre os 52 entrevistados, apenas dois expressaram seu desejo de ir embora da cidade. “Nunca, eu amo minha cidade” (Depoimento 1 N); “Jamais sairia daqui” (Depoimento 20 N). Mesmo os que esboçaram o desejo de ir embora, titubearam na assertiva, numa insegurança singela e discreta, como vestígio de uma renúncia.

⁵⁹ O símbolo da Rosa dos Ventos representa uma volta completa do horizonte, com seus **pontos cardeais**: norte, sul, leste e oeste; **pontos colaterais**: nordeste, noroeste, sudeste e sudoeste; e **pontos subcolaterais**. A Rosa dos Ventos também é considerada um símbolo da navegação, bons ventos e a direção certa.

Um dos entrevistados citou Carlos Drummond de Andrade, ao comparar São Miguel do Gostoso a um lugar para parar, pausar e pensar sobre a vida. Outros assim esboçam sua experiência em permanecer: “Eu abdiquei minha vida para viver em São Miguel do Gostoso. Só se pode definir São Miguel conhecendo-a” (Depoimento 23 N). “Eu sou mais um que saiu da loucura e queria tá num local bom e ajudar a desenvolver” (Depoimento 10 Ñ). “Eu escolhi o lugar deles...eu escolhi está junto com eles, eu saí do meu {covil} para poder vir para cá, então não são eles que têm que se adaptar à rotina, eu que tenho que me adaptar à situação” (Depoimento 21Ñ).

Sem generalizações, há envolvimento de muitos forasteiros nas questões inerentes ao município, através de participações atuantes nos comitês, nas ONGs, associações ou em atitudes mais isoladas individualmente ou nos seus empreendimentos turísticos. Mas também existem outros grupos que não se envolvem e permanecem ilhados, como tribos. Notadamente há forças que lutam, ora declarada, ora camufladamente. Os que tentam e exaltam a mercantilização do município, defendendo categoricamente o bem que o turismo fez à cidade e que São Miguel do Gostoso deve um grande favor ao turismo. Outro grupo, tenta equilibrar o turismo com outras atividades, reivindica maior participação popular nas decisões municipais, preocupa-se com as questões socioambientais e rechaça o turismo adulterador das tradições locais, conforme pode ser visto nos seguintes depoimentos:

O que mudou aqui? O estilo de construção. Todo mundo aqui tem aquelas varinhas⁶⁰(...) e o pior de tudo foram as portas de vidro, em vez de usar madeira que é uma coisa nobre, bonita... o pessoal tá achando que isso aqui vai ser uma Nova Iorque ou Paris (Depoimento 3 Ñ).

Os visitantes trazem ideias inovadoras principalmente em termos de ecologia, padrões de construção...pelo lado negativo a gente vê que algumas pessoas vivem como se fosse numa ilha, refratários a qualquer contato ou adaptação ou apanham o que é costume local e fazem modificação/junção... que não parece legal pra mim (Depoimento 22 Ñ).

Eu não quero mudar daqui, por isso quero que as coisas funcionem bem. Quando a gente vem para uma cidade como essa, a gente tem a sorte de participar. Meu objetivo é fazer com que ela cresça de forma controlada(...) pro nativo progresso é fazer uma laje, um segundo andar... (Depoimento 16 Ñ).

⁶⁰ As varinhas que o depoente se refere são os muros feitos de madeiras fininhas, um tipo cerca de madeira padronizada.

É imprescindível destacar que as transformações socioculturais, ambientais e econômicas da cidade são confrontadas por grupos distintos, que ora defendem e ora criticam o que ocorreu pelas vias do Turismo.

É no confronto entre essas diferentes territorialidades que se gestam os mais importantes paradoxos que caracterizam o uso dos territórios para o turismo, como por exemplo, a segregação espacial de turistas e residentes e a geração de processos inflacionários que elevam os preços de produtos, de serviços e da terra, beneficiando empreendedores turísticos, por um lado e prejudicando residentes, por outro (CRUZ, 1999, p. 22).

Por outro lado, muitos locais se sentem satisfeitos com as mudanças, com a inserção da cidade nos meios de comunicação e na realização de grandes eventos esportivos e culturais. Apesar de todas as mudanças, o apelo religioso ainda é muito forte (Conforme Figura 31), nas atividades paroquiais, na devoção ao santo que nomeia a cidade, nas manifestações de fé, nos depoimentos:

Para mim a imagem que retrata São Miguel do Gostoso é a imagem do santo na igrejinha. A imagem de São Miguel Arcanjo, junto com as gargalhadas gostosas de Seu Gostoso que deu nome ao lugar. Imagem bonita, portuguesa. Com a espada numa mão e com a balança da justiça na outra, o santo nos lembra que devemos lutar, o símbolo da espada, por justiça social e ambiental, a balança, para que todos e cada um, vivam com dignidade (Depoimento 38 Ñ, grifo nosso).

Figura 31: Igreja de São Miguel Arcanjo na Avenida dos Arrecifes, no Distrito Sede



Fonte: Pesquisa direta (2014)

A conciliação entre a brisa (ritmo que a cidade evidenciava) e a tempestade (das grandes transformações do turismo), é uma das alternativas de equilíbrio de uma cidade de interior aberta para o mundo. As questões de conflito (como o barulho, trânsito na praia e fluxo intenso da alta temporada), têm sido discutidas nos comitês e nas audiências públicas. Afinal, como afirma um dos moradores: “Que tipo de turismo nós queremos?” (Depoimento C N).

Figura 32: Trecho da BR 101 que liga Natal à São Miguel do Gostoso



Fonte: Canindé Soares (2012)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muitos são os caminhos que levam à uma cidade. Na Figura 32 visualizamos a estrada que conduz à São Miguel do Gostoso, antes possível somente pelas areias das praias do litoral norte ou por trechos de piçarro numa aventura que ardia em horas. Os caminhos, os tempos e os visitantes também são outros. Nosso caminho, inspirado pelos fortes ventos, soprou possibilidades de inovar na aliança de duas teorias para entender um universo tão rico. O universo da gota d'água. A metáfora que abraçamos gentilmente de José D'Assunção Barros (2007).

Pensar uma cidade entre a Micro-História e os Sistemas Complexos é uma busca por entender as duas faces de uma mesma moeda. Poderíamos aqui simplesmente dualizar, listar e culpar os processos globais e as políticas públicas pelo que a cidade vai se transformando. Mas, esse entendimento vai muito além, porque não existe o bem e o mal, nem vilões, nem mocinhos, romances ou vitórias, tampouco heróis e mártires. Não temos, nem teremos certezas. Nosso papel secundário de avaliar e decodificar, não nos dá o poder de absolutismos, nem de tratados. A investigação é assim, arrebatadora e ao mesmo tempo limitada, repleta de frestas de onde nascem gameleiras⁶¹.

Pensar o Turismo como um agente transformador também não é algo novo. Talvez a forma mais adequada é intitular “turismos” num remake de um roteiro por vezes readaptado. O ontem não nos esclarece mais nada e o futuro não sabemos. O que temos aqui é o presente passageiro, repleto de personagens não lineares, sem maniqueísmos, mas com magnetismos e subjetividades que afloram pela pele. Que rumo esses ventos vão tomar? Não sabemos! Apesar de todas as confrontações do passado e as perspectivas do que aconteceu em outros lugares e que, talvez, se projetem aqui. Apesar da contradição, tudo tende a se repetir, seja em qual escala estejamos falando. Dos neurônios ao cosmos, existem padrões e comportamentos de muita semelhança, que se aplicam em outras esferas da vida comum, nas microrrealidades. Mesmo com traços únicos de particularidades microscópicas, a universalização, a replicação de situações, ocorre como encadeamentos.

Os subsistemas reproduzem seus comportamentos, aqui nesse quadrante ou em outro lugar, porque a sua genética deles está impregnada de

⁶¹ Árvores da família das moráceas, especialmente as do gênero *Ficus*, com madeira utilizada para a confecção de gamelas e/ou objetos. Nascem espremidas entre frestas e se tornam frondosas, ocupando grandes espaços.

informações, um DNA de comportamentos sempre idênticos. Muda-se o clima, muda-se a língua, muda-se o local, muda-se o discurso, mas a forma de fazer se repete. O que diferencia é apenas a complexidade das decisões e das reverberações, provenientes de outras tecnologias e processos. O ponto de partida é sempre o mesmo e ele não precisa ser nomeado. Os seres humanos são previsíveis.

A cidade se manifesta fatiada como lâminas de carpaccio, um quadro cubista ou um quebra cabeças com uma quantidade infinitas de peças, de tamanhos e tons distintos. Nossa interpretação da realidade é mais complexa do que um quebra cabeças, onde procuramos as peças que se encaixam e formam o afresco final. Normalmente essas peças não se encaixam com perfeição, se reconfiguram, se redimensionam. As cidades e suas microrrealidades vão se transformando paulatinamente, como caleidoscópio vivo, mutantes, ao mesmo tempo que emerge uma febre de permanecer, as tentativas rotineiras de busca de identidade, autenticidade e valoração, embora por vezes seduzida pelo discurso da serpente.

Compreender foi o nosso desafio, compreensão dita, expressa no olhar, nas palavras ensaiadas e retidas na garganta, em rabiscos feitos a mão, no tamborilar dos dedos, na costura do tear, na xícara de café, nas caminhadas pela praia ou na lapidação da madeira. Esses eram os indícios que procurávamos, avizinhamentos conflitantes, momentos únicos e reveladores que percorreram todo trabalho. Como afirma a filósofa alemã Hannah Arendt “a compreensão é um empreendimento estranho” (ARENDR, 2008, p. 345).

A São Miguel do Gostoso dessa investigação migrará para outros entendimentos num futuro próximo e talvez uma diferente cidade possa nascer. “Você acha que o vento vai mudar?” (Depoimento 28 Ñ). Sim, os ventos vão mudar! Os tons das hélices dos aerogeradores, as flâmulas coloridas do *kite surf*, os triciclos turísticos na praia, o nascimento das tartarugas marinhas, os sotaques, os sons e os sentidos múltiplos de um lugar camaleônico, que cede ao crescimento e reinventa-se pelos ventos. Ventos alísios, ventos da história, ventos do turismo.

O papel do pesquisador não pára nunca, ele se transforma, se lapida, como um incansável processo de descoberta de um arqueólogo. Desde da primeira vez que se pisei em São Miguel do Gostoso, se passaram quatro anos. Nesse período as transformações foram visíveis, impregnadas de sentidos, peculiaridades e surpreendentes revelações. Há nos registros do passado uma áurea de

confinamento e reclusão, como uma vila que se protegia do mundo na sua estufa, que foi sendo rompida pelas movimentações e dinâmicas macroeconômicas, sociais, culturais e ambientais.

Porém, até o modo de fazer e reproduzir, de tempos em tempos, vai se modificando com a interferência e influência de outros elementos. O Turismo foi asseguradamente um grande agente modificador, que deu outro sentido às relações da cidade com ela mesma. O prognóstico dos autores (García Canclini, 2007; 2008; Yúdice, 2004; Urry, 2001) reforçam essa pluralidade, mutualidade, interculturalidade, fissuras, narrativas de heterogeneidade, discursos coletivos e hibridismo cultural, frutos da globalização.

O Turismo é um movimento transformador por si só. O formato do turismo plantado pelos mercados e governos mundo afora, são em essência e em propósito, modificadores de cotidianos e orientados para produção e mercantilização. O turismo ainda caminha em grande magnitude nessa lógica, seguindo as cartilhas do consumo dos destinos. Sim, as transformações causadas pelo turismo são transparentes e sistêmicas, porque fincam raízes e entram no DNA das comunidades. Toda estrutura é modificada, nos novos ofícios, nas novas linguagens, na maneira de lidar com o outro, nas relações de troca. As microrrealidades dantes confinadas, são ressignificadas, para nunca mais voltar ao estado original.

Na contramão dessa avalanche, aparecem os indivíduos que não sabiam lidar, entender, reter ou gerir toda nova onda. O Turismo não nasce das pessoas, não é palavra que brota no berço, não se repassa na educação ou cultura, mas chega sorrateiramente, sem muito explicar, com certa discrição e fragilidade, até tornar-se um gigante. Esse gigante é alimentado pelas políticas, pelo mercado, pelo macrossistema.

No decorrer das imersões de campo, esse tipo de relação ficou bastante evidente. Alguns grupos funcionam como ilhas ou tribos, segmentadas e protegidas por uma estufa. A declaração de um entrevistado revela isso: “ Os estrangeiros eles ficam isolados, não há contato, só com eles mesmos(...) ao meu modo de ver não existe uma interação(...) um ou outro consegue se entrosar” (Depoimento G Ñ).

A pesquisa também evidenciou três personagens importantes para o entendimento da cidade e suas microrrealidades. Nomes constantemente

mencionados, repetidos e valorizados. Essa identificação só foi possível através da vivência do campo de estudo, através da observação direta participante e do envolvimento na dia-a-dia do município. A história dessas pessoas comuns e do município, se confundem, se complementam.

Foi difícil nomear os atores como nativos e não nativos. Para os não nativos entrevistados (27 indivíduos), todos optaram em morar em São Miguel do Gostoso, não foi uma imposição. É comum aos intitulados não nativos (Ñ) a participação nas ações de melhorias infraestrutural, planejamento urbano turístico e engajamento socioambiental. O título de nativo (N) também não confere aos indivíduos um selo natural de dedicação e envolvimento. Mas os dois grupos partilham dessas características. Apesar das diferenças, os entrevistados amam a cidade e se dedicam a ela.

Outra decisão difícil foi escolher os depoimentos que constariam na pesquisa, bem como definir pouco mais de trinta figuras que melhor representariam o município, de um universo de 900 imagens e 54 horas de gravação de áudio. Cada escuta revelava sutilezas e minúcias, condensadas de emoção e histórias de vida. Confesso que alguns depoimentos eram de uma intensidade indescritível “ Aqui as pessoas são calorosas, carinhosas e acolhedoras” (Depoimento 28 Ñ).

Retomando os objetivos propostos, concluímos que:

As microrrealidades dos indivíduos foram modificadas pela atividade turística no município e as transformações socioculturais, econômicas e ambientais foram mais proeminentes depois das intervenções do turismo nos cotidianos dos atores, com a chegada do turismo náutico nos anos 2000. Embora houvesse discordâncias quanto ao que de fato causou grandes transformações, os dois anos de trabalho de campo revelou que a chegada das escolas e/ou guarderias de *kite surf* foram determinantes para a maioria das transformações provindas pelo turismo. A emancipação (1993), bem como o surgimento das primeiras pousadas (1985 e 1999) não causaram grandes impactos ao cotidiano dos nativos e dos não nativos, quanto o turismo náutico, implantado nos últimos dez anos.

Embora alguns confessem pela palavra que não sentiram a mudança, tudo ao seu redor revela que sim. Evidente que o turismo não atuou isoladamente nessas transformações. São Miguel do Gostoso passará ainda por outras

intervenções, porque a realidade do município se transforma a cada ano. Na forma de comunicar-se, de locomover-se, de alimentar-se, de trabalhar e perceber o lugar.

Assim como na Figura 31, outros caminhos vão sendo trilhados inspirados principalmente pelo turismo. O turismo trouxe muitos benefícios para a cidade, estampados aos quatro cantos, mas há o reverso da medalha que ainda não é perceptível a todos os envolvidos. Mas pode aportar, como uma tempestade.

As influências mais relevantes de segundo e terceiro nível foram as políticas de turismo, o marketing turístico do Estado e as próprias mudanças que a globalização trouxe para a dinâmica local. Fluxos externos nacionais e internacionais, possibilitou novos deslocamentos e o descortinamento de províncias, regiões e lugares, dantes protegidos por seu anonimato. Esses fluxos não controláveis foram facilitados pelo advento das comunicações e dos transportes. Nosso caso foi personagem desse processo, a partir do momento em que as vias de acesso e a propagação da internet apresentaram o lugar ao mundo.

Partindo da premissa de um efeito macro global, a Teoria dos Sistemas Complexos nos auxilia no entendimento dessas forças sobre uma cidade, ressaltando que todas as decisões (e não decisões) políticas, econômicas e sociais do macro ambiente respigam também na comunidade.

A Micro-História e Teoria dos Sistemas Complexos se ajustaram para entendimento dos estudos em Turismo. Nosso intuito nessa investigação era realizar essa ponte, na tentativa de entender duas perspectivas distintas e complementares. Uma delas mais micro, fundamentada na História vista de baixo e sua aproximação com a Antropologia e outra mais macro, de pilares interdisciplinares, oriundos da Biologia. Nessa relação, o Turismo ganha um protagonismo, visto que é uma área de construção permanente, ainda em fase de consolidação de conceitos.

Aliar Micro-História e a Teoria dos Sistemas Complexos é algo inovador em estudos turísticos. O ponto basilar dessa pesquisa foi enxergar do micro ao macro, fugindo de concepções sistêmicas de gestão e planejamento turístico e também da história dos acontecimentos macro-oficiais. Detivemo-nos nas micro-histórias locais, das personagens comuns, dos cotidianos esquecidos, das imagens não turísticas que se revelam nas ruas com seus nomes peculiares. Para os sistemas complexos identificamos ondas externas decorrentes de políticas de turismo e

dinâmica dos mercados. O oceano e a gota d'água (BARROS, 2007). A gota d'água não pode fugir do oceano porque é parte dele. E a gota é repleta de universos, universos de cada um.

Voltaremos a questões que expusemos no início do trabalho: Como planejar um turismo para pequenas cidades? Como pensar políticas de turismo mais inclusivas? A proposição de um turismo sustentável deve partir de uma base local, envolvendo os moradores e fortalecendo os vínculos históricos, culturais e por que não dizer, afetivos? O turismo na concepção voltada de cima para baixo não respeita as particularidades dos vilarejos, dos recônditos de outrora, das cidades em processo de crescimento. Os partícipes da atividade deveriam corroborar com representações e na definição das políticas de turismo. Qualquer projeto de base local começa no cidadão e deve engrandecer suas liberdades (SEN, 2000). Lamentavelmente, no cabo de guerra a localidade quase sempre perde.

Em São Miguel do Gostoso as rédeas ainda retêm os avanços desproporcionais do turismo, mas a procrastinação das questões intrínsecas ao planejamento urbano, burocratização da gestão pública e “a sedução do paraíso”, podem levar à derrocada e tornar a cidade mais caótica do que Pipa.

A cidade de São Miguel do Gostoso consegue nos dar exemplos de sustentabilidade através da preservação das tartarugas marinhas, na conscientização sobre o lixo urbano e na educação das suas crianças. Mas algumas arestas ficam pendentes e precisam ser aparadas e superadas, como as questões que envolvem poluição sonora, trânsito nas praias, aterro sanitário e a gestão dos recursos hídricos.

Que tipo de turismo os habitantes de uma localidade almejam? Que expectativas os atores têm com o futuro da cidade? Talvez os próprios habitantes ainda nem saibam que tipo de turismo desejam, mas nos seus depoimentos há um certo clamor na manutenção das identidades, suas histórias construídas no labor no mar, na agricultura e no artesanato. Esse tripé pode ser valorizado e agregado de significados. Quanto ao futuro da cidade há uma mistura de romantismo e realidade, esperança e pessimismo, participação e omissão.

Uma rosa dos ventos simboliza essa busca por um caminho a seguir, por bons ventos, representando os pontos cardeais, os elementos da terra e sua unidade, levando em consideração todas as direções possíveis. Espera-se que outros

achados, outras abordagens, outros autores, posicionamentos e perspectivas, sejam possíveis em futuras investigações, até porque cada recorte é uma escolha. O Turismo foi escolhido como objeto de estudo, como agente transformador, mas outras forças externas exercem sua influência no município, num avolumado somatório de reconfigurações interdisciplinares.

Como sugestões para novas pesquisas elencamos:

- a) Relações das empresas de energia eólica com a comunidade local;
- b) Esvaziamento das tradições folclóricas (como o Boi de Reis, por exemplo) frente a novos eventos culturais (Bossa *in* Jazz, por exemplo);
- c) Questões territoriais de delimitação que envolvem o município de São Miguel do Gostoso com Touros;
- d) Perfil do turista náutico esportivo de São Miguel do Gostoso;
- e) A discussão sobre o marco do descobrimento na Praia do Marco;⁶²
- f) O papel que as ONGs e seus respectivos projetos socioambientais exercem no município;
- g) Destrinchar os 26 distritos, com suas micro-histórias não reveladas;
- h) Analisar historicamente/socialmente o trabalho dos pescadores e das labirinteiras;
- i) Relacionar outras Teorias de Turismo com São Miguel do Gostoso.

E como esta história termina? Talvez com a esperança que se sai de uma cartomante “ Uma pessoa grávida de futuro” (LISPECTOR, 2006, p.81), que sorratamente é atropelada por um submarino amarelo. E o que acontece é surdo terremoto (LISPECTOR, 2006). Parafraseando a escritora, nem toda a história do mundo é uma “história de aflições”.

“Agora entendo esta história. Ela é a animinência que há sinos que quase-quase badalam. A grandeza de cada um”

(Clarice Lispector em A Hora da Estrela)

⁶² Pesquisadores como Câmara Cascudo, Lenine Pinto e Tânia Teixeira, defendem a tese da descoberta do Brasil na Praia do Marco, onde foi encantado um padrão de mármore colonial português em 1501, na divisa de São Miguel do Gostoso com Pedra Grande. Essa discussão gerou algumas publicações, sendo a mais recente o livro “Arraial do Marco – Nosso Porto Seguro” de Tânia Teixeira (2015).

REFERÊNCIAS

ABRAMOVITZ, Moses. **Thinking about growth**. Cambridge University Press, 1989

AHN, Bum Yong; LEE, Bong Koo; SHAFER, C, Scott. Operationalizing sustainability in regional tourism planning: an application of the limits of acceptable change framework. **Tourism Management** 23 (2002) 1-15

ALMEIDA FILHO, Paulo Gomes. **“Aqui se faz gostoso”**: Uma etnografia do Turismo em São Miguel do Gostoso. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Natal. 2014.135p.

AMJUS. Associação de Meio Ambiente, cultura e justiça social. **Relatório de demarcação das áreas de nidificação de tartarugas marinhas na orla de São Miguel do Gostoso – Rio Grande do Norte**. São Miguel do Gostoso, janeiro de 2014. 23p.

ARAÚJO, Denilson da Silva. **Dinâmica econômica, urbanização e metropolização no Rio Grande do Norte (1940-2006)**. 2009. 329 p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Economia, Campinas, SP. Disponível em: <<http://libdigi.unicamp.br/document/?code=000442735>>. Acesso em: 4 jun. 2015.

ALTVATER, Elmar. **O preço da riqueza**: Pilhagem ambiental e a nova (des) ordem mundial. São Paulo: UNESP, 1995.

ARAGÃO, Wilson Honorato (Org). **São Miguel do Gostoso**: Um município construído a muitas mãos e uma história contada a muitas vozes. Natal: Natal Editora, 2001.

ARENDT, Hannah. **Compreender**: Formação, exílio e totalitarismo. Ensaios 1930-1954. São Paulo: Cia das Letras/UFMG, 2008.

ARIAS, Patrícia. Luis Gonzalez: Microhistória e história regional. **Desacatos**. Número 21, may-agosto, 2006, p.177-186.

ATLAS DO DESENVOLVIMENTO HUMANO DAS REGIÕES METROPOLITANAS BRASILEIRAS. Série Atlas do desenvolvimento humano no Brasil. Brasília: PNUD; Fundação João Pinheiro. IPEA, 2014. 120p.

BANCO DO NORDESTE. Informações estaduais Rio Grande do Norte. [Natal]: BNB, 2012. Disponível em:

http://www.bnb.gov.br/content/aplicacao/etene/etene/docs/perfil_rio_grande_norte_2012_censo.pdf acesso: 16 Set. 2014.

BARRIERA, Darío. Las babas de la microhistoria del mundo seguro al universo de lo posible. **Prohistoria**. 1999. p. 177-186.

BARROS, José D'assunção. Sobre a feitura da micro-história. **OPSIS**. Vol 7. Número 09. Julho-Dezembro de 2007. p.167-185.

BARROS, José D'Assunção. **O projeto de pesquisa em história**: Da escolha do tema ao quadro teórico. 9ed. Petrópolis: Vozes, 2013a.

BARROS, José D'Assunção. **O campo da história**: Especialidades e abordagens. 9ed. Petrópolis: Vozes, 2013b.

BERDOULAY, Vincent. **Espaço e cultura**. In CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato. Olhares geográficos: Modos de ver e viver o espaço. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012. p.101-131.

BERTALANFFY, Ludwig Von. **Teoría General de los sistemas**: Fundamentos, desarrollo, aplicaciones. México: Fondo de Cultura Económica, 2006.

BENI, Mário Carlos. **Política e planejamento de turismo no Brasil**. São Paulo: ALEPH, 2006.

BRASIL. Decreto Lei 18.186. Rio Grande do Norte. 14 de abril de 2005.

BRASIL. MINISTÉRIO DO TURISMO. Secretaria Nacional de Políticas de Turismo. Departamento de Estruturação, Articulação e Ordenamento Turístico. Coordenação-Geral de Segmentação. **Turismo náutico**: orientações básicas. 3ed. Brasília: Ministério do Turismo, 2010. 66p.

BUCKLEY, Walter. **A sociologia e a moderna teoria de sistemas**. São Paulo: Cultrix, 1971.

BURKE, Peter (Org.). **A escrita da história**: novas perspectivas. São Paulo: UNESP, 1992.

CARVALHO, Aline Vieira de. **Entre ilhas e correntes**: A criação do ambiente em Angra do Reis e Paraty Brasil. São Paulo: Annablume, 2010.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dois ensaios de história**: Intencionalidade no descobrimento do Brasil. Natal: Imprensa Universitária do Rio Grande do Norte, 1965.

CASCUDO, Luís da Câmara. **História da cidade do Natal**. 3ed. Natal: RN Econômico, 1980.

CLEMENTINO, Maria do Livramento Miranda. **Complexidade de uma urbanização periférica**. 1990. 307f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Economia, Campinas, SP. Disponível em: <<http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000028345>>. Acesso em: 22 mai. 2015.

CORIOLOANO, Luzia Neide M. T. **Do Local ao global: O turismo litorâneo cearense**. Campinas: Papirus, 1998.

CORIOLOANO, Luzia Neide Menezes Teixeira. A exclusão e a inclusão social e o turismo. **Pasos** – Revista de Turismo y patrimônio cultural. Volume 03.Número 02.p.295-304.2005.

CORIOLOANO, Luzia Neide M.T. BARBOSA, Luciana Maciel. **Territórios solidários do turismo e práticas políticas de reprodução espacial**. In CASTILHO, Cláudio Jorge Moura de; SELVA, Vanice Santiago Fragoso. (Orgs.) Turismo, políticas públicas e gestão dos ambientes construídos. Recife: Editora Universitária, 2012.

COSTA, Jean Henrique; SOUSA, Michele de; (Org.) **Política de Turismo e Desenvolvimento: Reflexões Gerais e Experiências Locais**. Mossoró: Fundação Vingt-Um Rosado, 2010.

COSTA, Jean Henrique. **Políticas públicas, turismo e emprego no litoral potiguar**. Caderno virtual de Turismo. V.08.n.2.2008. p.115-129. Coppe Rio.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed/ Bookman, 2010.

CRUZ, Rita de Cássia Ariza da. **Políticas de turismo e (re) ordenamento de territórios no litoral do Nordeste do Brasil**. Universidade de São Paulo. Departamento de Geografia da Faculdade de Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Tese de doutorado. São Paulo, 1999. 203p.

CRUZ, Rita de Cássia Ariza da. **Política de Turismo e Território**. São Paulo: Contexto, 2001.

CRUZ, Rita de Cássia Ariza da. **Políticas públicas de turismo no Brasil: Significado, importância, interfaces com outras políticas setoriais**. In SOUZA, Maria José. (Org.). Políticas públicas e o lugar do turismo. Vol. I. Brasília: Universidade de Brasília, Departamento de Geografia; Ministério do Meio Ambiente, 2002. p.25-38.

DELATTRE, Pierre. **Teoria dos sistemas e epistemologia**. Lisboa: A regra do jogo, 1981.

DONA ANNA: Des soins de santé primaires au Nord-Est du Brésil. Produção e direção de Lucienne Lanaz. Un film documentaire de Lucienne Lannaz. Fondation Serra do Mel. Jura Films. 2003.60min.1DVD/Vídeo. Colorido.

DUARTE, Regina Horta. Por um pensamento ambiental histórico: O caso do Brasil. **Luso-Brazilian Review**, Volume 41, Number 2, 2004, pp. 144-161.

DUVAL, Guy. Teoría de sistemas: Una perspectiva constructivista. In RAMÍREZ, Santiago (coordinador). **Perspectivas en las teorías de sistemas**. 2ed. Universidad Nacional Autónoma de México. México: 2014. p.75-82.

EL SECRETO DE SUS OJOS. Direção de Juan José Canpanella. Produção Muriel Cabeza. Intérpretes: Ricardo Darín; Soledad Villamil; Pablo Rago; Jabier Godino; Guillermo Francella e outros. Roteiro: Eduardo Sacheri e Juan José Canpanella. Argentina. Europa Filmes: 2009. 124min. 1 DVD/Vídeo. Colorido.

ENDRES, Ana Valéria. **As políticas de turismo e os novos arranjos institucionais na Paraíba/Brasil**. Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Departamento de Sociologia e Ciência Política. Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política. Florianópolis, 2012. 332p.

FENZL, Norbert; MACHADO, José Alberto da Costa. **A sustentabilidade de sistemas complexos: Conceitos básicos para uma ciência do desenvolvimento sustentável: Aspectos teóricos e práticos**. Belém: NUMA/UFPA, 2009.

FERNANDES, Antônio Jânio. **A ética na produção do território turístico no litoral do Rio Grande do Norte – Natal (RN)**. In BORTOLOZZI, Arlêude (org.) Cidades reivindicadas: Territórios das lutas urbanas, das utopias e do prazer. São Paulo: Olho D'água, 2011a

FERNANDES, Antônio Jânio. **Transformações socioespaciais no litoral norte-riograndense: uma leitura das comunidades sobre o uso de seus territórios pelo turismo**. 2011.b 153 p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Geociências, Campinas, SP. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000837567&opt=1>>. Acesso em: 11 jul. 2016.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. **Culturas híbridas: Estrategias para entrar y salir de la modernidad**. Buenos Aires: Paidós, 2013.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. **Consumidores e cidadãos**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. **A sociedade sem relato**: Antropologia e estética da eminência. São Paulo: EDUSP, 2016.

GARCÍA, Rolando. **El conocimiento en construcción**: De las formulaciones de Jean Piaget a la teoría de sistemas complejos. Barcelona: Gedisa, 2000a.

GARCÍA, Rolando. **Conceptos básicos para el estudio de sistemas complejos**. In ENRIQUE LEFF (Coordinado). Los problemas del conocimiento y la perspectiva ambiental del desarrollo. 2ed. México: Siglo veintiuno editores, 2000b.

GARCÍA, Rolando. **Sistemas complejos**: Conceptos, método y fundamentación epistemológica de la investigación interdisciplinaria. Barcelona: Gedisa, 2006.

GARCÍA, Rolando. Interdisciplinarietà y sistemas complejos. **Revista latinoamericana de metodología de las ciencias sociales**. RelMeCS. Vol 1. N.01. Primer semestre de 2011.

GIL, Antônio Carlos. **Estudo de Caso**. São Paulo: Atlas, 2009.

GIL, Antônio Carlos. 2014. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6ed. São Paulo: Atlas, 2014.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**: O cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo: Companhia das letras, 2006.

GINZBURG, Carlo; CASTELNUOVO, Enrico; PONI, Carlo. **A Micro-História e outros ensaios**. Rio de Janeiro: DIFEL e Bertrand Brasil, 1989.

GOMES, Dias. **O Santo Inquérito**. 21ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

GRENDI, Edoardo. **Microanálise e história social**. In OLIVEIRA, Mônica Ribeiro; ALMEIDA, Carla Maria Carvalho de. (Orgs). Exercícios de Micro-História. Rio de Janeiro: FGV, 2009.

HALL, Colin Michael. **Planejamento Turístico**: Políticas, processos e relacionamentos. São Paulo: Contexto, 2001.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HARALAMBOPOULOS, Nicholas; PIZAM, Abraham. Perceived impacts of Tourism: The case of Samos. **Annals of Tourism research**. 1996. Vol 23. Número 03.p.503-526.

HRDLICKA, Hermann; MAGALHÃES, Hermínio Ribeiro. GALLIZIA, Kely Regina; GUEDES, Luciana Moreira. **Panorama do turismo náutico de lazer**. In TRIGO, Luiz Gonzaga Godói; PANOESSO NETO, Alexandre; ALDRIGUI, Mariana. Análises regionais e globais do turismo. São Paulo: Roca, 2005.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. 2010. Disponível em: <http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=241255&search=rio-grande-do-norte|sao-miguel-do-gostoso> acessado em 20 de outubro de 2016.

INVENTÁRIO TURÍSTICO 2014 – São Miguel do Gostoso/RN / Coordenador: Marcelo da Silva Taveira. – Currais Novos: UFRN, 2014. 73 p.

JIMÉNEZ MARTÍNEZ, Alfonso de Jesús. **Aproximação à conceituação do turismo a partir da Teoria Geral de Sistemas**. In TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. Análises regionais e globais do turismo brasileiro. São Paulo: Roca, 2005. p. 109-149.

KIM, Kyungmi; UYSAL, Muzafer; SIRGY, M. Joseph. How does tourism in a community impact the quality of life of community residents? **Tourism management**. n.36. (2013) p.527-540.

KINDGARD, Adriana Mercedes. Sobre historia regional y microhistoria italiana. Diálogos a propósito de una experiencia política local en la Argentina de 1930. **Historiela**. Revista de Historia regional y local. Vol 3, No. 5 / enero - junio de 2011. p.113-146.

LEVI, Giovanni. **Prefácio**. In OLIVEIRA, Mônica Ribeiro; ALMEIDA, Carla Maria Carvalho de. (Orgs). Exercícios de Micro-História. Rio de Janeiro: FGV, 2009.

LEVI, Giovanni. **Sobre a Micro-História**. In BURKE, Peter (org.). A escrita da História: Novas perspectivas. São Paulo: UNESP, 1992. p.133-161.

LIMA FILHO, Henrique Espada Rodrigues. **A micro-história italiana: Escalas, indícios e singularidades**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

LISPECTOR, Clarice. **Clarice na cabeceira: Crônicas**. Rio de Janeiro: Rocco, 2010.

LISPECTOR, Clarice. **A Hora da Estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

LOPES JÚNIOR, Edmilson. **A construção social da cidade do prazer: urbanização turística, cultura e meio ambiente em Natal (RN)**. 1997. 164f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em:

<<http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000122699>>. Acesso em: 10 set. 2016.

LUHMANN, Niklas. **Introdução a Teoria dos sistemas**. 2ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

MALHOTRA, Naresh. **Pesquisa de Marketing**. 6ed. Porto Alegre: Bookman, 2012.

MAN, Ronen. La microhistoria como referente teórico-metodológico. Un recorrido por sus vertientes y debates conceptuales. **Historia Actual on line**. Número 30. 2013. p.167-173.

MARCELINO, Ana Maria Teixeira. **Turismo e sua influência na ocupação do espaço litorâneo**. In RODRIGUES, Adyr Balastrieri (org.) Turismo e Geografia: Reflexões teóricas e enfoques regionais. 3ed. São Paulo: Hucitec, 2001.

MARCONI, Mariana de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia Científica**. 6ed. São Paulo: Atlas, 2011.

MARCONI, Mariana de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos da metodologia Científica**. 7ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MILLER, Francisca de Souza. **Aspectos da mudança social em São Miguel do Gostoso: uma comunidade de pescadores artesanais do Rio Grande do Norte**. In. LEITAO, Maria do Rosário de Fatima Andrade (Org). Pesca, turismo e meio ambiente. 1ed. Recife: EDFURPE, 2014. p.107-120.

MIRAMONTES, Pedro. El estructuralismo dinámico. In RAMÍREZ, Santiago (coordinador). **Perspectivas en las teorías de sistemas**. 2ed. Universidad Nacional Autónoma de México. México: 2014. p.83-95.

NAZUNO, Jesús Figueroa. Los sistemas complejos: una perspectiva contemporánea. **Revista del Centro de Investigación**. Universidad La Salle, vol. 8, número 30, julio-diciembre, 2008, pp.5-13.

NERI, Emanuel. **Cabeças do vento: A história e as estórias de São Miguel do Gostoso sob o olhar da família Teixeira Neri, a partir de relatos e memórias da matriarca Isabel Neri**. Natal: Conteúdo Editorial, 2013.

OCAMPO LÓPEZ, Javier. La microhistoria en la historiografía general. **Historiolo**. Revista de Historia regional y local Vol. 1, No. 1, Junio 2009. p. 201-228.

ORTÍZ ESPEJEL, Benjamín; DUVAL BERHMAN, Guy; ANDRADE FRICH, Bodil; ESPINOZA GUZMÁN, Marco Antonio; MADRIGAL GONZÁLEZ, Sergio. Sistemas complejos e investigación participativa: Consideraciones teóricas, metodológicas y epistémicas para el estudio de las organizaciones sociales hacia la sustentabilidad. **Sociedades rurales, producción y medio ambiente**. Año 2011. Vol 11. Número 22. 2011. p.133-150.

PAGE, Stephen. **Tourism management: An introduction**. 4ed. New York: Routledge, 2013.

PASEK DE PINTO, Eva. Como construir categorias em Microhistoria? **Revista de Artes y Humanidades**. ÚNICA. Vol 7. Número 16, mayo-agosto, 2006. Venezuela. p. 85-97.

PANOSSO NETO, Alexandre. **Filosofia do turismo: Teoria e epistemologia**. 2ed. São Paulo: Aleph, 2011.

PELTONEN, Matti. Indicios, márgenes y mónadas. Acerca del advenimiento de la nueva microhistoria. **Prohistoria**. 3. 1999. p.193-205.

PESSOA, Zoraide Souza. **A metrópole periférica: identidade e vulnerabilidade socioambiental na Região Metropolitana de Natal-RN/Brasil**. 2012. 276 p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP.

QUINTANA, Claudio. Políticas públicas de turismo no Uruguay (1986-2010). **Pasos**. Revista de Turismo y Patrimonio Cultural. Vol. 14 N.o 3. Special Issue Págs. 725-736. 2016.

RABINOVICI, Andrea. **Organizações não governamentais e turismo sustentável: trilhando conceitos de participação e conflitos**. 2009. 311 p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em: <<http://libdigi.unicamp.br/document/?code=000465869>>. Acesso em: 22 jun. 2016.

RAND, William. **Sistemas complexos: Conceitos, literatura, possibilidades e limitações**. In: FURTADO, Bernardo Alves; SAKOWSKI, Patrícia; TÓVOLLI, Marina H. (editores). Modelagem de sistemas complexos para políticas públicas. Brasília: Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas (IPEA), 2015. p.43-63

REVEL, Jacques. Micro versus macro: Escalas de observación y discontinuidad en la Historia. **Tempo Histórico**. n.2. Santiago/Chile, 2011. p. 15-26.

REVEL, Jacques. Micro-história, macro-história: o que as variações de escala ajudam a pensar em um mundo globalizado. **Revista Brasileira de Educação**. vol. 15, núm. 45, septiembre-diciembre, 2010, pp. 434-444.

RODRIGUES, Adyr Balastreri. **Percalços do planejamento turístico: O PRODETUR/NE**. In RODRIGUES, Adyr Balastreri (Org.). Turismo e Geografia: Reflexões teóricas e enfoques regionais. 3ed. São Paulo: Hucitec, 2001. p.147-162.

SACHS, Ignacy. **Desenvolvimento includente, sustentável, sustentado**. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

SÃO MIGUEL DE TOUROS. **Lei orgânica do município de São Miguel de Touros**. Câmara Municipal de São Miguel de Touros. 1997.

SEBRAE/RN. **Diagnóstico e plano estratégico de desenvolvimento do município de Touros/RN**. Natal: SEBRAE, 1999.

SELVA, Vanice Santiago Fragoso. **Uma abordagem acerca de políticas públicas e gestão municipal do turismo**. In CASTILHO, Cláudio Jorge Moura de; SELVA, Vanice Santiago Fragoso. (Orgs.) Turismo, políticas públicas e gestão dos ambientes construídos. Recife: Editora Universitária, 2012. p.

SEN, Amartya. **Desenvolvimento como liberdade**. São Paulo: Companhia das letras, 2000.

SERNA, Justo; PONS, Anaclet. En su lugar. Una reflexión sobre la historia local y el microanálisis. **Prohistoria**. n.6. 2002. p. 107-126.

SHARPE, Jim. A história vista de baixo. In BURKE, Peter (Org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: UNESP, 1992. p.39-62.

SICHMAN, Jaime Simão. **Operacionalização de sistemas complexos**. In FURTADO, Bernardo Alves; SAKOWSKI, Patrícia; TÓVOLI, Marina H. (editores). Modelagem de sistemas complexos para políticas públicas. Brasília: Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas (IPEA), 2015. p.97-138.

SILVERMAN, David. **Interpretação de dados qualitativos**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed/ Bookman, 2009.

SIMON, Herbert. **As ciências do artificial**. Coleção Stvdium. Editora Armênio Amado. Coimbra, 1981

SOUSA, Plínio Guimarães de. **A mão invisível sobre a turistificação do espaço litorâneo nordestino**. In CASTILHO, Cláudio Jorge Moura de; SELVA, Vanice

Santiago Fragoso. Turismo, políticas públicas e gestão dos ambientes construídos. Recife: UFPE, 2012. p.153-168

SOUSA, Plinio Guimaraes de; MATIAS, Esdras Matheus; SELVA, Vanice Santiago Fragoso. Do turismo residencial aos complexos turísticos imobiliários: a apropriação da zona costeira do nordeste brasileiro pela atividade turística imobiliária. **Ambiente & Sociedade**. Número 03. Volume 19. São Paulo. p. 177-198. Julho/Setembro de 2016.

SUAREZ, Cristiane Ferraz e Silva. **Turismo sustentável, qualidade de vida e políticas públicas em Unidades de Conservação: Um estudo de caso em Vargem-SP (Apa do sistema Cantareira)**. 2010. 241p. Tese (Doutorado). Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Núcleo de Estudos e Pesquisas Ambientais. Doutorado em Ambiente e Sociedade. Campinas/SP.

TABOSA, Willian Farkatt. **Anteprojeto de pousada em São Miguel de Touros-RN**. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Tecnologia. Departamento de Arquitetura e Urbanismo. Natal: 2000. 58p.

TARRIDE, Mario. Complejidad y sistemas complejos. **Hist. cienc. Saúde - Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 46-66, jun. 1995. Disponible en <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59701995000200004&lng=es&nrm=iso>. Accedido en 17 jun. 2015. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-59701995000200004>.

TAVEIRA, Marcelo da Silva. **Turismo e comunidades de praia: São Miguel do Gostoso no caminho do mar e na direção dos ventos**. 2015. 363p. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Natal/RN.

TAM NAS NUENS. São Paulo: Tam/New Content Editora e Produtora Ltda. Ano 08. Número 99. Março de 2016. 154p.

TRINDADE, Tiago Cantalice da Silva. **“Dando um banho de carinho!”** – Os caça gringas e as interações afetivo-sexuais em contextos de viagens turísticas (Pipa-RN). Universidade Federal de Pernambuco. Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Departamento de Ciências Sociais. Programa de Pós-Graduação em Antropologia. Dissertação de mestrado. Recife, 2009. 260p.

URRY, John. **O olhar do turista: Lazer e viagens nas sociedades contemporâneas**. 3ed. São Paulo: 2001.

VÁZQUEZ RAMÍREZ, Diana; OSORIO GARCÍA, Maribel; ARELLANO HERNANDÉZ, Antonio; TORRES NAFARRATE, Javier. El turismo desde el pensamiento

sistémico. **Investigaciones Turísticas**, [S.l.], n. 5, p. 1-28, enero - jun. 2013. Disponible en: <<http://www.investigacionesturisticas.es/iuit/article/view/80>>. Fecha de acceso: 17 jun. 2015 doi: <http://dx.doi.org/10.14198/INTURI2013.5.01>.

VEIGA, José Eli da. Indicadores socioambientais: Evolução e perspectivas. **Revista de Economia Política**. Vol. 29, n^o 4 (116), pp. 421-435, outubro-dezembro/2009.

VELASQUEZ, Guilherme García; OLIVEIRA, Josildete Pereira. Teoria geral dos sistemas: reflexão e trajetória. **Investigaciones turísticas**. N^o 11, enero-junio 2016, 165-195

VIAGEM E TURISMO. São Paulo: Editora Abril. Edição 239. Setembro de 2015. 130p.

VIRGÍNIO, D. F. e FERNANDES, L. V. **Responsabilidade socioambiental na hotelaria**: um estudo na Via Costeira de Natal, RN. Caderno Virtual de Turismo. Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p.220-233, ago.2011.

YIN, Robert K. **Estudo de caso**: Planejamento e Métodos. 4ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.

YÚDICE, George. **A conveniência da cultura**: usos da cultura na era global. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2004.

ZULUAGA RAMÍREZ, Francisco Uriel. Unas gotas: Reflexiones sobre la historia local. **Revista Historia y Espacio**. n.27. 2006a. p.1-11.

ZULUAGA RAMÍREZ, Francisco Uriel. Las formas de hacer Historia local. I parte. **Revista Historia y Espacio**. n.26. 2006b. p.109-133.